

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

PRISCILLA CALMON DE ANDRADE

**NARRATIVAS CONTROVERSAS:
As tramas emergentes da ciberguerra do
#Wikileaks**

VITÓRIA

2013

PRISCILLA CALMON DE ANDRADE

**NARRATIVAS CONTROVERSAS:
As tramas emergentes da ciberguerra do
#Wikileaks**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Malini.

VITÓRIA

2013

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio Malini
Orientador

Prof. Dr. Fabio Gomes Goveia

Prof. Dr. José Antônio Martinuzzo

Vitória, _____ de _____ de 2013.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar, devo a Deus toda a ajuda e conforto nos momentos de desespero, nas inúmeras dúvidas ao longo do caminho e sobretudo às diversas tentativas de abandono do projeto. Devo a ele a força para acreditar que a conclusão desse trabalho seria possível.

Aos meus pais, obrigado pela confiança, por me deixarem no silêncio quando era preciso, por entenderem a minha ausência em momentos importantes e por estarem ao meu lado em todo instante. À minha mãe, Valquiria, só tenho a agradecer por todo amor e carinho, além das palavras de apoio, sempre acreditando no meu trabalho e na minha competência, sem você eu não chegaria até aqui!

Ao meu pai, Elimar, obrigada pela paciência e por entender que o estudo faz parte do que sou e que estará sempre presente nos planos da minha vida, você é um grande vitorioso e me inspira a batalhar pelos meus sonhos a cada dia. À minha irmã pentelha, Bruna, obrigada por estar por perto quando preciso de alguém pra descontar a minha raiva de TCC e me ajudar em projetos paralelos nesse caminho.

Não podia deixar de agradecer ao meu companheiro e namorado, Rafael, que me ajudou nos momentos de angústia, desespero e aflição. Esse trabalho também tem um pedacinho seu. Obrigada por ter ficado do meu lado durante essa dura caminhada, entendendo minhas ausências e falta de paciência, o seu amor me deu força para seguir em frente.

À toda a minha família, obrigada por entender minhas inúmeras ausências nesse período de imersão no trabalho de conclusão de curso. Agora já posso voltar a curtir cada segundo com vocês. Aos amigos e amigas, Raiza, Gabriela, Luanna, Larissa, Vitor, Lennon e muitos outros importantes nessa trajetória, obrigada pelos conselhos, pelas palavras de motivação e pelo amor incondicional.

Ao amigo companheiro de Wikileaks e que teve grande participação em toda essa aventura ativista, Allan Cancian, obrigada pela parceria e por ter me ajudado a categorizar tantos e tantos *tweets*, por me aguentar nas horas de chororô, por estar sempre ao meu lado quando preciso de um ombro amigo. Esse trabalho é nosso!

Ao orientador, Fábio Malini, obrigada pela experiência indescritível de poder entender o mundo a partir de uma outra lógica, a partir da construção de uma narrativa que está nas mãos de todos e aos inúmeros conhecimentos adquiridos ao longo desse um ano de Labic. Ao professor e também coordenador do Labic, Fábio Goveia, agradeço pelos conselhos que me fizeram seguir em frente com essa pesquisa.

Amigos do Labic, vocês não podiam ficar de fora. Só tenho que agradecer a cada um de vocês, Gabriel, pelos conselhos sábios e pertinentes, Jean, com sua expertise em programação que ajudou no caminho do *Gephi*, Lori, peça recém adquirida no Labic, mas que devo muito pelo trabalho de “mentora”, foram muitas orientações, traduções, pitacos e conversas inspiradoras que me fizeram acreditar este trabalho serviria para um bem compartilhado. Muito, muito obrigada a todos vocês!

Sem todos vocês nada disso seria possível. À cada um que direta ou indiretamente fez parte desse projeto, meus sinceros agradecimentos! O sabor da vitória não seria o mesmo se eu não tivesse vocês ao meu lado!

“Apresentar o inimigo como encarnação do mal serve para torná-lo absoluto, assim como à guerra contra ele, tirando-o da esfera política- o mal é o inimigo de toda a humanidade.”
Antonio Negri e Michael Hardt

RESUMO

O ano de 2010 disseminou em todo o mundo a maior quantidade de documentos confidenciais já divulgados na história da imprensa. Esse vazamento foi proporcionado por um importante órgão criado no ano de 2006, a organização sem fins lucrativos, Wikileaks. É sobre essa célebre instituição que retrataremos nesse trabalho, apresentando as transformações que o seu nascimento ocasionou para a sociedade e sobretudo para o campo do jornalismo.

O surgimento das novas formas de comunicação online deu aos cidadãos de todo o mundo o poder de compartilhar e de estar online a um clique. Soma-se a isso, uma organização que consegue tornar ainda mais transparente as transações governamentais e de instituições, e se terá o panorama de um debate enorme em torno de importantes temas, como a liberdade de expressão e informação, a privacidade, as relações políticas mundiais entre inúmeros outros tópicos.

Neste trabalho, destacaremos o pós-Wikileaks, com as mudanças provocadas pela criação do site para o jornalismo, para as formas de conflito em rede e para a potencialização de uma política de escândalo a partir de uma cultura do vazamento. Para isso, realizaremos a cartografia das controvérsias envolvidas na hashtag #Wikileaks, que em um período específico na história da organização, de 6 de agosto de 2012 a 20 de novembro do mesmo ano, apresentou características peculiares e que demonstram o comportamento da rede emergente sobre o tema.

Essa análise será feita a partir de um importante software denominado *Gephi*, que nos permitiu o aprofundamento em questões fundamentais dessa narrativa, como quem são os atores centrais? Quais são os principais temas discutidos? Quais comunidades estão mais densamente conectadas? Quem são as pessoas mais influentes na rede? É a resposta para essas perguntas que desenvolveremos como objetivo final do nosso trabalho.

Palavras-chave: Wikileaks. Jornalismo. Gephi. Cartografia das controvérsias.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Tweet</i> feito pelo usuário @Freelancer_09	47
Figura 2 - <i>Tweet</i> realizado pelo hacktivista The Jester	48
Figura 3 - Comunicado do coletivo Anonymous a favor de Assange com a Operação Vingança.....	49
Figura 4 - Grafo de Leonard Euler	68
Figura 5 - Grafo geral com a estatística grau da rede.....	70
Figura 6 - Núcleo da rede formada a partir da estatística de grau	71
Figura 7 - Momento inicial da formação da rede	72
Figura 8 – Momento em que as conexões começam a aparecer.....	72
Figura 9 - Estágio final de formação da rede, com os links já estabelecidos	73
Figura 10 - Os dez perfis que tiveram o maior número de conexões (grau)	73
Figura 11 - Visão geral do grafo com a aplicação da estatística de grau de entrada a partir do layout de Fruchterman-Reingold	75
Figura 12 - Perfis que tiveram o maior número de retuites e conseqüentemente um alto valor de grau de entrada.....	76
Figura 13 - Visão geral do grafo formado por autoridades	77
Figura 14 - Zoom no núcleo da rede a partir da métrica de autoridade.....	78
Figura 15 - Zoom no centro do grafo formado pela métrica de hub	78
Figura 16 - Rede formada pela métrica de centralidade de proximidade.....	80
Figura 17 - Seleção das conexões do nó @Wikileaks a partir da estatística de centralidade de proximidade e os vértices que mostram suas conexões.....	81
Figura 18 - Grafo formado pela estatística de centralidade de intermediação	83
Figura 19 - Conexões do nó @StanleyBurburin em destaque na cor rosa.....	84
Figura 20 - Visão geral da rede constituída pela estatística de centralidade de autovetor.....	85
Figura 21 - Filtro aplicado que seleciona os nós que tiveram o maior valor de centralidade de autovetor	86
Figura 22 - Layout Fruchterman-Reingold aplicado a estatística de modularidade.....	87
Figura 23 - Mapa mental formado pela controvérsia de liberdade de expressão e informação	93
Figura 24 - Mapa mental a partir do tema privacidade	94

Figura 25 - Mapa mental do tema questões políticas sobre o Wikileaks	96
Figura 26 - Mapa mental dos vazamentos	100
Figura 27 - Mapa mental dos ataques hackers.....	104
Figura 28 - Mapa mental formado pela controvérsia de investigação policial e cibercrimes	106
Figura 29 - Mapa mental relacionado a polêmicas sobre os atores do Wikileaks.....	110
Figura 30 - Mapa mental sobre os <i>tweets</i> referentes a manutenção da organização	115
Figura 31 - Mapa mental sobre trollagem	117

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Porcentagem de controvérsias presentes nos <i>tweets</i> dos 10 perfis mais retuitados com valores arredondados	91
Tabela 2 - <i>Tweets</i> minerados referentes a liberdade de expressão e informação	93
Tabela 3 - <i>Tweets</i> sobre a controvérsia de privacidade	94
Tabela 4 - <i>Tweets</i> sobre questões políticas	96
Tabela 5 - <i>Tweets</i> referentes aos vazamentos	100
Tabela 6 - <i>Tweets</i> sobre hacktivismo.....	105
Tabela 7 - <i>Tweets</i> sobre investigação policial e cibercrimes.....	107
Tabela 8 - <i>Tweets</i> sobre polêmicas dos atores da organização.....	112
Tabela 9 - <i>Tweets</i> sobre manutenção da organização.....	115
Tabela 10 - <i>Tweets</i> sobre Trollagem.....	117

SUMÁRIO

Introdução	13
1. Do surgimento da Internet ao processo de colaboração online.....	19
1.1.Os primórdios da publicação na rede	19
1.2 Web 1.0: o surgimento dos primeiros sites e a emergência da cultura do usuário	24
1.3.Web 2.0: poder de colaboração e compartilhamento na mão de todos.....	32
1.3.1 O nascer da web 2.0 e a era dos perfis	32
1.3.2. Do surgimento de novas subjetividades à urgência da notícia.....	35
2. O jornalismo em tempos de Wikileaks	42
2.1 O nascer da ciberguerra do Wikileaks: os vazamentos de 2010	42
2.2 Pós-Wikileaks: as transformações no fazer jornalístico	50
2.3 Da política do escândalo a cultura do vazamento	56
3. Cartografia das controvérsias emergentes do #Wikileaks	62
3.1 A figura enigmática de Julian Assange	62
3.2 Panorama da rede	66
3.2.1 A formação de grafos no Gephi	67
3.2.2 Grau	69
3.2.3 Grau de Entrada.....	74
3.2.4 HITS	76
3.2.5 Centralidade de Proximidade	79
3.2.7 Centralidade de intermediação	81
3.2.8 Centralidade de autovetor.....	84
3.2.8 Modularidade	87
3.3 Metodologia de análise da rede emergente	88
3.4 Análise das controvérsias.....	91
3.4.1 Liberdade de expressão e informação	92
3.4.2 Privacidade	94
3.4.3. Questões políticas envolvendo o Wikileaks.....	95
3.4.4 Vazamentos	100
3.4.5 Hacktivismo	104
3.4.6 Investigação Policial e Cibercrimes	106

3.4.7 Polêmicas sobre os atores do Wikileaks	109
3.4.8 Manutenção da organização	115
3.4.9 Trollagem	117
Conclusão	119
Referências Bibliográficas	124

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é fruto de um árduo trabalho iniciado há um ano de análise em torno de um tema que despertou a atenção de todo o mundo pela grandiosidade de suas ações e repercussões na mídia, a organização Wikileaks. Criada no ano de 2006, foi somente em 2010 que o site conquistou a esfera mundial, a partir dos vazamentos em séries que comprometiam países de todas as partes do globo. Durante algum tempo, o foco desta pesquisa dedicou-se ao estudo do caso mais importante da organização, denominado Cablegate, quando milhares de telegramas confidenciais envolvendo diversas embaixadas e países foram parar no domínio público.

Essa imensidão de dados, que ganhou forte repercussão na mídia, chamou a atenção para a investigação das possíveis causas que ajudaram a localizar a organização no centro de um debate mundial em torno de temas recorrentes no cenário libertário inaugurado pela internet, como a liberdade de expressão, informação, questões relacionadas a privacidade, entre muitos outros assuntos. O desafio inicial do projeto, tanto para nós pesquisadores, como suponho ser também para o Wikileaks, foi, portanto, buscar formas de analisar o grande volume de dados através de ferramentas digitais dos dias atuais, como softwares e programas de mineração e visualização de dados na internet.

Enfim, ultrapassar essa barreira dos dados seria o principal desafio a ser superado nesse estudo. E os obstáculos não foram poucos. Com a falta de conhecimento em ferramentas de análise conteúdo, o estudo inicial era feito manualmente, *tweet* por *tweet*. Mas não tardou para que a web nos oferecesse novas formas de conhecimento que seriam mais práticas e eficazes para compreensão dessas redes online. O primeiro passo do avanço dado em direção à análise semântica e de rede se daria através do aprofundamento na metodologia de trabalho denominada cartografia das controvérsias.

Mas para que possamos chegar à análise dessa “big data” relacionada ao Wikileaks, passamos por alguns caminhos, onde pudemos entender como desde o surgimento da internet, o início dos primeiros sites, até chegar a web 2.0 possibilitaram o nascimento da organização Wikileaks, que funciona de modo colaborativo, assim como tantas outras que tem a mesma estrutura, como Wikipedia e o OhMyNews, por exemplo.

É válido ressaltar que até chegar às mãos do cidadão comum, as ferramentas de publicação passaram por inúmeras mudanças, fruto de um amadurecimento da publicação na web, que foi se alterando a cada dia desde o surgimento do primeiro computador. Para compreender esse cenário, o diálogo com alguns autores foi fundamental. A começar por Manuel Castells, Pierry Lévy, Steve Johnson, Raquel Recuero, Richard Barbrook, Howard Reingold, Lev Manovich, Janet Murray, Dan Gillmor, pensadores da cibercultura, que discutiram a potencialização das formas de interação entre pessoas através da consolidação da Internet. Além deles, outras figuras foram imprescindíveis para que se pudesse entender as transformações ocasionadas no jornalismo a partir dos anos 90, como Sylvia Moretzsohn, Cláudia Quadros e Dominique Wolton. O entendimento do universo Wikileaks e suas nuances também só foi possível graças a importantes autores, como John Arquilla e Ronfeldt, discutindo o conceito de guerra em rede; David Leigh, Luke Harding, José Domingos e Sérgio Couto, que apresentaram um panorama geral dos acontecimentos envolvendo a organização; Christofletti, Oliveira, Gutiérrez-Rubi, Sérgio Amadeu, Alex Primo e Marcelo Träsel, que discutiram o conceito do jornalismo pós-Wikileaks e John Thompson e Mário Rosa trazendo ao debate o conceito de escândalo midiático.

A metodologia deste trabalho consiste, portanto, em três vertentes: pesquisa bibliográfica, pesquisa histórica e pesquisa empírica. Inicialmente é apresentada uma visão teórica e bibliográfica acerca de temas fundamentais para a discussão aqui iniciada. A começar por literaturas básicas sobre a história da internet, o estudo de redes, conceitos de participação, compartilhamento e colaboração. Dessa forma, será levantado argumentos e discussões sobre a potencialização das formas de comunicação mediadas pelo computador, situando como a era do escândalo dominada pela política hegemônicas dos meios de comunicação foram alteradas pela cultura do vazamento.

Por último, é feita uma pesquisa empírica, com base na análise de *tweets* referentes a hashtag #Wikileaks, visualizados através de um software denominado *Gephi* que permite o aprofundamento em importantes questões acerca da rede formada. Para que esse processo de mineração seja possível, temos que inserir a hashtag em um programa de filtragem de dados denominado *YourTwappperKeeper*. Nele, podemos inserir qualquer hashtag desejada e a partir dessa informação todos os *tweets* referentes a ela estarão sendo rastreados no microblogger *Twitter*.

O *YourTwrapperKeeper* é um software que fica instalado nos servidores do computador e compila os *tweets* pesquisados em um arquivo geral, que pode ser de diversas extensões, como o formato .csv, utilizado neste trabalho. Após um período de três meses de rastreamento da hashtag #Wikileaks os dados foram finalmente coletados. O passo seguinte da pesquisa foi dividir esse material em dois arquivos, retuites e menções. Essa divisão é feita através de um script processado na linguagem de programação “R”, encontrado em um blog, que serve para que seja possível compilar essas informações em um arquivo de texto contendo, por exemplo, quem realizou o *tweet*, a hora e até mesmo o local de onde ele foi feito. Após uma série de modificações ao script original, realizado por um pesquisador do Laboratório de Imagem e Cibercultura (Labic), Jean Medeiros, foi possível gerar um arquivo de informações que além de ter as informações básicas do *tweet*, também dizia quem realizou quanto quem deu o retuite, além do seu conteúdo e horário.

Com esses dados em mãos, foi selecionada para análise cartográfica apenas os RTs, importante ferramenta para descobrir a origem das informações. O arquivo gerado pelo *YourTwrapperKeeper* permitia tanto a visualização dos dados no *Gephi* quanto em uma tabela de dados que poderia ser exportada para o Excel. Logo, o trabalho foi desenvolvido basicamente sob essas duas vertentes, ora visualizando os grafos com os algoritmos e métricas que permitem ressaltar características peculiares na rede, como os perfis que foram mais retuitados, as comunidades formadas, as pessoas mais centrais na rede, entre outras informações, ora combinando essa visualidade dos grafos com a análise de conteúdo das informações disponíveis na tabela do Excel. Esse processo permitiu a formação de uma visão panorâmica sobre as narrativas construídas em torno dessa hashtag, a partir de uma análise estrutural, entendendo como a rede está organizada, como podem ser observadas as conexões na rede, e também os aspectos dinâmicos e de composição, ou seja, qual é o capital social dos atores da rede, os tipos de conexões e se essas figuras cooperam, colaboram ou entram em conflito (RECUERO, 2011).

Iniciaremos o primeiro capítulo desta pesquisa com a abordagem do nascer da internet, destacando sua genealogia e transformações. Aqui, apresentamos como a Arpanet e redes paralelas a ela, como os BBs, impulsionaram o surgimento das primeiras formas de comunicação online. Funcionando como um sistema de quadro de avisos, os BBS permitiam que os arquivos fossem transferidos entre computadores pessoais, possibilitando a distribuição de softwares gratuitos, aplicativos, além da participação em fóruns de discussões

e jogos online. Cercada por três grandes culturas, a tecnomeritocrática, a hacker, a comunitária virtual e a empresarial, como destacada Castells (2003), a internet nascia em um ambiente seguro com mentes brilhantes e pesquisadores acadêmicos.

Em pouco tempo, nascia a web 1.0, com o surgimento dos primeiros sites e a emergência da cultura do usuário povoando a rede com seus dispositivos de mídia comunitária. A Usenet aparecia para configurar a rede dos usuários, funcionando segundo a lógica de postagem em fóruns organizados por diversos assuntos. A Internet gráfica como vemos hoje ainda não existia, era uma interface simples, que só permitia a leitura, pois a publicação e manuseio ficavam por conta daqueles que entendiam a linguagem HTML (*Hypertext Markup Language*). Em seguida, vem a fase mais madura da web, a 2.0, caracterizada pelo nascer dos perfis, quando o usuário deixa de ser dono da sua “home” e passa a ter a sua própria “timeline”, passando a interagir fortemente na rede e publicar seus interesses nas redes sociais. Todos agora podiam escrever, ler, publicar, ser a sua própria mídia e criar os seus próprios canais de notícias. O cidadão comum, através do seu perfil, podia agora expressar suas ideias. O surgimento dessas novas subjetividades, com o nascer dos blogs, redes sociais e portais de notícias, fazia emergir as transformações no jornalismo, com a urgência da notícia. Diante da rapidez proporcionada pela nova forma de se publicar e com as ferramentas nas mãos de todos, os veículos de comunicação se viram em meio a uma transformação obrigatória, em que, para sobreviver a competição de “quem publica primeiro” só havia uma saída, era preciso alterar o funcionamento de sua mão de obra, a notícia.

Com o poder de publicação na mão de todos, muitas mudanças tornaram-se evidentes no rumo da história. Os conflitos da nossa época se organizariam com base na comunicação, na qual aqueles que estivessem configurados em rede, sairiam à frente. É sobre esse cenário que discutiremos no segundo capítulo. Apresentando como a organização Wikileaks se estrutura no contexto da ciberguerra, na qual a disputa se dá pelo controle da informação, em que os protagonistas desse conflito utilizam as formas de organização em rede, além de doutrinas, estratégias e tecnologias da nossa época para garantirem a sua vitória.

Portanto, nessa segunda parte do trabalho veremos um panorama geral da organização Wikileaks, desde o seu surgimento até os vazamentos que abalaram a política hegemônica dos meios de comunicação e países de todo o mundo. Em seguida, destacaremos o jornalismo pós-Wikileaks, apresentando o cenário para a emergência de uma nova forma de exercer a

função de jornalista e de lidar com as notícias. É o tempo do “jornalismo big data”, preconizado por Berners Lee (2010) como o futuro da profissão. Por último, teremos a noção de como a política do escândalo, lógica de funcionamento dos meios de comunicação de hoje, foram potencializados pela cultura do vazamento, na qual o Wikileaks opera. Através de uma lógica que reina nos meios de comunicação, tanto online, quanto tradicionais, o “furo”, ao vazarem informações confidenciais e sigilosas, passa a ser cada vez mais disputada pelos veículos de comunicação. Como destaca Castells (2009) se a política midiática é a política da Era da Informação, a política do escândalo é o instrumento para resolver os conflitos políticos de nosso tempo.

Neste cenário, povoado por incertezas, momentos de crises e debates em torno de problemas recorrentes ao redor do #Wikileaks, iremos cartografar as controvérsias da rede. Bruno (2010) explica que o processo de análise das controvérsias nos permite a construção de tecnologias voltadas para a incrementação do debate público e político, com a criação de meios que nos permitem visualizar um “mapa”, onde é possível enxergar posições, ações e consequências de ações sobre uma matéria em particular, possibilitando ao cidadão agir publicamente e politicamente.

O último capítulo, portanto, irá nos apresentar as cartografias das controvérsias da hashtag #Wikileaks, minerados do dia 06 de agosto de 2012 ao dia 20 de novembro do mesmo ano. Será apresentada uma visão geral sobre a figura mais importante em torno da organização, o seu fundador, Julian Assange. É sobre ele as maiores controvérsias apresentadas neste período específico, fase, por exemplo, na qual o editor-chefe do site encontrava-se sobre asilo político concedido pelo Equador. Após a explicação da metodologia do trabalho empírico, com a formação dos *grafos* no *Gephi*, nos aprofundaremos no panorama da rede, detalhando estatísticas importantes que este software nos possibilita analisar, como grau, grau de entrada, hits, modularidade, centralidade de intermediação, centralidade de aproximação e centralidade de autovetor.

Por último, utilizaremos a estatística de grau de entrada, ou seja, a quantidade de retuites que um perfil recebeu, para analisarmos empiricamente os principais perfis envolvidos nessa narrativa. Aqui, serão criadas algumas categorias para os *tweets*, como o tipo de tuiteiro, qual é a controvérsia debatida, a atitude e a posição política do *tweet*. Isso nos ajudará na construção do mapa das controvérsias, analisando cada discussão específica, como liberdade

de expressão e informação, privacidade, questões políticas envolvendo a organização, hacktivismo, entre outros.

Quem são os atores centrais nessa narrativa? Quais polêmicas controversias eram mais recorrentes? Quem participou mais ativamente na discussão de determinado tema? Qual debate não instigou a rede em múltiplas opiniões? É sobre essa incerteza compartilhada ao redor do tema que chamamos de cartografia das controversias que analisaremos neste trabalho, o debate em torno de questões ainda não fechadas, não concluídas, situações nas quais os atores concordam, discordam, argumentam (LEMOS, 2013). Mas lembrando, que de forma alguma, a resposta para essas perguntas demonstram o final dessa intrigante narrativa.

1. Do surgimento da Internet ao processo de colaboração online

1.1. *Os primórdios da publicação na rede*

Para entrarmos no processo de investigação desse trabalho, em como as mídias tradicionais foram superadas pela linguagem das novas mídias, um estudo sobre a genealogia da internet se faz necessário. É importante compreendermos as transformações que foram desencadeadas desde o surgimento da Internet até os dias atuais, em que o poder de distribuição e publicação de informação foram intensificados pelas ferramentas de comunicação de hoje, formando assim novas subjetividades, que alteraram a construção das narrativas no meio online.

A genealogia da Internet está associada ao imaginário tecnológico da Guerra Fria, em que a busca por uma rede unificada de informação acirrava a disputa dos dois mundos, Estados Unidos e União Soviética. O primeiro Sputnik¹ criado pelo lado comunista colocava em perigo os anseios dominadores dos Estados Unidos e levaram o país a criação, com apoio do presidente Dwight D. *Eisenhower*, em 1957, da Advanced Research Projects Agency (ARPA), com objetivo de alcançar a superioridade militar através de avanços tecnológicos (CASTELLS, 2003).

O projeto inicial do que viria a ser a Internet se formou anos antes, em 1950, com os estudos de Paul Baran, engenheiro contratado pela *Rand Corporation* para cumprir a tarefa de desenvolver um sistema de comunicação que sobrevivesse aos ataques nucleares. Baran se baseou em um modelo de rede distribuída, em que cada nó podia ter inúmeras ligações com outros nós, o que impossibilitava a quebra de comunicação, caso algum deles fosse destruído. Entretanto, a proposta de Baran para o novo sistema de comunicação não seria possível pela tecnologia analógica da época, era preciso avançar para um sistema digital. Surge então nessa fase, o embrião da Internet, a comutação por pacote, cuja ideia era fragmentar mensagens em pequenos pedaços para transportar ao longo da rede e que seriam remontadas no seu destino final, formando então a mensagem original. A ideia de Baran era audaciosa e a A&T

¹ Sputnik foi o nome dado ao programa construído pelos soviéticos para a primeira série de satélites artificiais, com objetivo de estudar as capacidades de lançamento de cargas úteis para o espaço, além dos efeitos da radiação, peso e propriedades da superfície terrestre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sputnik>>. Acesso 20 jan. de 2013.

(monopólio de comunicação da época) preferiu boicotar a ideia do engenheiro. Sem investidores, a proposta foi arquivada (CASTELLS, 2003).

Apesar dos esforços precursores de Baran para a comutação em pacote, foi a ARPA que deu vida ao projeto da Internet. Embora fosse subsidiada pela Defesa dos Estados Unidos, o centro de pesquisas tinha muita autonomia em seus projetos paralelos. Nessa fase, a comunicação entre os computadores e a troca de dados ainda era um grande desafio a ser superado. Preocupado com os gastos excessivos que a falta de comunicação entre os *big computadores* da agência ocasionavam, o psicólogo e diretor de programa de computação da Arpa, Bob Taylor, iniciou em 1965 o financiamento da primeira rede de computadores da época. Taylor ressuscitou o projeto de Baran, com base na comunicação distribuída, ou seja, se uma mensagem encontrasse qualquer ruído ou barreira no caminho poderia seguir por rotas alternativas para chegar ao receptor final. O resultado foi o surgimento da Arpanet.

Para Malini (2007) esta rede foi um projeto de resistência e contracultura desde a sua origem. Ele explica que, do ponto de vista histórico, o funcionamento dos computadores em rede estava extremamente ligado a dois fatores: a convergência tecnológica entre a indústria microeletrônica e telecomunicações e o movimento da microinformática liderado pelos estudantes universitários californianos dos anos 70. Somados a isso, a convergência telemática apresentava avanços significativos nas formas de transmissão.

Essa convergência criou a infraestrutura para a conexão entre os computadores, porém, foram os radicais californianos inventores da microinformática que proveram o modelo e os protocolos da arquitetura, as tecnologias e os conteúdos que ativaram conexões e as transformaram numa rede cuja topologia permanecia aberta e difusa potencialmente a toda sociedade. (MALINI, 2007, p.161)

Esses radicais californianos encarnavam toda uma cultura libertária e comunitarista existente nos campus das universidades e logo depois em várias partes do globo, contestando o controle da informática e a informação, além da reivindicação de uma informática para todos (MALINI, 2007). Esses mesmo sujeitos criaram o protocolo *TCP/IP* e promoveram inúmeras inovações em desenvolvimento de *softwares* e sistemas operacionais, foram os responsáveis pelo surgimento da Arpanet. Nascida em 1969, fruto de um projeto militar do departamento da Arpa, o Information Processing Techniques Office (IPTO), a Arpanet trazia como objetivo, segundo seu primeiro diretor, Joseph Licklider, a pesquisa pela computação interativa e que acabaria se convertendo no que hoje é a Internet.

Esse projeto nasce, segundo aponta Malini (2007), com a finalidade de proteger a Nação de uma ameaça comunista no contexto da Guerra Fria. O desafio no funcionamento da Arpanet era integrar diferentes redes existentes a uma arquitetura de redes comum, permitindo a todo nó ter o mesmo papel. A rede operava então quebrando documentos confidenciais em pequenas partes e espalhando-as por vários computadores, de forma que o conteúdo completo nunca conseguira ser visualizado. A Internet viria a nascer portanto, com um projeto de resistência, e “eis aí a sua radicalidade como mídia, pois que não emerge como um dispositivo de captura, mas de fuga” (MALINI, 2007, p.162).

Por outro lado, Richard Barbrook (2009) destaca que a Internet não teria sido idealizada originalmente pelos norte-americanos e nem teria nascido de um acaso desenvolvimento tecnológico da Nação. Ele explica que naquele contexto de Guerra Fria e disputa ideológica a grande dádiva da informática veio a ser a comunicação mediada por computadores. Porém, essa não era uma ideia exclusiva apenas dos Estados Unidos. Além da corrida armamentista e espacial, os EUA e a URSS travavam uma outra disputa, a corrida para a invenção de uma Rede, que uniria todos através de uma "aldeia global" preconizada por Marshall McLuhan². Naquele momento, a *Central Intelligence Agency* (CIA) declararam que os russos estavam próximos a superar o país nas linhas de pesquisa sobre a comunicação feita por computadores, inclusive, já haviam construído uma das "primeiras redes de computadores totalmente funcionais para prover um sistema de comandos e controle para defesa aérea de Moscou" (Barbrook, 2009, p.208).

Assim que o perigo iminente da Rússia ultrapassar os Estados Unidos na criação da internet ficou claro, o governo norte-americano deu a Arpa a responsabilidade de entrar na linha de frente dessa batalha tecnológica da Guerra Fria. Essa disputa, destaca o autor, não era somente pela construção da rede, mas pelos fundamentos que guiariam a sociedade em direção a um futuro imaginário, mediado pela tecnologia. Para os russos a cibernética era uma espécie de ciência que regularia a construção do comunismo, provendo assim uma infraestrutura tecnológica para a utopia comunista idealizada no cerne da revolução de 1917, sufocados por Stálin. Nesse cenário, a missão dos EUA era de impedir a emergência da cibernética do comunismo (BARBROOK, 2009).

² Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Marshall_McLuhan>. Acesso em 09 de maio de 2013.

Albergaria (2009) explica que o governo dos Estados Unidos exigiu que se inventasse a Internet antes que os russos a criassem, garantindo assim o controle do país sobre a sociedade de informação. O projeto da internet seria financiado pelo Departamento de Defesa do país e tinha a clara função militar de garantir uma rede que sobrevivesse a um grande ataque. Porém, como afirma Barbrook (2009), seria os Estados Unidos e não a Rússia a construir o sonhado comunismo cibernético, com uma arquitetura da Internet de estrutura aberta e descentralizada, que provava a flexibilidade e escalabilidade da estrutura McLuhanista, conforme milhões de novos usuários iam se conectando a cada dia, completando assim a profecia da ágora eletrônica.

Já na década de 80, a possível construção de uma rede que conectasse a todos em um mesmo espaço virtual deixava de ser um sonho distante. Em 1983, a Arpanet foi dividida em Milnet (uma rede mais fechada voltada para ações militares) e Arpa-Internet (dedicada à pesquisa acadêmica). Nessa época, uma das pretensões do Departamento de Defesa dos Estados Unidos era comercializar, por sua própria conta, a Internet. Para isso, o país ajudou fábricas americanas de computadores a incluir o TCP/IP em seus protocolos.

Esse era um antigo projeto de que os computadores pudessem falar uns com os outros, mas para isso era preciso um protocolo comum. No ano de 1973 o *Transmission Control Protocol* (TCP) havia sido criado. Quatro anos depois o TCP foi dividido em duas partes, ganhando um protocolo intra-rede, o que gerou o TCP/IP, padrão segundo o qual a internet funciona até hoje. Como previsto, nos anos 90, a maioria dos computadores já podiam acessar a ARPA-INTERNET, sob um mesmo protocolo. Neste ano, a Arpanet é colocada sob os cuidados da *National Science Foundation* e renomeada para NSFNET. Cinco anos depois, a NSFNET é extinta, o que abriu as portas para a privatização da internet e o surgimento de novas redes. Essas redes eram montadas por provedores de serviços de internet que começaram a estabelecer e comercializar suas próprias portas de comunicação. Nesse momento, a Internet cresceu como uma rede global de redes (CASTELLS, 2003).

Apesar da Arpanet ter exercido papel central no surgimento da Internet, outras redes paralelas a ela foram criadas fora do regime militar. O *Bulletin Board System (BBS)*, por exemplo, era um sistema de quadro de avisos que permitia que arquivos fossem transferidos entre computadores pessoais, nasceu no final da década de 70. A função dos BBS era proporcionar a distribuição de softwares gratuitos, aplicativos, troca de informações, participar de fóruns de

discussões, jogos online, além de permitir que uma empresa conseguisse integrar seus funcionários externos, através de envios de relatórios, dados e documentos. Nascia então a primeira forma de comunicação online.

“Os BBS's eram redes multitarefas. Havia desde aquelas criadas para organizar movimentos, empreender um negócio até às com objetivo de coordenar campanhas políticas etc. Eram espaços que criavam um sentimento de lugar e de vinculação comunitária, baseado no acesso à distância aos diversos recursos e informações disponíveis em cada computador da rede” (LEMOS apud MALINI, 2008, p.163).

Esse tipo de rede funcionava com software gratuito que normalmente era liberado para o domínio público. Foi assim que se configurou a Fidonet, uma rede de comunicação barata e acessível, que conseguia interligar as BBS, uma das primeiras comunidades virtuais (CASTELLS, 2003).

Como pode ser observado, a Internet foi construída em um ambiente seguro, cercado por mentes brilhantes, pesquisadores acadêmicos, que apesar de apartados pelos recursos governamentais e orientados para uma determinada missão, sua liberdade não era sufocada. Castells (2003) destaca quatro culturas como essenciais não só para o surgimento como também para a consolidação da Internet: a tecnomeritocrática, a hacker, a comunitária virtual e a empresarial. A primeira delas, a tecnomeritocrática é a da base científica e tecnológica, advinda da *Big Science* e do mundo acadêmico, no qual o avanço dos seres humanos se dá pelo conhecimento. Nessa cultura, é das universidades que emanam a pesquisa e o conhecimento para o aprimoramento da tecnologia.

A cultura hacker vem da concessão de inovações tecnológicas mediante a cooperação e a comunicação livre. A liberdade é o valor fundamental desse grupo, que inaugura uma cultura da convergência entre seres humanos e o computador, num processo de interação libertária. Os hackers têm plena liberdade em seus projetos e utilizam a interconexão entre os computadores como base material e tecnológica dessa autonomia institucional. “A rápida difusão dos protocolos de comunicação entre computadores não teria ocorrido sem a distribuição aberta, gratuita de software e o uso cooperativo de recursos que se tornou o código de conduta dos primeiros hackers” (CASTELLS, 2003, p. 25).

Em seguida, a cultura das comunidades virtuais ou do usuário se apresenta como aquela que cria fontes de valor e moldam os comportamentos e a organização social de um grupo. A troca

entre os conteúdos desse grupo acontece em via de mão dupla, que permite o aprimoramento da Internet. Seus principais valores são a comunicação livre e horizontal e a formação autônoma de redes de interesse. Por último, a cultura empresarial, é aquela que tem a capacidade de transformar o *know-how* tecnológico e a visão comercial em valor financeiro. Ela é importante por alimentar a inovação, moldá-la e ajustá-la conforme a imagem do mercado.

“A cultura da Internet é uma cultura feita de uma crença tecnocrática no progresso dos seres humanos através da tecnologia, levada a cabo por comunidades de hackers que prosperam na criatividade tecnológica livre e aberta, incrustada em redes virtuais que pretendem reinventar a sociedade, e materializada por empresários movidos a dinheiro nas engrenagens da nova economia” (CASTELLS, 2003, p.53)

1.2 Web 1.0: o surgimento dos primeiros sites e a emergência da cultura do usuário

Os anos 70 terminaram com a emergência da cultura do usuário povoando a internet com seus dispositivos de mídia comunitária. A primeira inovação do usuário com a rede ocorreu com os BBS, que possuíam uma característica fundadora das redes sociais: eles se estruturavam em troca da rede de informação. Organizados como redes de computadores comunitárias e independentes de uma grande rede telemática, os BBS eram interligados a uma velocidade de transmissão da ordem de 100 bits por segundo, por meio de ligações eletrônicas via modem. Eles fundaram a base das comunidades virtuais e a lógica participativa da internet (MALINI, 2010).

Até os anos 70, não existiam computadores pessoais, os gigantes computadores, *mainframes*, é que reinavam, ocupando uma sala inteira. Além dos BBS, os computadores ajudaram a construir a participação na rede mundial de computadores os mais diferentes e inexperientes usuários (MARCELINO, 2012). Era o começo de uma revolução mediada pelo computador, que supõe a produção, distribuição e comunicação através de uma máquina e o surgimento de novos meios de comunicação.

“Em cambio, la revolución de los medios informáticos afecta a todas las fases de la comunicación, y abarca la captación, la manipulación, el almacenamiento y la distribución; así como afecta también a los medios de todo tipo, ya sean textos, imágenes fijas e en movimiento, sonido o construcciones espaciales” (MANOVICH, 2006, p.64)

Manovich (2006) destaca que a identidade dos meios de comunicação tem mudado mais drasticamente que a do computador. Para ele, algumas características básicas compõe os

novos meios: representação numérica, modularidade, automatização, variabilidade e a transcodificação.

A representação numérica explica a característica matemática dos novos meios de comunicação, que são compostos de código digital ou facilmente descodificados do analógico para o digital, e podem ser submetidos a funções algorítmicas e fórmulas matemáticas. Em resumo, eles se tornam programáveis. Outro importante tributo dos novos meios é a modularidade. Este princípio pode ser chamado de estrutura fractal³ dos novos meios, já que da mesma maneira que um fractal possui a mesma estrutura em diferentes escalas, o objeto dos novos meios apresenta sempre a mesma estrutura modular. Ou seja, os produtos midiáticos (imagens, sons, comportamentos) são apresentados como um conjunto homogêneo, mas que possuem sua identidade em pedaços menores e separados do todo, como frações de píxels, scripts, bits, etc.

Tanto a representação numérica quanto a modularidade podem levar os novos meios a um nível maior, a sua automatização, que refere-se até que ponto podemos tirar a mente humana do processo criativo. Pode-se destacar dois tipos de automatização; a baixo nível (em que o usuário cria um objeto com base em fórmulas matemáticas), é o exemplo de softwares de correção de imagens, como *Photoshop*, que melhora automaticamente o contraste ou brilho de uma foto; e a automatização de alto nível (que pressupõe que o computador entenda a semântica dos objetos gerados), consiste na criação de uma inteligência artificial, que ainda é limitada e pode responder a apenas algumas situações nas quais já foram programadas.

De nada seriam os novos meios se não pudessem existir em várias versões ajustadas. Portanto, a variabilidade mostra que em vez do conteúdo das novas mídias ser algo fixo, imutável, ele vai dar lugar a muitas versões diferentes de um mesmo objeto. Ao invés de serem criados por um mente humana, foram montados pelo computador. Importante destacar que a variabilidade não existiria sem a modularidade, ou seja, sem partes menores que pudessem manter a identidade de um objeto e garantir a sua reprodução em versões diferentes.

O último aspecto a ser destacado das novas mídias é a sua transcodificação, que significa traduzir algo em um outro formato. O autor explica que essa é a consequência mais

³ Forma geométrica complexa, de aspecto fragmentado, que pode ser subdividida indefinidamente em elementos que parecem cópias reduzidas do todo.

importante da informatização dos novos meios. Através da transcodificação, as informações podem ser traduzidas para o formado digital. Ao converter as informações, o computador, apesar de manter os elementos tradicionais e amplamente conhecidos da cultura – como a estrutura gramatical, as coordenadas cartesianas, os objetos reconhecíveis – irá adequar as informações a sua própria estrutura.

Todas essas particularidades dos novos meios se somam e formam o que é a ontologia, a epistemologia e a pragmática do computador, possibilitando uma proliferação sem precedentes no número de informações, principalmente sob a forma de imagens.

“Más bien cabe pensar que, igual que la imprenta en el siglo XIV y la fotografía en el XIX tuvieron un impacto revolucionario sobre el desarrollo de la sociedad y a cultura modernas, hoy nos encontramos em medio de una nueva revolución mediática, que supone el desplazamiento de toda la cultura hacia formas de producción, distribución y comunicación mediatizadas por el ordenador.” (MANOVICH, 2006, p.64)

Janet Murray (2003) também apresenta algumas mudanças estéticas despertadas pela emergência do computador como um novo meio de comunicação: a imersão, a agência e a transformação. A partir desses elementos, ela traz o debate de como a narrativa multimídia se constitui no interior da linguagem digital. O primeiro prazer estético é a imersão, utilizado como uma referência da experiência física de estar submerso na água. Para a autora, a experiência psicológica buscada nessa imersão é semelhante a sensação que se obtém num mergulho em uma piscina, “a sensação de estarmos envolvidos por uma realidade completamente estranha, tão diferentes quanto a água e o ar, que se apodera de toda a nossa atenção, de todo o nosso sistema sensorial” (MURRAY, 2003, p.102). O computador, nesse cenário, nada mais é do que um objeto encantado, pronto para ser explorado no conjunto de fantasias que nele reside.

O segundo conceito, o de agência, pode ser resumido como a capacidade de agir e ter resultado das ações de acordo com nossas escolhas e decisões, a sensação de agência pode ser descrita quando, por exemplo, esperamos que um arquivo se abra com um clique e de fato é isso que acontece. A navegação espacial, por exemplo, é um tipo de agência característica dos ambientes digitais, em que a habilidade de se locomover dentro de um espaço virtual é prazerosa em si mesma. Murray (2003) explica que os prazeres da navegação são explorados pelas várias formas de labirinto que preenchem o ciberespaço e que permitem a experiência de prazeres específicos da navegação intencional, como “orientar-nos por pontos de

referências, mapear mentalmente um espaço que corresponda à nossa experiência e admirar as justaposições e mudanças de perspectiva resultantes de nossa movimentação por um ambiente complexo” (MURRAY, 2003, p.129).

O conceito de labirinto exposto pela autora vai de encontro ao formato da narrativa digital. Ela explica que o labirinto é a versão mais ativa da visita de imersão, em que histórias baseadas nesse formato eliminam a plataforma móvel e transformam o visitante, que deixa de ser um agente passivo para se tornar um protagonista que deve encontrar o seu próprio caminho de saída. Porém, a desvantagem do labirinto é que ele irá te conduzir a uma única solução, e conforme destaca a autora, o desejo de agência do ambiente digital nos deixa impacientes quando as nossas opções são limitadas. Outra forma de labirinto digital apresentada na obra de Murray (2003) é a do hipertexto narrativo pós-moderno, normalmente identificado com o conceito de rizoma de Gilles Deleuze (constituído por um sistema de raízes tuberculares na qual qualquer ponto pode estar conectado a qualquer outro nessa cadeia).

Moulthrop (apud Murray, 2003) explica que esses sistemas de hipertexto vão surgir em resposta a um movimento de hierarquias autoritárias da linguagem, nas quais os modos de operação são lineares e dedutivos, e, ao invés disso, essa nova forma irá permitir a pluralidade de significados e modos de operação que sejam hipóteses e jogos de interpretação. Na tentativa de pluralizar a linguagem, o hipertexto, conforme destaca Murray (2003), pode frustrar o leitor por deixar de lado o desejo da agência narrativa ao usar a navegação para desdobrar uma história que flui de nossas próprias escolhas significativas. Para ela, essa é uma confusão criada pelos pós-modernistas na tentativa de criar textos que não privilegiam a ordem de leitura ou determinado modelo interpretativo.

“O potencial do labirinto como forma de narrativa participativa parece estar em algum lugar entre esses dois extremos, em histórias que sejam suficientemente impulsionadas por objetivos para guiar a navegação, mas também que mantenha o final aberto o bastante para permitir livre exploração, exibindo uma estrutura dramática satisfatória sejam quais forem as escolhas que o interator faça para transitar pelo seu espaço” (MURRAY, 2003, p.134)

Por último, é abordado o prazer da transformação no ambiente digital, que diz respeito à aquilo que tornamos suscetível a mudanças através do computador. Como destaca a autora, o poder de transformação do computador é sobretudo sedutor em ambientes narrativos, nas

quais um mesmo objeto pode trazer inúmeras representações e com isso alimenta-se o nosso prazer pela quantidade de variedades disponíveis. Ela explica que os meios de comunicação são como mosaicos, apresentando múltiplas informações em uma mesma página, enquanto nós, interatores nesse universo, aprendemos a enxergar essa variedade com um único olhar. O computador, portanto, irá presentear os leitores com os mosaicos espaciais dos jornais, o temporal dos filmes e o participativo do controle remoto, em contrapartida, para não nos perdermos em meio a esse turbilhão de informação, ele nos apresenta formas de dominar essa fragmentação, como mecanismos de busca e modos de etiquetar.

O poder transformador do computador potencializa a vivência do interator e lhe proporciona a experiência de múltiplos pontos de vista. No computador, podemos reiniciar a história quando quisermos e repeti-las quantas vezes desejarmos, todos os papéis são interpretáveis, podemos construir um mundo conforme nossos desejos e vontades.

“Usando o computador, podemos encenar, modificar, controlar e compreender processos como nunca havia sido possível. Também podemos, pela primeira vez, apreciá-los esteticamente, saborear os complexos padrões de processos da mesma forma que saboreamos padrões de cores e formas[...]” (MURRAY, 2003, p.175).

Antes do computador ser produzido em larga escala para alterar as formas de interação do usuário, outras redes ainda viriam a nascer para fazer frente a força da comunicação interativa iniciada pelos BBS. Em 1979, surgia então a Usenet. Nascida nos Estados Unidos, a Usenet usava o Network News Transfer Protocol (NNTP), e funcionava segundo uma lógica de postagem, o usuário postava uma mensagem de texto (chamadas como artigo) em fóruns que eram agrupados por assuntos (os conhecidos Newsgroups ou grupo de notícias). Estava configurada a rede dos usuários.

Dentro dos grupos, os textos eram organizados segundo algumas hierarquias de assuntos, que poderiam ser classificados, por exemplo, como (*news.*) quando se referia a alguma novidade sobre a própria Usenet ou até mesmo (*sci.*) se referindo a um assunto científico. Caso um usuário escrevesse para um *Newgroup* o próprio software organizava os artigos que o usuário tenha lido. Podemos dizer que os *Newsgroups* foram os precursores dos fóruns de discussões que conhecemos hoje (MALINI, 2010).

Como destaca Malini (2010), alguns valores da Usenet baseados na cultura do usuário ajudaram a criar o ciberespaço da Internet. Um deles é de que a informação é livre para todos

e tudo que é escrito é tornado público. Esse processo se dava através da comunicação entre os servidores do computadores. Quando um usuário postava um artigo, por exemplo, o texto ficava disponível apenas onde o servidor do remetente estava conectado. Cada servidor informava aos outros de que tinha ocorrido uma mudança em cascata. Assim, os artigos faziam um efeito dominó, copiando de um servidor para outro, até que todos tivessem a cópia do novo texto. Outro valor importante dessa rede era de que toda troca de informação seria realizada sem uma unidade central, era o modelo peer-to-peer (p2p), onde normalmente o remetente, ao invés do receptor, iniciava as transferências. Além disso, algumas características encontradas na Usenet, como a presença da hierarquização de informações em *tags* principais e alternativas, acendia a luz do que viria a ser o universo da cibercultura.

Os anos 70 e 80 foram marcados por um momento de forte convergência tecnológica. Naquela época, havia uma região que possuía todo o aparato técnico para o avanço da informática e eletrônicos, era o *Silicon Valley*, onde se encontravam grandes empresas como a *Nasa*, a *Atari* e a *Intel*. Essas organizações eram cercadas de engenheiros e entusiastas que passavam os dias como voluntários, ajudando jovens fanáticos por eletrônica a fazer bricolagem com os equipamentos disponíveis nas casas californianas (LÉVY, 1993). A ideia era construir seu próprio computador a partir de recursos de segunda mão. Segundo Lemos (2004) o que acontecia era um movimento “hacker” contra a informática *mainstream*, centralizadas nos esforços militares, tecnoburocráticos e industriais.

Dentro desse contexto, foi criado o *Altair*, em 1975, por Ed Roberts. Era um computador de pequena escala com um processador, vendido em peças separadas e comercializado sem monitor e teclado. Um ano depois, Steve Jobs e Steve Wozniac criam o *Apple I*, que foi o primeiro computador a ser vendido montado. Em seguida, é lançado o *Apple 2*, com gráficos, disquetes, fontes de alimentação, teclado, circuito impresso em sua placa mãe e cartuchos para jogos (LÉVY, 1993).

Na efervescência da cultura, esse verdadeiro movimento cultural e social abriu as portas para a criação do computador pessoal. No início da década de 80, a IBM lança sua versão do microprocessador com uma arquitetura aberta de hardware, uma resposta a *Apple*, e lança o *Personal Computer (PC)*. Agora os usuários podiam ter seu próprio computador.

Desde então, o computador iria escapar progressivamente dos serviços de processamento de dados das grandes empresas e dos programadores profissionais

para tornar-se um instrumento de criação (de textos, de imagens, de músicas), de organização (bancos de dados, planilhas), de simulação (planilhas, ferramentas de apoio à decisão, programas para pesquisa) e de diversão (jogos) nas mãos de uma proporção crescente da população nos países desenvolvidos. (LÉVY, 1999, p.32)

Segundo Ferrari (2012) no início da década de 90 os computadores pessoais já estavam amplamente disseminados, mas a Internet gráfica como vemos hoje ainda não existia, o que havia era um programa de compartilhamento de arquivos. Era uma interface simples e parecida com a organização das BBS. O que permitiu o verdadeiro sucesso da Internet foi a criação da *World Wide Web (WWW)*. Essa invenção deu corpo a uma série de estudos desenvolvidos desde a década de 40, que tinha como objetivo uma revolução na organização da informação.

Em 1990, o programador inglês Tim Berners-Lee desenvolveu o programa Enquire, que havia escrito em 1980, nele existia um software que permitia obter e acrescentar informação para qualquer computador conectado via Internet (FERRARI, 2012). Funcionava como um sistema de gerenciamento de informação online, um texto por exemplo, poderia conter links e referência para outros trabalhos, o que permitia a navegação do leitor de um texto a outro. Ele cria então um serviço para publicar essa espécie de documento, denominado *hipertexto*, e um programa para lê-lo, a *World Wide Web*.

A linguagem da internet, o hipertexto, nascia e passava a oferecer a possibilidade de conteúdos de diferentes formatos interagirem em uma mesma página. “Berners-Lee interligou todo o conjunto de documentos que já tinham sido criados na Net, mas quis dar um novo passo em frente: pretendia que fosse possível publicar na Web, não apenas ler o que lá estava” (GILLMOR, 2004, p. 31).

Após a sua criação, Berners-Lee decidiu deixar seu projeto aberto ao público e não registrou a patente. Com isso, ele abriu portas para o desenvolvimento de novas tecnologias, que foram agregadas ao HTML (*Hypertext Markup Language*), a partir de um funcionamento em *Open Source* (Código Aberto), que permitia o acesso ao código fonte e sua modificação, possibilitando o aprimoramento da tecnologia e de aplicativos auxiliares. O surgimento do www traçava o caminho da liberdade do usuário na rede, com a possibilidade de publicar e compartilhar informação em tempo real. Isso se deu em partes pelo uso do HTML e a característica democratizante de sua interface.

A web 1.0 apresentava uma enorme quantidade de informação na qual todos poderiam ter acesso. Mas o usuário não podia ainda interagir com a página, já que as alterações e atualizações eram limitadas ao programador e webmaster. A rede era apenas uma plataforma de conteúdo. Foi a criação do *Mosaic*, em 1991, que abriu as portas de web para o público em geral. O *Mosaic*, criado pelo Centro Nacional de Aplicações de Supercomputação (NSCA), foi o primeiro navegador www a rodar no *Windows*. Segundo Castells (2003) foi incorporado a esse navegador uma enorme capacidade gráfica, sendo possível a captação e distribuição de imagens na Internet, além de inúmeras técnicas de interfaces que foram importadas do mundo da multimídia.

Neste ano, o Brasil realizava sua primeira conexão com a Internet, a uma velocidade de 4.800 bits. A princípio, o acesso à internet era limitado a professores, estudantes, universidades, instituições de pesquisa e órgãos governamentais. As atividades online se resumiam ao acesso a base de dados nacional e internacionais, transferência de arquivos e fóruns de debates. Dois anos depois, acontecia a primeira conexão de 64 kbps à longa distância no Brasil, entre São Paulo e Porto Alegre. Logo em seguida, os ministérios das Comunicação e da Ciência e Tecnologia liberaram a criação do provedor de acesso privado à internet com sua operação comercial no país. Em 1995 já era possível comprar assinaturas de acesso à rede (MARCELINO, 2012).

Os anos de 1995 e 1996 marcam também o que Cláudia Quadros (2002) chama de *boom dos diários digitais* e junto com eles inicia-se o debate sobre a possível extinção do jornalismo impresso. Neste período de grande número de versões digitais de jornais impressos, como aponta a autora, o esforço dos ciberjornalistas para a construção de uma linguagem apropriada e uma arquitetura da web adequada em seus jornais online era enorme.

Nesse modelo imposto pela web 1.0, a narrativa online era produzida sob a página principal, denominada *homepage*, nas quais os conteúdos eram editados e de propriedade do autor do site. Segundo Malini (2011) é nesse momento que o jornalismo online estabelece suas bases, nos quais a busca pela interface da *homepage* torna-se um projeto das corporações de todo o mundo, fazendo da internet o que o autor chama de "meio imersivo", onde é possível controlar as interações dos leitores online. A *home* fundava o que o autor chama de metáfora da visita, termo denominado por Janet Murray em 1997. Essa visita era nada mais do que a

possibilidade de navegação entre o links que o usuário seria capaz de seguir nesse universo que se constituía o site. E essa interação era controlada pelos editores, que filtravam os conteúdos que os visitantes poderiam acessar.

A cultura da *homepage* abria o caminho para a possibilidade da construção de uma narrativa multimídia com uma linguagem específica: o hipertexto. Essa realidade se concretizaria com uma nova possibilidade para o campo da publicação, a transposição do jornalista para a Internet. Malini (2011) destaca os benefícios trazidos pela web para vários campos, os veículos independentes, por exemplo, passaram a ter um público mais abrangente e global, o ciberativismo, encontrou o espaço para criar e difundir seus movimentos sociais, e, os veículos tradicionais de comunicação, tentaram estabelecer suas bases online, numa verdadeira fábrica de jornais online, em que o formato das notícias encontrava o padrão ideal de “breaking news”, notícias em tempo real dos mais diversos assuntos.

“Era o tempo dos portais. Não havia empresa, da maiúscula à minúscula, que não tinha como meta ser um “portal de notícia” na web: a ideia era ser um super nó que concentrava todo tipo de conteúdo. Eram tempos de ‘gestão de conhecimento’. O que fez, por conseguinte, que um volume maior de pessoas, empresas e instituições requeressem o status de produtores de notícias”. (MALINI, 2011, p.03)

O caminho para a web 2.0 estava aberto. Em meados da década de 90 a *Sun Microsystems* lançou o *Java*, uma linguagem de programação que permitia a circulação de miniaplicativos entre computadores pela Internet. Interagindo com os comando HTML, o *Java* permitiu que as páginas ganhassem animações, jogos complexos, pesquisas em tempo real, etc. De estáticos, os sites começavam a se estruturar de forma hierárquica, através de menus com vários níveis que passavam a evoluir com o surgimento de ícones, botões com bordas, imagens de fundo, tabelas e gráficos. Era a efervescência do que seria a web 2.0, quando os leitores não apenas visitariam uma página, mas também poderiam compartilhar seu conteúdo.

1.3 Web 2.0: poder de colaboração e compartilhamento na mão de todos

1.3.1 O nascer da web 2.0 e a era dos perfis

Uma Web mais social, pois envolve mais pessoas; mais colaborativa, porque todos são partícipes potenciais e têm condição de se envolver mais densamente; mais apreensível, pois desmistifica que conhecimento técnicos sejam necessários para a

interação; uma web que se importa menos com a tecnologia da informação e mais com as pessoas, conteúdo e acesso: dizem que por essa Web denota-se a versão 2.0 (CURTY, 2008, p.55)

Os anos 90 viram nascer pela primeira vez empresas implantadas diretamente no ciberespaço. Muitas delas não conseguiram sobreviver a esse meio extremamente competitivo. Em 2001, acontece o estouro da bolha das empresas ponto com, uma bolha especulativa, caracterizada por uma alta nas ações das empresas de tecnologias e de informação baseadas na Internet, que despencou drasticamente pouco tempo depois. Segundo Tim O'Reilly (2005) esse tipo de crise assinala o momento em que uma nova tecnologia ascende, nesse caso, a web 2.0.

O conceito da web 2.0 nasceu em uma conferência de *brainstorming* entre O'Reilly e MediaLive Internacional. Na ocasião, Dale Dougherty, pioneiro da web e vice-presidente da O'Reilly, notou que o caminho da web estava longe de uma ruptura, estando prestes a se tornar mais importante que nunca com o surgimento de novas aplicações e sites com uma regularidade cada vez maior. Este cenário estava marcado pelo aparecimento de novas aplicações, como o Google AdSense, Flickr, BitTorrent, Napster e Wikipedia.

Essa era a web dos wikis, das mídias sociais e do uso cada vez maior da inteligência coletiva para o que um dia viria a ser uma espécie de cérebro global. Com o seu caráter de descentralização, na web 2.0, o usuário deixa de ser um mero telespectador e se torna um ser ativo sobre a criação e compartilhamento de conteúdo – impulsionado pelas melhorias nas interfaces gráficas da internet. Segundo Renata Gonçalves Curty (2008) na web 1.0 a tecnologia conectava os usuários, agora são as pessoas que se conectam através da tecnologia. Nesse cenário, a tecnologia tem posição coadjuvante em um web centrada em suas manifestações coletivas.

O momento era de grande euforia para quem via na web 2.0 o futuro das relações mediadas pelo próprio usuário e não pela tecnologia. Não era preciso ser um habilidoso programador para publicar na web, bastava ter um computador para postar informações e compartilhá-las com quem lhes interessasse. Estava dado o poder nas mãos dos usuários. Como afirma Dan Gillmor (2005) as comunicações teriam passado por uma transformação. Agora, todos tinham um meio que seria o que quiséssemos que ele fosse, de um para um, de um para muitos ou de muitos para muitos.

“Todos podíamos escrever, não apenas ler, de formas nunca antes possíveis. Pela primeira vez na História, qualquer pessoa que dispusesse de um computador e de uma ligação à Internet podia, pelo menos no mundo desenvolvido, ser proprietária de um órgão de imprensa. Qualquer um podia publicar notícias” (GILLMOR, 2005, p.41).

O início do século XXI começou com a web sendo ocupada pelas organizações tradicionais fazendo o papel de portais de notícias e os novos profissionais inseridos nesse meio tentavam exercer o jornalismo de forma melhorada com as ferramentas que possuíam. Nesse cenário, configura-se a web 2.0, em que o usuário é substituído pelo perfil, ele deixa de ter uma *home* e passa a existir e ter voz em sua *timeline*. Essa mudança registra a importância das relações pessoais – consequentemente das redes sociais na internet – para a afirmação de um “eu público”. O autor, dono do perfil, antes de ser público é autor, e para autor, é antes, público. O modelo da *timeline* se organiza segundo uma cronologia inversa, em que o novo aparece no topo, e se estabelece como uma interface padrão para a narrativa colaborativa na internet. Ocorre uma dependência da produção colaborativa, ou seja, se você não tem amigos não será lido por ninguém, e se tem poucos amigos, poderá ler pouca coisa em outras *timelines*. O autor, o verdadeiro DNA das redes sociais, só existe se for conectado com outros autores. O valor dessa rede está agora baseado na quantidade de interações geradas, no número de *replies*, menções, curtidas, comentários e compartilhamentos (MALINI, 2011).

“Depois da revolução do compartilhamento, quem tem poder de publicar não é apenas quem tem mais audiência, mas quem acumula mais interações. Logo o valor de uma rede passou a ser calculado em cima de quantos grupos se consegue criar e mobilizar na internet, tornando-os públicos e colaboradores da produção de uma agenda informativa. Isso é a base das redes peer-to-peer (p2p). Ou que popularmente passou a se chamar de redes sociais na internet ou web 2.0. (MALINI, 2011, p.02)

Esses perfis permitem que a conversa entre as pessoas se agrupem em torno de determinados temas. No microblogger *Twitter*, por exemplo, encontramos assuntos reunidos em torno de uma *hashtag*, ou seja, uma palavra-chave, que se for muito comentada pela rede aparece nos *Trending Topics*, um agregador de comentários sobre o mesmo tema que são realizados na plataforma naquele momento. Para Santaella e Lemos (2010) o auge da era dos perfis é marcada pela dualidade predadores e colaboradores. Em que os primeiros estão interessados em usar seus dados em proveito próprio, sem gerar valor para o grupo, enquanto o segundo agrega valor ao coletivo, que faz com que por meio do reconhecimento, impacte positivamente na reputação do usuário. É o que acontece nas Redes Sociais da Internet (RSIs).

1.3.2. *Do surgimento de novas subjetividades à urgência da notícia*

Derrick de Kerckhove (2006)⁴ caracteriza a internet em três grandes momentos, além de sua própria criação. O primeiro, a invenção do navegador *Mosaic*, que garantiu a atração das pessoas para a World Wide Web. Logo em seguida, a chegada do Yahoo.! configura uma nova onda de navegadores, que seriam mais desenvolvidos depois com o Google. O terceiro momento é o advento dos blogs, que segundo o autor, é a entidade mais madura da web. Para ele, os blogs representam uma nova tecnopsicologia.

Os blogs desempenharam papel central para a configuração da cultura colaborativa e no poder dos links marcaram a cultura da internet após o estouro da bolha da nova economia. Potencializados com a tragédia do *World Trade Center* em setembro de 2001, os blogs puderam alcançar voos maiores e delimitaram seu território como a mídia informativa, trazendo notícias sobre familiares e amigos que estavam próximos ao local do atentado naquele dia – o que a mídia tradicional não conseguia oferecer devido ao grande volume de tráfego diário. Os blogueiros passaram a narrar os acontecimentos em estado bruto, com a ajuda de muitos participantes, desenhando os moldes da comunicação colaborativa. O evento marcava a hegemonia da internet sob os meios de comunicação (GILLMOR, 2005).

As mídias estavam sendo construídas pelos próprios usuários conectados em rede, inaugurando o que Dan Gillmor (2005) chamou de jornalismo cidadão. Com o surgimento dos blogs e das mídias sociais, um novo sujeito passa a existir na internet. Ao invés de consumidor passivo de informações, o dono do perfil no My Space, Orkut, *Twitter*, entre outros, passa a ter as ferramentas necessárias não só para a construção de sua própria narrativa, mas também para a sua propagação em tempo real. O poder de colaboração dos usuários é ainda potencializado a partir da criação dos dispositivos móveis conectados à internet, como celulares e *tablets*. Com um conhecimento cada vez mais apurado, esse sujeito contribui para o abalo da hegemonia da imprensa tradicional na apuração, construção e vazamentos de dados e informações.

⁴ Kerckhove, Derrick De. Prefácio ao livro *Geração Blogue*, de Giuseppe Granieri (2006).

Alguns autores buscaram conceituar essa nova subjetividade emergente na internet. Rheingold (2004) nomeia de “*smart mobs*”, as multidões inteligentes, uma mobilização coletiva e espontânea de pessoas organizadas pelo uso de sistemas eletrônicos, capazes de atuar conjuntamente ainda que não se conheçam. Participantes vão adicionando não participantes e quanto mais cresce, mais inteligente fica. Pierry Lévy (1998) denomina de inteligência coletiva, que está distribuída por toda parte e que se valorizada e coordenada, resultará em um positivo reconhecimento e mobilização das competências. “A base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas” (Lévy, 1998, p.29).

Para Johnson (2001) essa nova dinâmica forma os “coletivos inteligentes”, que são complexos sistemas adaptativos com comportamento emergente. Esse processo se assemelha à lógica do enxame, com a ausência de líder, pensamento descentralizado e padrões de comportamento construídos coletivamente (em grande escala) através do processo *bottom-up* (conhecimento de cima para baixo). Latour (apud SANTAELLA; LEMOS, 2010) chama de “ator rede”, conceito que não se reduz a um único ator nem a uma rede, mas a uma série de elementos conectados entre si. A atividade dessa rede de atores consiste em fazer conexões com novos elementos de uma rede, sendo capazes de redefinir e transformar seus componentes.

Gillmor (2004) nomeia de mídia cidadã, quando o público deixa de ser um mero leitor e passa a fazer parte do processo de construção da notícia, alterando o papel unidirecional que o jornalismo sempre exerceu na sociedade, dando lugar a múltiplos discursos e vozes sobre um mesmo fato. “Tudo se resume a algo de muito simples: os leitores (ou telespectadores ou ouvintes) sabem mais do que os profissionais dos *media*. Uma verdade por definição: eles são muitos e nós, nas mais da vezes, somos um só” (Gillmor, 2004, p.119).

Todos esses autores corroboram para uma mesma direção, existe uma multidão de pessoas cada vez mais conectadas, em um sistema baseado em redes, no qual o número de conexões só tende a aumentar e a caminhar para verdadeiras mudanças na sociedade no que diz respeito à governos, a democracia e ao agrupamento em torno de causas diversas. Essa multidões inteligentes reunidas caminham seguindo sua força de colaboração e seguem derrubando não só a hegemonia de meios de comunicação tradicional, como também tornando mais transparentes governos e instituições.

Esse processo origina o que Clay Shirky (2012) chama de amadorização em massa, quando os custos de produção e distribuição desaparecem, assim como a atividade de publicar se torna uma ação na qual todos que tenham um computador podem exercer. Os novos sujeitos são potencializados pelas ferramentas eletrônicas que possuem em suas mãos e que permitem o surgimento de formas de ações coletivas, construídas através de grupos colaborativos maiores e mais distribuídos, com um alcance enorme. Shirky (2012) explica que para esse empreendimento em grupo funcionar é preciso seguir uma escala de atividades: o compartilhamento, a cooperação e a ação coletiva.

A primeira delas, o compartilhamento, é a forma mais simples de se utilizar as ferramentas sociais e a que menos exige do participante, funciona no modelo “largar” ou “pegar”, em que você pode optar por compartilhar seu trabalho ao público ou apenas aos “amigos” da rede. Em seguida, o segundo degrau é ocupado pela cooperação, que exige um pouco mais de esforço dos envolvidos, já que para haver cooperação você precisa se adaptar para sincronizar seu comportamento com o de outras pessoas, que estão fazendo o mesmo por você, ela gera identidade do grupo – já que você sabe com quem e para que está cooperando. A forma mais forte de cooperação é a produção colaborativa, ou seja, “ninguém pode receber crédito individual pelo que é criado, e o projeto não pode surgir sem a participação de muitos” (Shirky, 2012, p.47). Por último, a ação coletiva, é a mais difícil forma de relacionamento em grupo, pois exige do outro o comprometimento em uma atividade, e mais que isso, é preciso tornar a decisão do grupo aceita por todos os demais.

Ao melhorarmos nossa forma de comunicação, alteramos também as coisas que um grupo pode fazer. O que está em curso é a passagem de uma hierarquia vertical, em que a informação era controlada pelos grandes meios de comunicação, no modelo “um para muitos”, para a formação de algo muito mais democrático e horizontal, em que “todos falam para todos”. As ferramentas atuais na internet, bem como às redes sociais e sites que trabalham com a interação entre as pessoas, ajudam a desenvolver um raciocínio comum, onde ideias são criadas, debatidas e revisadas. Como afirma Pierre Lévy (1993), o usuário do ciberespaço trabalha como coletivo e não simplesmente como um indivíduo sozinho na criação do conhecimento. O autor Manuel Castells acredita que essa capacidade interativa do novo sistema de comunicação dará lugar a “uma nova forma de comunicação, a autocomunicação de massas, que multiplica e diversifica os pontos de entrada no processo de comunicação” (CASTELLS, 2009, p.188).

Os novos meios de comunicação nascem sob as raízes de uma produção colaborativa – criações coletivas com informações descentralizadas e distribuídas ao longo de uma rede – e o que vemos ser alterado não é somente a instituições noticiosa, mas a própria concepção de notícia para um “ecossistema de comunicações, ocupada por uma mistura de organizações formais, coletivos informais e indivíduos” (Shirky, 2012, p.60).

O surgimento da Internet nos anos 90 traz para o jornalismo mudanças evidentes nas formas de se narrar um fato e o resultado esperado dessa combinação de novos elementos é a alteração das formas de produção do jornalismo, fazendo surgir assim, diferentes formas de se comunicar com o público e mais ainda, a alteração da própria concepção da notícia. Debatendo sobre a velocidade da notícia enquanto fetiche, Sylvia Moretzsohn (2002) debruça-se sobre o conceito de fetichismo da mercadoria exposto por Marx, processo no qual os bens produzidos pelo homem, uma vez postos em circulação no mercado, passam a existir por si só, como se não houvesse nada antes da sua existência, escondendo toda uma relação social que lhe deu origem. Nesse processo de fetichização, a notícia não foge à regra, esconde todo o processo pelo qual foi produzida e vende mais do que a informação ali apresentada. É a ideia central apresentada por Moretzsohn (2002) de que “chegar na frente” torna-se mais importante do que “dizer a verdade”.

Paul Virilio (apud Moretzsohn, 2002) constata a ideia fetichista da informação, de que ela não quer dizer nada, existe por si só. O autor defende que “o ciberespaço, ou, mais exatamente o ‘espaço tempo cibernético’, surgirá dessa constatação, cara aos homens da imprensa: a informação só tem valor pela rapidez de sua difusão, ou melhor, a velocidade é a própria informação!” (VIRILIO apud MORETZSOHN, 2002, p.125). Nesse processo em que a informação é a única mercadoria que não vale mais nada em questão de horas, o ideal de que a notícia é antes de tudo velocidade, vem a ser uma assertiva. A lógica da Internet, baseada no “tempo real”, começa a alterar as estruturas de funcionamento e produção de jornais e notícias, que começam até mesmo a antecipá-las para estar sempre um passo à frente da novidade, numa lógica de retroalimentação de todo um sistema de trabalho que desde os primórdios esteve ligado a velocidade da informação.

Nessa corrida contra o tempo, as mídias tradicionais de comunicação, sobretudo o jornal impresso, não foge à regra da velocidade da informação, mas, conforme afirma Moretzsohn

(2002) é incapaz de segui-la, uma vez que o tempo real será inevitavelmente o tempo de ontem. Reforça-se o fetiche da notícia ao, por exemplo, vender o jornal de domingo às duas da tarde do sábado. Mas qual será o futuro do jornalismo? Não só impresso, como online, diante da Internet e no meio deste aglomerado de informações, no qual todos podem ser produtores de informação, e até mesmo ocupar o espaço de intermediador, tão reivindicado pelos jornalistas durante esses mais de vinte anos de transformações ocasionadas pelo surgimento da Web e suas nuances.

Kapuscinski (apud MORETZSOHN, 2002) destaca a mudança de prioridade evidente nas pautas dos jornais, já que a princípio, a veracidade da notícia era o seu maior valor, e hoje em dia não interessa o fato dela ser verdadeira, mas se é interessante. Se for constatado que não é interessante, não é publicada. Para o autor essa é uma situação em que o perfil do profissional se altera, de forma que o jornalista vem se transformando cada vez mais em um genérico “trabalhador da mídia”. De trabalhadores altamente especializados e divididos em editorias específicas, forma-se o jornalista multimídia, capaz de falar desde economia até fofocas de celebridades, além de ter a habilidade de utilizar som, imagem, vídeos e os inúmeros artifícios tecnológicos em uma só notícia.

O sociólogo Dominique Wolton (2003) apresenta uma visão crítica sobre a verdadeira face das novas mídias, desmitificando a ideia de que as novas tecnologias irão levar o mundo a um estágio de emancipação coletiva, um lugar onde a informação é livre e encontra-se nas mãos de todos. Ele explica que as novas tecnologias da comunicação (NTC) têm mais em comum com as velhas mídias do que se possa imaginar e que a nossa realidade é menos “multimídia” do que parece ser. A inegável simpatia da juventude com as novas tecnologias é explicada por ele como uma forma de recusa das mídias de massa, o desejo de responder a uma angústia antropológica, à atração pelo que é novo. “As dimensões psicológicas são de fato essenciais na atração pelas novas tecnologias, pois estas vêm ao encontro do profundo movimento de individualização de nossa sociedade. Elas simbolizam a liberdade e a capacidade de dominar o tempo e o espaço” (WOLTON, 2003, p.85).

Para Wolton (2003), as novas mídias pouco apresentaram de concreto para estabelecer suas bases no mundo de hoje. Ele explica que o sistema de comunicação, por exemplo, construído pelas novas mídias não prioriza o informar, já que a velocidade de informação contrasta com a lentidão da comunicação. O autor critica a instabilidade das novas mídias perante aos

tradicionais meios de comunicação, no qual o mundo multimídia oferece um turbilhão de informação, provocando o sentimento de “aventuras sem limites”, enquanto os velhos meios se apresentam se forma sólida, construído sobre anos de tradições e legislações. Para ele, as novas mídias estão ligadas muito mais a produção e rentabilidade enquanto as mídias tradicionais se encontram no campo intelectual da política e da cultura.

Nesse contexto, a figura do jornalista passa a sofrer um processo de transformação e reorganização diante dessa nova esfera informacional dominada pelos novos meios de se comunicar online iniciada pelo surgimento da Internet. O papel do jornalista, em particular, como um filtro para avaliar as notícias como publicáveis ou não sempre foi um importante mecanismo do modo vertical de funcionamento dos meios de comunicação, diferenciando-se por sua função ditadora do *valor notícia* de um fato, ou seja, se um acontecimento é pautável ou não. Mas hoje esse poder escapou de suas mãos e está disponível a todos que queiram publicar e tenham mecanismos para levar qualquer fato público ao âmbito online. “A mesma ideia, publicada em dezenas ou centenas de lugares, pode ter um efeito amplificador mais importante que o veredito de um número menor de meios de comunicação profissionais” (Shirky, 2012, p.59).

A notícia está agora em todos os lugares virtuais, no que Antoun e Malini (2010) chamam de mídias de multidão (*multi-mídias*), produções que ocorrem de forma cooperativa e articulada, no qual seu produto final é exibido de forma pública e livre, para públicos específicos que ao mesmo tempo são mídias para outros públicos. E essa multidão, segundo Antônio Negri (2011), não é nem encontro de identidade, nem pura exaltação das diferenças, mas é o reconhecimento de que, por trás de identidades e diferenças, possa existir ‘algo comum’. Dessa forma, o compartilhamento em rede, por exemplo, surge como uma forma de identificação entre esses indivíduos em busca do “comum”.

A partir do momento em que o poder de compartilhamento e colaboração está nas mãos de todos as ameaças começam a surgir em direção a uma ação coletiva que possa acontecer organizada em rede. John Arquilla e Davi Ronfeldt (2003) explicam que a revolução da informação está transformando todos os tipos de conflitos e sai na frente aqueles que estão estruturados em rede. Os autores explicam que as ameaças dessa guerra de informação serão muito mais “difusas, dispersas, multidimensionales y ambiguas que las amenazas de la era industrial” (ARQUILLA; RONFELDT, 2003, p.32). Essa é a luta que ativistas,

revolucionários e radicais enfrentam na rede, com a busca infinita pela informação livre, pelo maior transparência dos governos e instituições, por uma internet com mais fiscalização para os governos e menos pelos usuários, por um jornalismo livre e comprometido com a sociedade civil, que dê as pessoas informações a que têm direito. É sobre essa luta que trataremos no segundo capítulo.

2. O jornalismo em tempos de Wikileaks

2.1 O nascer da ciberguerra do Wikileaks: os vazamentos de 2010

As transformações ocasionadas pela revolução da informação e as novas formas de comunicação mediadas pelo computador têm alterado as características de todos os tipos de lutas. Para Arquilla e Ronfeldt (2003) os conflitos da era da informação estão situados em um extremo menos militar, de baixa intensidade e mais social no geral, e foram denominados pelos autores como guerra em rede (*netwar*). Esse termo faz referência a um modo emergente de conflito no qual os protagonistas utilizam uma estrutura de organização em rede, além de doutrinas, estratégias e tecnologias compatíveis com a fase que vivemos. Esses atores geralmente estão dispostos de formas dispersas, em pequenos grupos e indivíduos que se comunicam, coordenando e dirigindo suas lutas de maneira interconectada, sem um comando central.

A guerra em rede pode estar sendo protagonizada tanto através de métodos pacíficos ou violentos, tendo assim uma dupla face, de um lado, as lutas travadas por terroristas, traficantes, movimentos fundamentalistas e nacionalistas étnicos e redes de contrabando, e de outro, também podem ser apresentados uma nova geração de revolucionários, formados por ativistas e radicais, que começam a criar ideologias próprias da era da informação. Através da sua estrutura em rede e a capacidade de enxameamento, esses grupos diferenciam-se do modelo tradicional de conflito, por conseguirem atingir a qualquer ponto a partir de zonas remotas.

“El enjambramiento ocurre cuando las unidades dispersas de una red de pequeñas fuerzas (y tal vez algunas grandes) convergen sobre un blanco desde múltiples direcciones. El objetivo general es mantener un pulso sostenido: las redes de enjambre deben ser capaces de unirse rápida e sigilosamente sobre el objetivo para disolverse y volver a dispersarse luego, listas para volver se a juntar em um nuevo pulso. La capacidad para um <<acercamiento sigiloso>> sugiere que, em la guerra em rede, los ataques tienen más probabilidades de realizarse em forma de <<enjambres>> que mediante el método tradicional de <<frentes>>.” (ARQUILLA; RONFELDT, 2003).

O fato apresentado por Arquilla e Ronfeldt (2003) é de que as lutas e delitos baseados nas redes seriam um fenômeno dominante nos próximos anos, configurando assim os conflitos emergentes da nossa era. Nesse cenário, os protagonistas se apresentam como um conjunto de

nós diversos e dispersos que compartilham um conjunto de ideias e interesses, além de estarem preparados para atuar de modo completamente interconectado sob múltiplos canais. Além da sua organização, os autores explicam que o desenho e a atualização das redes dependem de cinco âmbitos de análise: organizativo (avaliação da estrutura em rede), narrativo (a história que se conta), doutrinal (estratégias e métodos de colaboração), tecnológico (sistemas de informação) e o social (laços pessoais que asseguram a lealdade e confiança).

Cabe aqui ressaltar um âmbito específico: o da narrativa. No contexto comunicacional, a importância da narrativa construída em rede pelos participantes de um acontecimento revelam a importância da história que “a gente conta” em um dado momento. Neste cenário preconizado por Arquilla e Ronfeldt (2003) vemos emergir com o Wikileaks, em particular, o que os autores chama de narrativa triunfante, baseada em experiências, interesses e valores dos indivíduos que formam a rede. “As histórias expressam um sentimento de identidade e pertencimento: quem somos nós, por que nós estamos unidos e o que nos torna diferente deles. Além disso, as histórias comunicam um sentido de causa, propósito e missão” (ARQUILLA; RONFELDT, 2003).

Nesse conflito em rede, a narrativa emergente em torno do Wikileaks representa não outra coisa, se não a grande luta pelo futuro da Internet, são os ativistas, usuários da rede e cidadãos que buscam ocupar tanto as ruas quanto as plataformas digitais em prol dos seus direitos, contra a grande força dos governos e empresas que procuram, a todo momento, formas de cercear a privacidade do usuário na web.

São muitas as questões, talvez ainda sem respostas, sobre a importância do Wikileaks para a luta pela liberdade de expressão, para as transformações evidentes no jornalismo, sobretudo enquanto prática investigativa, além do acréscimo de mais uma preocupação na ordem pública, ao saber que tudo pode ser tornado público, basta estar online. Para compreendermos como essa organização firmou seus alicerces em todo o globo e ganhou força na rede, precisamos entender mais sobre o ano chave do Wikileaks: 2010, ano da divulgação de relatórios de Guerra do Iraque e Afeganistão e o vazamento de milhares de telegramas confidenciais dos Estados Unidos, que envolviam países de todo mundo, vazamento que ficou conhecido mundialmente como #Cablegate.

A organização Wikileaks surge na internet no dia 04 de outubro de 2006, com domínio registrado de Wikileaks.org, mas manteve-se em segredo até sua primeira publicação, que aconteceria no final desse mesmo ano. Idealizado por Julian Assange e seus colaboradores, a plataforma surgiu com o objetivo de ser um projeto colaborativo de informações, que seriam recebidas de fontes espalhadas por todo o mundo, e em seguida, analisadas pelo site, para só então serem publicadas e ficarem a disposição na Web.

O funcionamento do Wikileaks é simples: ele recebe informação de suas fontes (cuja proteção é resguardada pelo sistema fortíssimo de criptografia, que torna praticamente impossível a busca da origem da mensagem), e os jornalistas e participantes da organização têm o papel de analisar e verificar se a informação é verdadeira, para então, resumir o conteúdo e disponibilizá-lo na Internet, que não deixa de conter a informação completa. Essa dinâmica de envio de documentos, logo propiciou que fontes enviassem sem temer, documentos sigilosos que atingiriam a grandes organizações e a países de todo o mundo. Desde 2007, o Wikileaks começava a aparecer na rede, mas em 2010, a organização começa a ganhar mais destaque, com seus inúmeros vazamentos em massa.

O dia 28 de novembro de 2010 ficou conhecido na imprensa como a data da primeira ciberguerra da história. Para Rosário (2010), essa é uma guerra pela luta da liberdade de expressão, em que o cidadão comum mostra que está no controle de tudo. E essa ciberguerra eclodiu, segundo Christofolletti e Oliveira (2011), quando cerca de 251.287 comunicados internos do Departamento de Estado Americano, escritos por 290 embaixadas e consulados, em 180 países, vazaram para todo mundo⁵.

Os documentos foram parar nas mãos do Wikileaks a partir do soldado norte-americano Bradley Manning que fora enviado a uma operação no Iraque por sua habilidade em computadores. Como analista de inteligência, ele passava muito tempo em frente a máquina, em uma base militar em que todos os soldados pareciam cansados e entediados com um trabalho que durava catorze horas por dia. Não tardou para Manning perceber as falhas de segurança que ali haviam. Um dos laptops ali presentes, por exemplo, estavam conectados a um sistema utilizado pelo Departamento de Defesa e pelo Departamento de Estado para compartilhar informações. Segundo Leigh e Harding (2011) espantava a ideia de que um

⁵ Disponível em: < <http://wikileaks.org/cablegate.html>>. Acesso em 23 de abril, 2013.

soldado raso pudesse ter acesso a tanto conteúdo confidencial e que pudesse fazer sem supervisão nenhuma no interior da base. Em pouco tempo, Bradley conseguiu obter acesso irrestrito a uma enorme quantidade de material secreto do banco de dados norte-americano “O que ele fez foi pegar o CD regravável com as músicas da Lady Gaga e apagá-lo, copiando, em seguida, outro tipo de material digital – muito mais perigoso [...]” (LEIGH; HARDING, p.34, 2011).

Impressionado com o trabalho de divulgação feito pelo Wikileaks no Dia de Ação de Graças em 2009, com o vazamento de mais de quinhentas mil mensagens de pagers, interceptadas no 11 de setembro de 2001 em Nova York e Washington, Manning teve a certeza de que a organização seria o melhor canal para que ele enviasse anonimamente a base de dados que tinha em suas mãos. E foi assim que milhares de documentos foram parar nas mãos de Julian Assange (LEIGH; HARDING, 2011).

O primeiro vazamento que trouxe o Wikileaks ao público foi a divulgação do vídeo do Apache⁶, onde os pilotos do Exército norte-americano aparecem atirando em dois jornalistas da agência de notícias Reuters. Toda a imagem havia sido gravada a partir de uma câmera militar de um dos helicópteros Apache que sobrevoava Bagdá. O resultado da operação foi a morte de cerca de doze pessoas, além de duas crianças feridas, que sobreviveram.

Logo em seguida, o site divulgou relatórios de atividades do Exército americano na guerra em curso no Afeganistão⁷ e dados semelhantes também vazaram sobre a ocupação do Iraque⁸. Essa era a segunda coletânea de dados do Wikileaks, que deu origem a união dos veículos de comunicação *The Guardian*, *The New York Times* e *Der Spiegel*. Os três jornais tiveram acesso a todo material e se uniram para contextualizar e publicar partes do diários de guerra do Afeganistão, e em seguida, um conjunto de revelações da guerra no Iraque. A ação deveria ser coordenada e feita em diferentes partes do mundo, dessa forma não haveria nenhum impedimento jurídico de bloquear o site ou proibir a veiculação das notícias.

Era a inteligência de enxame funcionando para manter a comunicação aberta na rede. Negri (2012) explica que esse tipo de ataque em rede pode parecer desorganizado e sem centro por

⁶ Disponível em: <<http://www.collateralmurder.com/>>. Acesso em 07 de maio, 2013.

⁷ Disponível em: <<http://wikileaks.org/afg/>>. Acesso em 07 de maio, 2013.

⁸ Disponível em: <<http://wikileaks.org/irq/>>. Acesso em 07 de maio, 2013

ser presumido no funcionamento desse modelo apenas espontaneidade e anarquia. Mas apesar do conceito se configurar na nossa mente como um enxame de pássaros ou insetos em uma ataque formado por uma multidão de irracionais e desconhecidos, veremos que em seu interior, essa rede é organizada, racional e criativa, numa “inteligência de enxame”. Nessa lógica, segundo Arquilla e Ronfeldt (2003), o enxameamento alcança sua máxima efetividade e sua maior potência de ataque quando os integrantes da luta em rede não congregam suas forças, mas concentram-se na dispersão, a exemplo da estratégia usada pelo Wikileaks, em reunir os veículos de comunicação como uma forma de dividir importantes informações com objetivo de que esses dados conseguissem chegar ao seu destino final.

“[...] Os enxames que vemos surgir nas novas organizações políticas em rede, em contrapartida, são compostos por uma multidão de diferentes agentes criativos. O que adiciona várias camadas de complexidade ao modelo. Os membros da multidão não precisam tornar-se o mesmo ou abdicar-se de sua criatividade para se comunicar e cooperar entre eles. Mantêm-se diferentes em termos de raça, sexo, sexualidade e assim por diante. O que precisamos entender, portanto, é a inteligência coletiva que pode surgir da comunicação e da cooperação dentro de uma multiplicidade tão variada.” (NEGRI, p.132, 2012).

Mas o vazamento final ainda era esperado pela imprensa. Eles aguardavam o acervo de telegramas confidenciais que comprometiam 180 países no mundo. O editor investigativo do *The Guardian*, David Leigh, pressionava Assange para a entrega dos telegramas. E após um acordo, no qual Leigh concordava em manter os documentos em segurança e publicá-los somente na hora certa, os mais de 250 mil telegramas foram parar nas mãos da imprensa.

Nessa segunda etapa, da divulgação dos telegramas, dois novos parceiros entraram no acordo, pois Assange exigia a presença de jornais de língua românicas no processo para aumentar o impacto em todo o mundo. *El País* e *Le Monde* agora também faziam parte da equipe. O dia final da publicação ficou conhecido nos bastidores da produção como Dia D, data na qual todos os jornais publicariam os documentos ao mesmo tempo, no dia 28 de novembro de 2010, às 21h30 (horário de Greenwich).

Os cinco veículos também compartilhavam uma preocupação: de que os nomes presentes nos arquivos confidenciais fossem protegidos. Caso o perigo fosse evidente, o nome era riscado. A ideia era que o texto original dos documentos fosse divulgados online, com as reportagens produzidas pelos jornais e suas devidas edições. Os cinco jornais aguardavam a publicação de

um forte trabalho de edição e produção. E a *Der Spiegel* havia concordado em publicar sua revista no dia anterior, na segunda-feira, após a publicação oficial do material online.

Entretanto, no meio do caminho, uma van de distribuição da revista alemã saiu 24h antes do programado e mudou o rumo do vazamento. O editor chefe da Rádio Basel, emissora local alemã, havia encontrado um cópia da *Der Spiegel* na estação, com data de 29 de novembro de 2010. A emissora alemã rapidamente divulgou a notícia de que havia poucos exemplares da publicação da *Der Spiegel* na estação Basileia.

Foi quando o usuário anônimo do *Twitter Freelancer_09* resolveu checar a informação e em pouco tempo já estava divulgado o conteúdo da revista no *Twitter*. Os veículos de comunicação perceberam que haviam sido furados. E após o imprevisto que este furo trouxe aos jornais, às 18h da tarde, eles decidiram publicar as matérias.



Figura 1 - Tweet feito pelo usuário @Freelancer_09

Em alemão, a publicação dizia: "Der Spiegel cedo demais na estação Basileia! Vamos ver o que estava acontecendo"

Quando o material foi divulgado, uma marcha de pessoas insurgiu contra o Wikileaks. Logo após a publicação dos telegramas, a organização foi alvo de um ataque de crackers, através de um ataque DDOS (*distributed denial of service*), coordenado pelo patriota "The Jester", conhecido no *Twitter* pelo nome "th3j35t3r"⁹, que se denominava um hacktivista do bem, cujo um dos objetivos eram obstruir as linhas de comunicação de terroristas (LEIGH; HARDING, 2011).

⁹ Ver mais: <http://en.wikipedia.org/wiki/The_Jester>. Acesso em 23 de abril, 2013.



Figura 2 - Tweet realizado pelo hacktivista The Jester

O conteúdo do *tweet* dizia: www.wikileaks.org - TANGO DOWN- por tentar pôr em risco a vida das nossas tropas, ‘outros bens’ & as relações internacionais.

O Wikileaks foi atacado por todos os lados. Os “aliados” da organização, como servidores e empresas de cartão de crédito, deixaram de prestar seus serviços, sobretudo por pressão política dos Estados Unidos. Mas esses ataques não ficaram sem resposta. A favor do Wikileaks se levantou o grupo Anonymous, formado por cerca de 3 mil pessoas, dentre eles jovens ansiosos para manterem a informação livre e internet aberta para o mundo. Organizado em um fórum na internet, o grupo reivindicou os ciberataques contra as companhias americanas de cartão de crédito. A Operação Vingança, assim denominada por eles, tiraram do ar a empresa MasterCard e também a conta do cartão de Sarah Palin, ex-governadora do Alasca, que se mostrou extremamente contra a organização.

O vazamento causado pelo Wikileaks trazia para os rumos da política mundial um novo perfil. “Esse evento foi algo novo – o equivalente, na internet, a uma manifestação política barulhenta. O que começara com alguns nerds adolescentes transforma-se numa ciber-revolta contra as tentativas de limitar a informação” (LEIGH; HARDING, p.209, 2011). A divulgação desse documentos provocaram um mal estar nas relações diplomáticas entre alguns países. Para Christofolletti e Oliveira (2011) essas revelações ajudaram a despir um pouco a elegância das relações exteriores no globo. E o mais importante, permitiu que cidadãos observassem, mesmo que por uma fresta, como se configuravam alguns movimentos que organizam a geopolítica do planeta.

Operation Avenge Assange

"The first serious infowar is now engaged.
The field of battle is WikiLeaks.
You are the troops."
- John Perry Barlow

Julian Assange defies everything we hold dear. He despises and fights censorship constantly, is possibly the most successful international troll of all time, and doesn't afraid of fucking anything (not even the US government).

Now, Julian is the prime focus of a global manhunt, in both the physical and virtual realms. Governments across the world are baying for his blood, politicians are up in arms about his recent leak, and even his own country has abandoned him to the wolves. Online, WikiLeaks is a focus of mass DDoS attacks, legislation and downright pandering to the corrupt incumbents which would silence this man.



Therefore, Anonymous has a chance to kick back for Julian. We have a chance to fight the oppressive future which looms ahead. We have a chance to fight in the first infowar ever fought.

1. Paypal is the enemy. DDoS'es will be planned, but in the meantime, boycott everything. Encourage friends and family to do so as well.
2. Spread the current leaked cables as much as possible. Save them to hard drives, distribute them on CD's, mirror them to websites and seed them on torrents. The end goal is a human DNS - something that can only be stopped by shutting off the entire internet.
3. Upvote Julian on the Times 2010 Person of the Year. While this might not aid his cause, it will get him much needed public exposure. (<http://tinyurl.com/2wb7ju8>)
4. Get vocal! Twitter, Myspace, Facebook and other social networking sites are critical hubs of information distribution. Make sure everyone you know is aware of what is happening. If you can convince just one person to tell one other person every day, the spread of info will be exponential.
5. If you're up for it, print out cables which are relevant to your area and distribute them. Post them on bus stops, train stations, street lamps. Be creative and catch people's attention. Using graffiti to spread the WikiLeaks website is also a great idea.
6. Complain to your local MP, mayor, or whichever political figure you can contact. Ask him for comments about the leaks. Record every word that is said.
7. Protest! Organise community marches, send around petitions, get active. This cannot happen without numbers.



TL;DR:
Protest.
Inform.
Enquire.
Fight.



The future of the internet hangs in the balance
We are Anonymous.

We do not forgive; we do not forget.
Expect Us.

Figura 3 - Comunicado do coletivo *Anonymous* a favor de Assange com a Operação Vingança

Tradução do documento pode ser conferida em < <http://www.tsavkko.com.br/2010/12/operacao-vingar-assange-hackers-em.html>>. Acesso em: 06 de maio, 2013.

O maior vazamento de dados veio sustentado pelo tripé formado pelos meios de comunicação tradicionais, o Wikileaks e uma fonte usuária colaboradora, que permitiu o acesso a milhares de informações secretas. O Cablegate representa um forte trabalho entre esses três grupos, sobretudo os dois primeiros, velhos meios de comunicação e o que muitos chamam como uma nova forma de se fazer jornalismo, o próprio Wikileaks. É relevante notar que sem a influência e credibilidade da mídia tradicional, sobretudo os cinco maiores veículos no mundo, o projeto Cablegate não teria saído do papel e provavelmente teria parado no meio do caminho, por resistência de governos, pessoas e instituições que tiveram seus nomes envolvidos nos telegramas. O trabalho de refinagem do material bruto, realizado sob a expertise jornalística, foi de extrema importância para verificação e concretização de que aquilo tudo era sim uma verdade, e ainda, estava sustentado pelo *ethos* jornalístico, uma série de reportagens, produzidas sobre esforço repetitivo de pesquisa e análise durante meses, de um batalhão de dados planejados para saírem conforme o combinado, evitando assim reações políticas antes do tempo que pudessem interromper o vazamento dessas informações ao domínio público.

2.2 Pós-Wikileaks: as transformações no fazer jornalístico

Realista em relação as transformações ocasionadas pelo fenômeno Wikileaks, Gutiérrez-Rubi (2011) afirma que apesar da organização não ter alcançado a máxima que lançou na rede social *Twitter*, onde dizia que “En los próximos meses veremos un nuevo mundo, en el que la historia global quedará redefinida”¹⁰, não se pode negar que os vazamentos de informações combinados com a relação de internautas e dos interesses de alguns meios de comunicação em recuperar seu poder pela legitimação do papel crítico da mídia abriu caminho para o debate em torno de cenários inimagináveis do jornalismo.

“O cenário para a emergência de um jornalismo ‘com WikiLeaks’ se descortina com a facilidade de contato direto com as fontes de informação; com o aumento da velocidade de acesso e edição; com enormes quantidades de arquivos e bancos de dados que podem ser acessados online; com poderosas ferramentas de pesquisa e versáteis recursos para interatividade e publicação de conteúdos” (CHRISTOFOLETTI E OLIVEIRA, p.232, 2011).

¹⁰ Tradução livre: “Nos próximos meses veremos um novo mundo, onde a história global será redefinida”

Em tempos de Wikileaks, em que *hackers* se unem a cidadãos comuns para alertar na rede sobre os abusos de poder e a falta de transparência das organizações e governo de todo o mundo, a velocidade da informação, seja pelos meios tradicionais de comunicação ou pelas novas mídias e toda uma legião de seguidores (*hackers*, ativistas, blogueiros, cidadãos comuns) é cada vez mais disputada e torna-se um determinante do *status* de estar e ser eficaz na rede. E para estar na rede é preciso ter voz e falar, falar antes de todos e ser a primeira voz a ser ouvida.

Diante deste cenário proporcionado pelo surgimento das novas mídias, não se pode deixar de pontuar as transformações que este novo elemento trouxe ao jornalismo e a rede nos últimos anos. Como afirma Benkler (apud Amadeu, 2011) a Internet alterou o ecossistema comunicacional, aumentando o poder de disseminação de informações de indivíduos e organizações, além de ter ampliado as possibilidades da atuação colaborativa e expandido as ações e articulações fora da esfera do mercado. É evidente que o funcionamento dos velhos meios de comunicação de massa, como o rádio, o jornal impresso e a televisão, limitava muito mais o poder de participação dos cidadãos comuns no processo de comunicação, do que temos hoje com as novas mídias, sobretudo com a expansão da Internet. Nesse universo, o usuário, dono de seu perfil, de sua *timeline* e de tudo que publica na sua rede, tem a total liberdade de buscar informações e obter serviços online nos mais variados sítios, construindo assim a sua própria noção de notícia, além de disputar o espaço com a própria mídia.

Para Sérgio Amadeu (2011) a Internet possibilitou uma atuação e articulação coletiva desterritorializada, que seriam improváveis antes da consolidação da rede. Ele cita o exemplo da Wikipedia, uma rede de colaboradores feita de modo coletivo, com pessoas de todo o mundo, envolvidas em torno da construção de uma narrativa colaborativa – feita a centenas ou milhares de mãos. São expressões do que já foi tratado neste trabalho, como uma forma de inteligência coletiva.

A emergência desse novo tipo de cidadão e jornalismo, corrobora para a consolidação dos esforços do Wikileaks em divulgar tudo o que precisa ser tornado público, com a ajuda de multidões espalhadas por todo o globo. Assange (2010) afirma que o Wikileaks seria um novo tipo de jornalismo, de caráter científico, que permite ao público ler as notícias e comprová-las com documentos originais a distância de um clique. O editor e diretor da organização ressalta ainda que uma sociedade democrática precisa de uma mídia forte e o Wikileaks é parte dessa

mídia, que ajuda a manter o governo honesto e ainda tem o poder de revelar algumas verdades sobre o mundo, como guerras e corrupções.

Christofoletti e Oliveira (2011) apontam que WikiLeaks é o fator mais potencialmente transformador para o jornalismo desde o surgimento do *Twitter* em 2006. Cabe aqui destacar algumas alterações evidentes nesse cenário: a alteração das relações entre jornalistas e suas fontes, a mudança no papel do jornalista como mediador de informação, novas formas de se fazer jornalismo (sobretudo em relação a técnicas de apuração, verificação de informação, de divulgação) e diferentes formas na construção da notícia com a colaboração entre jornalistas e cidadãos comuns. E não foi só o jornalismo que amadureceu e se transformou nesses últimos anos, o mais importante talvez tenha sido o fato de que todo o mundo despertou para o direito de reivindicar por uma maior transparência dos governos, instituições e meios de comunicação, numa luta pela liberdade de expressão e informação.

Segundo ressalta Gutiérrez-Rubi (2011) a política na era do Wikileaks mudará radicalmente porque o modelo da própria web - que apresenta a si mesmo como um grupo dedicado a defender fontes de informação e que atua como um serviço público internacional feito para proteger denunciadores, jornalistas e ativistas – muda as regras do jogo dos meios de comunicação atacando o coração de seu negócio: a exclusividade e a intermediação. E como reitera o autor, se mudam os meios, muda a política.

A novidade de hoje é que a Internet possibilita que cada indivíduo construa a sua própria narrativa, sem que para isso precise passar por qualquer mediação. Conforme destaca Malini (2008) esse é de fato um cenário de antagonismo com os sistemas de comunicação que a antecederam. E esse antagonismo está na colaboração crescente de usuários na construção de “novos conteúdos” em “novos meios de comunicação”, que segundo ele, contêm conteúdos multimídia que complementam, subvertem ou até divergem daqueles emitidos pelos veículos da mídia de massa. A grande novidade está então na existência de sites e mídias que funcionam graças a colaboração de usuários na publicação, troca e avaliação de conteúdo. Essas novas mídias já receberam o nome de meios sociais ou cidadãos.

Moretzsohn (2002) aponta a velocidade da informação como o principal motivo para explicar o “fim” da mediação do jornalista, uma vez que o valor principal da informação é a instantaneidade, o próprio sentido do trabalho do jornalista se modifica, a ponto de se tornar

desnecessário. A função do mediador passa a contrastar com o do apelo da informação personalizada, oferecida pela nova mídia, que induz ao usuário a montar o seu próprio jornal, construir a sua própria notícia. Para a autora, o risco da personificação é a formação de guetos próprios, com a segmentação de audiências a formação de círculos viciosos de informação, apesar desse sistema radicalizar o processo de recepção de notícias como algo “pasteurizado”. O jornalista configura-se então na lógica mercadológica, em que para vender a notícia, é preciso comprar o público, oferecendo a ele o que ele quer e precisa.

Shirky (2012) destaca em sua obra as mudanças ocasionadas pelo surgimento da Web, que para ele não introduziu um novo concorrente no antigo sistema, mas criou um novo ecossistema. O autor afirma que as mídias digitais roubaram dos jornais a unidade que antes possuíam, na qual o jornal apenas se apresenta como uma solução física provisória, em que cada artigo é uma seção a parte. A importância permanente, para ele, passa a estar em onde e como a sociedade será informada sobre as notícias diárias.

“O velho negócio do jornal – notícias do mundo misturadas com horóscopos e anúncios de pizzaria – chegou ao fim. O futuro apresentado pela internet é a amadorização em massa da capacidade de publicação e uma mudança de “Por que publicar isto?” para “Por que não?” (SHIRKY, 2012, p.55)

A principal mudança nesse contexto de transformações, passa a ser, segundo Shirky (2012), a própria alteração na concepção da notícia, que deixa de ser uma prerrogativa institucional para fazer parte de um ecossistema de comunicações, formado por organizações formais, coletivos informais e indivíduos. Essa alteração implica no fazer jornalístico, pois quando temos uma publicação global e livre, o discurso público é valorizado, mas como consequência, temos a diminuição do prestígio da publicação profissional. “O padrão aqui é simples – o que parece como um categoria fixa e duradoura como ‘jornalista’ revela-se associado a uma escassez ocidental criada pelo custo do aparato de publicação [...]” (SHIRKY, 2012, p.69). E se esse custo deixa de existir, as categorias estáveis vão se tornando cada vez mais insustentáveis.

Contrapondo a ideia de que a importância da figura do jornalista está ficando cada vez menor, Primo e Trasel (2006) destaca que devido a quantidade de informação disponível online, cria-se muito mais a necessidade de avaliar esse conteúdo, do que descartá-lo. A facilidade de publicação online por qualquer amador torna a ideia de “rejeitar” uma notícia, ou deixar de

publicá-la por falta de “espaço”, um debate incoerente na rede, onde tudo pode ser tornado público a um clique. Nesse processo, o “selecionar” tem papel fundamental. Fazendo referência a Bruns (2003), os autores chamam de “gatewatching” – neologismo criado em oposição a noção de gatekeeping, na qual o jornalista exerce o papel de porteiro da informação, selecionando quais fatos serão publicados – a nova função do jornalista no ciberespaço, local em que os portões se encontram tanto nas mãos dos produtores de informação, como nas mãos do usuário final, que navegam na web livremente como o seu próprio gatekeeper.

“Isso ocorre porque, ao contrário da mídia de massa, sempre constrangida por limitações técnicas e comerciais dos canais em uso, o que exige equipes profissionais para coletar e fundir informações em uma notícia o mais concisa possível (razão também da emergência do modelo “pirâmide invertida”), o espaço na Web é virtualmente ilimitado. Por outro lado, a própria estrutura hipertextual favorece a referência às fontes primárias da notícia, de modo que o repórter se vê livre da necessidade de condensar todos os dados em sua própria matéria.” (PRIMO E TRÄSEL, 2006, p.8).

O modelo da Web 2.0 e suas ferramentas ampliaram o poder de interação e publicação dos cidadãos, em que qualquer usuário minimamente capacitado passa a ser um emissor na rede, praticamente sem a necessidade da mediação jornalística. Como destaca Cristofolletti e Oliveira (2011), as fronteiras entre jornalista, público e a fonte de informação se tornam cada vez menores; e a relação entre eles é tão próxima que os papéis se mesclam. “Dessa forma, não apenas os modos de produção, divulgação e consumo de informações jornalísticas são modificados; ampliou-se também a visibilidade do potencial criativo que perpassa as relações sociais entre os atores envolvidos” (CHRISTOFOLETTI E OLIVEIRA, 2011, p.233)

Para Souza (2002 apud CRISTOFOLETTI E OLIVEIRA, 2011) a função do jornalista torna-se imprescindível nesse cenário inundado por informações, onde são os jornalistas os profissionais responsáveis por gerir o conteúdo noticioso disponível na rede, além de estarem comprometidos com certos valores, conceitos e princípios funcionais e normativos que regem a profissão e dão ao jornalismo o *status* de servir ao público pelo direito que todos têm à informação.

Outra mudança evidente no jornalismo pós-Wikileaks é a alteração na relação entre jornalistas e suas fontes. Segundo aponta Pacheco (2011) existem dois diferentes tipos de fontes que alimentam a organização, o primeiro são os *insiders*, aqueles que têm o acesso a informação

confidencial, ou *crackers*, são os que quebram os sistemas de segurança em busca de informação sigilosa. Para a autora, também são dois os motivos que movem essas fontes: o sentido de justiça ou uma forma de retaliação contra seus empregadores, e neste cenário, em que o Wikileaks aparece como um intermediador entre a fonte e o público, os jornais funcionam como segundo intermediador.

A imprensa escrita volta assim a recuperar importância – a escolha destes jornais, e não de outros, deve-se muito a uma questão de credibilidade. Os jornais estão registrar um aumento nas vendas devido às notícias do Wikileaks [...] Independentemente do interesse público que os jornais possam atribuir à informação que lhes chega, não deixam de ser um instrumento da estratégia da WikiLeaks. Os media tradicionais assumem então um papel indispensável para o sucesso da plataforma. (PACHECO, 2012, p.31)

Tim Berners Lee¹¹, o inventor da web, vai além ao afirmar que o futuro do jornalismo está amparado em um modelo cada vez mais baseado na análise de banco de dados, assim como opera a organização Wikileaks. Ele afirma que além de descobrir histórias conversando com pessoas em bares, o jornalismo ainda pode manter a sua posição debruçando-se sobre dados e equipando-se com ferramentas para analisar e escolher o que há de interessante nesse material, ajudando pessoas pelo mundo a ver onde tudo se encaixa e o que está acontecendo no país.

Em meio a esse turbilhão de informações que o Wikileaks torna disponível ao âmbito público, se torna cada vez mais necessário uma forma de filtragem, verificação e análise de dados por parte dos jornalistas e esse novo papel se obtém através do novo jornalismo que proclamou Berners-Lee. Como destaca o jornalista Carlos Castilho (2013) se antes o nosso problema era a ausência de informações, agora nosso desafio é enfrentar o inverso, o avalanche de dados e fatos que nos obrigam a ter que fazer um complexo sistema de triagem e avaliação.

Esse novo jornalismo pós-Wikileaks aponta para a necessidade da profissão se reafirmar enquanto princípio e direito humano fundamental e pertencente a todos. Além disso, acentua as mudanças necessárias que organizações jornalísticas devem fazer para mudar suas práticas e aproveitar melhor o potencial oferecido pela Internet. Nesse aspecto, o Wikileaks acentua

¹¹ ARTHUR, Charles. Analysing data is the future for journalists, says Tim Berners-Lee. **The Guardian**, 22 nov.2010. Disponível em: < <http://www.guardian.co.uk/media/2010/nov/22/data-analysis-tim-berners-lee>>. Acesso em 25 de abril de 2013.

novas perspectivas para o exercício jornalístico; novas formas de se fazer jornalismo (CHRISTOFOLETTI E OLIVEIRA, 2011).

Para Manuel Castells (2009) essa comunicação baseada na Internet contribui para a potencialização do que trataremos melhor no próximo tópico como “política do escândalo”. Segundo o autor, a Internet abre o lugar para a comunicação de massa e com isso também para acusações e denúncias de fontes diversas, esquivando-se da capacidade real de filtragem desses meios majoritários. Soma-se a isso, o fato de que na rede, qualquer notícia emitida de qualquer destino, pode ter uma difusão viral imediata.

2.3 Da política do escândalo a cultura do vazamento

A política hegemônica dos veículos midiáticos é hoje baseada em uma lógica de escândalos, em que vidas privadas são investigadas e segredos de Estados e instituições se tornam pautas jornalísticas. A emergência de um escândalo depende do conhecimento público sobre as ações e acontecimentos e o processo de transformação desse conhecimento em algo público e visível (Chaia; Teixeira, 2001). Nesse aspecto, o autor destaca que a mídia de massa exerce o papel de divulgação dessas informações “numa esfera que transcende o tempo e o espaço de sua ocorrência. O escândalo pode se espalhar rapidamente e de maneira incontrolável, sendo difícil reverter o processo [...]” (CHAIA; TEIXEIRA, 2001).

Esse poder de enxamear a informação tem proporções ainda maiores na Internet, com o surgimento de diversas ferramentas que possibilitam ao usuário o acesso a publicação e a verificação de informações, já ressaltado neste artigo como a força da “inteligência coletiva”. Para Christofolletti e Oliveira (2011), esse cenário da Web é ainda complexificado por sites, portais, blogs, microblogs, rede de relacionamentos, repositórios para compartilhamento de arquivos e dispositivos móveis. Tudo isso dá o suporte necessário para que qualquer um que esteja conectado à rede consiga transmitir a informação de “um para muitos”, assim como opera os meios de comunicação de massa, e além disso, ter acesso a esse depósito de conteúdos sem limites.

Nesse contexto, vale a pena destacar o funcionamento do Wikileaks para entendermos a importância do site na divulgação de documentos considerados ultra confidenciais ao domínio

público. A prática é simples e constitui-se em basicamente quatro etapas: o primeiro passo é quando a organização recebe os documentos secretos de uma fonte anônima (amparada pelas criptografias na qual o site opera), em seguida, quando possível, a organização faz uma verificação para estabelecer a confiabilidade da origem do material. O terceiro passo consiste na análise do documento para atestar a sua autenticidade. Por último, após o material ser compilado, a equipe de jornalistas e editores faz um resumo sobre o fato, que é divulgado junto com os documentos que o comprovam.

O Wikileaks se mostra então como uma organização que parte do pressuposto de multidão “anônima”, capaz de transformar segredos de Estado e documentações sigilosas em objetos públicos, alterando drasticamente os rumos da política internacional e das políticas de sigilo de Estados e organizações. Configurados a partir de uma lógica jornalística investigativa, o Wikileaks tem como base a divulgação de dados públicos, de todos os documentos recebidos anonimamente, assim como uma interpretação jornalística sobre o caso ocorrido, permitindo assim tanto aos leitores quanto a qualquer meio de comunicação de massa, o acesso a essa imprensa ‘livre’, ‘transparente’ e ‘pública’.

Observa-se na dinâmica de funcionamento da organização que todo material é direcionado a um processo de análise. Mas será que poucos jornalistas que compõem a equipe do Wikileaks conseguem verificar a enorme quantidade de conteúdo secreto disponível? Os cidadãos comuns dão a mesma credibilidade para a história contada em arquivos no site do Wikileaks ou preferem a narrativa dos veículos tradicionais de comunicação?

Segundo destaca Castilho (2013) essa publicação de documentos secretos provoca um grande impacto na opinião pública porque evidencia a quebra de um modelo de gestão baseado no sigilo. Mas como ele mesmo ressalta, os impactos dos problemas já foram sentidos. Em um projeto de crowdsourcing¹² o jornal inglês *The Guardian* pediu a ajuda dos seus leitores para a checagem dos recibos dos membros do Parlamento, tornados público em 2009. Quatro anos depois, a participação dos leitores nos projetos se mostrou tecnicamente viável, porém os resultados ficaram abaixo do esperado. Os leitores só conseguiram analisar 160 mil de 500 mil recibos arquivados. O grande problema dessa questão apontada pelo autor é que o Wikileaks apenas jogou o material na rede e deixou que o público e os jornais separassem o

¹² Uma nova forma de financiamento coletivo que busca nos consumidores da web o seu manancial de conteúdo/serviços/produtos.

joio do trigo. E como ninguém conseguiu analisar esse turbilhão de dados, a confiabilidade dos documentos ficou para segundo plano.

Esse é um dos riscos do projeto de divulgação de informações a níveis nunca imaginados promovido pelo Wikileaks: de que o material se torne obsoleto simplesmente por não ter a possibilidade de ser verificado por ninguém. Os jornais se detêm as histórias que lhes interessam e as que vendem, assim como os cidadãos comuns, que analisam apenas aquilo que lhes despertam os olhos. Percebemos cada vez mais que o grande impacto que a organização provoca na sociedade com suas divulgações secretas encontra-se no próprio vazamento em si, pela grande quantidade de informações sigilosas vazadas de fontes extremamente confidenciais, do que ao conteúdo dos próprios documentos. Importante destacar o que Thompson (2002) chama de organização social da quase-interação midiática. Ele explica que o vazamento de comportamento da região de fundo (onde as informações são produzidas) para as regiões frontais (onde elas são vistas) ocorre de diferentes modos e situações; mas nem todos vazamentos constituem escândalo, muitos sendo apenas questões embaraçosas ou momentos passageiros de inabilidade. Neste cenário, o autor ressalta que o escândalo midiático se apresenta como um conjunto de acontecimentos que envolve vazamento de comportamento da região dos fundos para a frontal, conferindo às ações do escândalo uma publicidade que de outro modo não haveria.

Parte da controvérsia associada aos escândalos midiáticos e o choque e a afronta que eles algumas vezes acarretam podem, ocasionalmente, ser devidos menos ao caráter de transgressão como tal, do que à surpresa e ao desconforto produzido pela revelação de formas de comportamento da região do fundo que são inaceitáveis ou incongruentes com as posições exercidas e com as imagens projetadas pelos indivíduos em questão (THOMPSON, 2002, p.96)

Os escândalos possibilitados pelo Wikileaks com a propagação de documentos sigilosos na mídia, a exemplo do Cablegate, são revelados através da comunicação midiática para uma pluralidade de não-participantes situados em contextos diferentes, ou seja, a dimensão proporcionada ao escândalo na esfera midiática é potencializada. A informação é passada pela fala, e também pela mídia, e normalmente essa informação dada pela mídia é discutida pelas pessoas nos contextos de suas vidas cotidianas, influenciando seu modo de pensar, agir e se comportar. (Thompson, 2002).

Isso ressalta o fato de que em tempos de colaboração, compartilhamento e cooperação, o poder se torna cada vez mais disputado e encontra-se naqueles que têm o controle da comunicação ou que almejam ter. Como destaca Castells (2010) essa disputa pelo poder encontra-se numa nova fase da comunicação política, e não só porque se revelam cada vez mais casos inimagináveis, fofocas e boatos, mas sim porque essas informações se espalham em um meio que foge aos aparatos de poder:

“A ciberguerra começou. Não uma ciberguerra entre Estados como se esperava, mas entre os Estados e a sociedade civil internauta. Nunca mais os governos poderão estar seguros de manter seus cidadãos na ignorância de suas manobras. Porque enquanto houver pessoas dispostas a fazer *leaks* e uma internet povoada por *wikis* surgirão novas gerações de *wikileaks*.” (CASTELLS, 2010, ONLINE).

A era do escândalo foi potencializada por uma cultura do vazamento, em que os arquivos compostos por material sigiloso e confidencial é cada vez mais disputado pelas mídias e chega à frente aqueles que vazarem primeiro a informação. Essa é uma lógica que desde os primórdios norteou os veículos de comunicação e que foi intensificada com advento da Internet, o furo de reportagem sempre foi o trunfo na manga de muitos jornalistas. Desde 2010, ano em que o Wikileaks vazou o maior número de conteúdo online, começando com relatos de diários de Guerra do Iraque e Afeganistão até chegar ao Cablegate, o jornalismo investigativo ganhou força e começou a direcionar parte de sua equipe para investigação e análise desse material secreto disponível online.

Não se trata mais de uma política que usa a desculpa da ocultação de informações pelo interesse público. Passa a reinar a ideia de que nada que deva ser público possa ficar em nível de anonimato. Viveiros (2011) cita Manuel Castells ao explicar o jogo de poder em torno da comunicação. Nesse cenário atual, quem possui o poder são aqueles que definem as regras do jogo, ou seja, conhecer de onde surge o poder, como se estrutura, quem o tem e o poder de fazer com que todos tenhamos de seguir esse poder é o que define os padrões gerais de comportamento que vivemos. Como ressalta o autor, o âmbito onde se constrói o poder é sobretudo na mente humana e a batalha de disputa para controlar as mentes se dá principalmente no espaço da comunicação. E essas batalhas só podem ser levadas a cabo se os territórios livres forem conservados, a exemplo das redes de comunicação que a internet tornou possível.

“Se todos os governos se perguntam sobre como controlar a Internet e seus territórios livres, é porque esses governos começam a perceber que estão perdendo a batalha da comunicação. Perseguem o mensageiro, como é o caso de Assange, mas não tem mais como controlar a mensagem” (VIVEIROS, 2011, p.138)

Thompson (2002) destaca que as formas abertas de comunicação midiática constituem, por exemplo, o principal modo de desaprovação de uma informação. São manchetes, avaliações negativas, críticas, caricaturas humilhantes entre outros atos que são repetidos continuamente e que geram um clima da desaprovação característico dos escândalos midiáticos. Segundo Castells (2009) essa organização dos jornais da notícia como infoentretenimento fomenta as histórias de escândalo como material básico para atrair a audiência. Ele ressalta que esse processo se origina das mudanças ocorridas com o jornalismo pós-Internet e os ciclos de notícias 24h com informações de última hora e a todo instante atualizadas, aguçando o apetite para o sensacionalismo e o novo. Essa informação também se atualiza nos meios de comunicação tradicionais e em seus canais na rede, além de revistas, blogs e canais de cidadãos comuns que divulgam toda e qualquer informação interessante na web.

Essa política mediática apresenta, segundo Castells (2009), dois objetivos específicos, ela estabelece suas bases construindo o poder através do controle da mente do público, moldando-as conforme seus interesses, além de contribuir para uma crise de legitimidade política que está sacudindo as bases institucionais da nossa sociedade. O autor ressalta que a política do escândalo é inseparável dessa política mediática, já que é através dos meios que os escândalos são conhecidos por toda a sociedade. E destaca ainda que algumas características da política mediática faz uso dos escândalos como instrumento de luta política.

Esto se debe fundamentalmente a que la política mediática se organiza alrededor de la personalización de la política, como ya hemos visto. Puesto que los mensajes más eficaces son los mensajes negativos y puesto que la difamación es la forma definitiva de negatividad, la destrucción de un líder político mediante la filtración, invención, presentación y propagación de una conducta escandalosa que se le pueda atribuir, ya sea personalmente o por asociación, es el objetivo último de la política del escándalo. (CASTELLS, 2009, p.331).

Rosa (2003) aponta três consequências práticas para o escândalo político. A primeira delas é a transferência de poder para um lado ou para outro do sistema político, com a perda da credibilidade e poder simbólico de um figura, o que torna inevitavelmente a outra parte mais forte. A segunda é a depuração das instituições e por consequência o maior controle do cidadão comum das práticas adotadas pelos dirigentes. E por último, o risco de que os

políticos sejam julgados cada vez mais pelos seus atributos pessoais, esquecendo-se das características que levam a frente o avanço social e a capacidade de gerir problemas.

Se a política mediática é a política da Era da Informação, a política do escândalo é o instrumento para resolver as batalhas políticas de nosso tempo (Castells, 2009). Para Gutiérrez–Rubí (2011) o Wikileaks significa não outra coisa senão a luta entre duas grandes forças estratégicas que competem pela natureza da Internet. As iniciativas do governo e empresas para exercer mecanismos de propriedade, controle e censura, limitando a liberdade da rede, está no centro de uma revolta de usuários e cidadãos que lotam as praças digitais e públicas.

O autor explica que esse novo sistema de comunicação que se constrói dentro e fora dos canais de informação convencionais, sobretudo através das redes sociais, está modificando as relação de poder e equilíbrio entre eles. E o resultado é a perda do privilégio dos meios e por consequência da política, já que podemos informar sem meios de comunicação e fazer políticas sem partidos ou políticos. Essa perda de uma posição central, abre, segundo ele, novos cenários, muito deles ainda incertos e não isentos de riscos para a democracia, porém, também de oportunidades. “La política será vigilada, observada, escrutada... porque ya se puede, como nunca antes en la historia se ha podido. La tecnología social y la realidad digital de nuestra sociedad, con su naturaleza altamente porosa y permeable, están obrando cambios profundos.” (GUTIERREZ-RUBÍ, 2011, p.30).

Vemos se formar em meio a essa política de escândalos e vazamentos um exército cívico pronto para lutar pela liberdade de expressão e informação, com identidades múltiplas e grande capacidade de desafiar e acompanhar as transformações pelas quais ainda estão por vir. É sobre essas identidades que trataremos no próximo capítulo, analisando por exemplo: quais são os atores envolvidos nessa rede controversa em torno do Wikileaks? O que motivam essas pessoas? Quais são as identidades emergentes nesse processo? Como se origina e explode a cultura do vazamento? Através de uma análise quali-quantitativa, conseguiremos analisar essas múltiplas figurações em um contexto de ciberguerra.

“El tiempo del confort se acabó. Como también la política concebida como la acción paliativa al descontrol financiero, ecológico o social. No se trata de poner paños calientes. Sino de tomar, de nuevo, el mando y el control de un mundo desbocado y suicida. Si no lo hace, que no espere ni paciencia ni clemencia por parte de los ciudadanos” (RUBÍ-GUTIÉRREZ, 2011, p.32).

3. Cartografia das controvérsias emergentes do #Wikileaks

3.1 A figura enigmática de Julian Assange

As maiores controversas em torno da organização Wikileaks se confundem com a história do seu próprio criador, o ativista Julian Assange. Nascido na Austrália, o hacker teve uma formação familiar incomum, seu sobrenome vem do padrasto, o diretor de teatro Brett Assange, com o qual sua mãe se casou quando tinha um ano. Em 1979, a mãe de Assange casa-se de novo e tem um filho, cuja guarda passou a ser disputada entre os pais e acabou a levando para um esquema de esconderijo das crianças, a mãe do hacker alegava estar sendo perseguida pelo ex-marido. Como vivia mudando de residência na sua infância, Assange passou por várias escolas, muitas vezes se dedicando aos estudos em casa. (DOMINGOS; COUTO, 2011).

Quando Assange tinha entre 13 a 14 anos, sua mãe passou a morar em uma casa em frente a uma loja de eletrônicos, foi quando ele começou a frequentá-la e a trabalhar em um Comodore 64¹³. Aos 16 anos, ganha seu primeiro modem e participa de um programa para crianças superdotadas em Melbourne. Nessa idade, ele também começava a atuar como hacker, com o nome “Mendax”, tirado de uma citação do poeta romano Horácio, que significa “nobremente mentiroso”. (LEIGH; HARDING, 2011)

Os anos 80 o introduziram no submundo hacker de Melbourne, formado por adolescentes autodidatas que estavam acima da média e utilizavam suas habilidades em computadores para criar códigos e utilizar os modems extremamente lentos da época. Em 1988, Mendax tentou invadir o Minerva (sistema de mainframes da empresa Overseas Telecomunicação Commission) que funcionava como uma espécie de rito de passagem para os hackers. Já em 1989, os hackers de Melbourne lançam um worm¹⁴ contra o site da Nasa. No ano de 1991, Assange era apontado como o possível melhor hacker da Austrália, ele e dois amigos, Prime Suspect e Trax, fundam a revista *International Subversives* (Subversivos Internacionais), que oferecia dicas de como invadir sistemas telefônicos e fazer ligações gratuitas. Em seguida,

¹³ Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Commodore_64> . Acesso em 30 abril, 2013.

¹⁴ É uma espécie de vírus de computador, porém, enquanto o vírus precisa de um programa hospedeiro para se propagar, o worm é um programa completo, que pode ser projetado para tomar ações maliciosas após infestar um sistema, como deletar arquivos de um sistema e enviar documentos por email. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Worm> >. Acesso em 29 abril, 2013.

Assange hackeava uma empresa canadense que vendia equipamentos de telecomunicações, além de invadir o complexo militar-industrial norte-americano, o quartel general do 7º Grupo de Comando da Força Aérea dos Estados Unidos no Pentágono, o Instituto de Pesquisa de Stanford, entre outros. Nesse mesmo ano, os três hackers se juntam para hackear a Milnet, rede de dados secreta da Defesa das Forças Armadas Americanas. (LEIGH; HARDING, 2011).

Porém, a polícia australiana já estava atrás do grupo e após grampear a linha telefônica de Assange, logo souberam das tramas do jovem e invadiram a sua casa. Na ocasião, o hacker acabou confessando a polícia o que tinha feito. Em 1994, Julian Assange é formalmente acusado e acaba se declarando culpado das 24 acusações de *hacking* e é solto por boa conduta e pelo pagamento de fiança de 2.100 dólares. Condenado e desempregado, ele sobrevivia com a pensão de um pai solteiro. Seu filho, Daniel, era fruto do seu primeiro casamento e após a separação do casal, Assange passou a lutar pela guarda da criança, numa terrível luta com o Estado pelas informações do caso. As atividades do hacker nesse período, como a criação de um site sobre dicas de segurança digital e a participação no movimento pelo Código Aberto, acabaram o levando para o desenvolvimento do Wikileaks. Já em 1999, ele concebe a ideia de um site para divulgar informações confidenciais e registra o domínio com nome de Wikileaks. Mas é só em 2006 que a organização vem à tona com a divulgação de informações sigilosas sobre a Guerra do Vietnã. (LEIGH; HARDIND, 2011).

A experiência de Assange com a polícia não pararia por aí. Em novembro de 2010, a polícia Sueca emite um pedido de prisão preventiva para um réu estrangeiro, Julian Assange, acusado de coerção ilegal, duas alegações de assédio sexual e uma acusação de estupro, supostamente cometidas em agosto de 2010. Leigh e Harding (2011) contam que após as acusações, o editor-chefe da organização tuitou usando o nome do Wikileaks dizendo: “Fomos avisados de que devíamos esperar ‘truques sujos’. Vemos o primeiro agora”, logo em seguida tuita: “Lembrete: desde 2008 a inteligência norte-americana planeja destruir o Wikileaks”. Ficava claro que para o hacker, toda essa confusão era fruto de uma perseguição dos Estados Unidos para destruí-lo. O autor destaca que precisou passar quatro meses de silêncio completo até Assange admitir que não havia evidências de uma “armadilha sexual”.

Tudo isso teria acontecido em uma viagem que o hacker fez a Estocolmo, a pedido de uma ativista política, Sonja Braun (nome fictício), de um movimento chamado Irmandade, que o

convidou para apresentar um seminário e lhe ofereceu seu apartamento como hospedagem, já que ela estaria fora numa viagem a negócios. Mas a ativista resolve voltar um dia antes e é quando a relação entre eles acontece. Segundo os advogados do hacker, Sonia chegara sem explicação, leva Assange para jantar e o convida pra cama dela, onde tem relações sexuais várias vezes com camisinha. A versão da ativista divergia da história de Assange, Sonja contou a polícia que tudo se resumia a história de uma noite com sexo ruim, na qual o hacker havia agido de forma bruta e impaciente, tentando forçar a relação sexual tirando a roupa da ativista, que não conseguia o impedir. Além disso, Assange havia tentado fazer sexo sem proteção, resistindo a usar o preservativo e em algum momento o hacker havia “feito algo” com a camisinha que ela havia se rompido. Segundo Julian, só o sexo era verdade nessa história, alegando não ter rasgado o preservativo e ter inclusive continuado a dormir na cama dela sem que ela tocasse no assunto.

Na mesma semana, após uma festa dada na casa de Sonja a Assange, o hacker se envolve com outra mulher, Katrin Weiss (nome fictício), uma loira de cabelos compridos, com quem ele sai acompanhado da festa e lhe rende a acusação de estupro. Weiss conta que Assange teve relações sexuais com ela sem camisinha enquanto ela estava sonolenta e ainda tentou fazer sexo sem proteção várias vezes durante a noite. Como na Suécia é crime ter relações sexuais com uma mulher inconsciente ou adormecida, Katrin percebe que foi vítima de um crime e denuncia o hacker as autoridades suecas. Com apoio da também vítima, Sonja Braun, Katrin havia decidido ir até a polícia denunciar o hacker por estupro. (LEIGH; HARDIND, 2011).

“Supõe-se que elas foram à polícia em busca de orientação e que não queriam prestar queixa. O que elas dizem é que descobriram que ambas haviam sido amantes ao mesmo tempo, que fizera sexo sem proteção, ficaram nervosas com a possibilidade de contrair alguma doença sexualmente transmissível e foram até a polícia para fazer o teste [...] E ir até a polícia por causa disso foi uma coisa ridícula”, ele disse ao *Today*. (ASSANGE, 2010, apud LEIGH; HARDING, 2011, p.163).

Após ter entrado na lista de procurados da Interpol por “crimes sexuais”, Assange conclui que o cerco havia se fechado e a melhor opção era se entregar à polícia de Londres e é então detido. Uma semana depois, a Alta Corte da Justiça de Londres concede a liberdade condicional ao hacker, que se abriga sob rígido controle judicial na mansão de um dos seus amigos na Inglaterra. A defesa do fundador do Wikileaks temia, entretanto, que ele fosse extraditado para a Suécia e com isso acabasse sendo transferido para os Estados Unidos, onde correria risco de ser condenado à morte. Em fevereiro de 2011, a justiça britânica valida o

pedido de extradição do hacker, que recorre logo em seguida. Nove meses depois, a Alta Corte de Londres confirma a extradição de Assange, e em maio de 2012, ela rejeita a apelação apresentada em novembro e confirma mais uma vez a extradição do australiano.

No dia 19 de junho, Julian Assange se refugia na embaixada do Equador em Londres e pede asilo político ao país. De acordo com o ministro das Relações Exteriores do Equador, Ricardo Patiño, o hacker enviou uma carta ao presidente Rafael Correa, afirmando ser vítima de perseguição, dizendo que seu país não defende as suas garantias mínimas e ignoram a proteção de um cidadão perseguido politicamente e delegam a outro país que aplica pena de morte por espionagem e traição.

O período específico dessa narrativa selecionado para análise nesse trabalho começa a partir de agosto de 2012, quando o governo equatoriano concedeu asilo diplomático ao hacker por considerar que existiam riscos para sua integridade e sua vida em consequência das revelações feitas no site Wikileaks. Patiño afirmou que o asilo também se justificou pela dificuldade dos três estados envolvidos em fornecer as informações sobre o caso do fundador da organização, além de considerar que sua prisão preventiva poderia gerar uma cadeia de acontecimentos para impedir a saída do hacker do país e que ele não havia recebido apoio do seu país de origem, a Austrália.

Em meio as polêmicas envolvendo o líder da organização em um período bastante conturbado para o site, o Wikileaks ainda sofreu uma grande perda, a do Grupo *Anonymous*. Em outubro de 2012, o coletivo hacktivista publica um comunicado¹⁵ criticando a posição do Wikileaks em colocar um *paypal* em suas páginas, impedindo o acesso a certas páginas sem um pagamento. O comunicado afirma que o *Anonymous* não oferece mais seu apoio ao grupo ou a Assange, afirmando que o foco tem deixado de ser os vazamentos e busca pela liberdade de informação para se concentrar no editor-chefe do site e uma busca intensa por dinheiro. Eles criticam também a organização por ter ignorado os diversos anônimos que foram presos por realizar ataques em defesa do Wikileaks (ROHR, 2012).

¹⁵ Disponível em:

<<http://www.anonpaste.me/anonpaste/index.php?f12864c4aaa27e05#b85meIA+HwnJhvVZbw93iqqnrDHJLNEJURQgWJSkAhk=>>>. Acesso em 29 de abril, 2013.

É sobre esse período de grandes reviravoltas no caso de Julian Assange e controversas histórias envolvendo o Wikileaks que será aprofundado no próximo tópico. Buscando entender como se constitui a rede formada pelo debate em torno desses temas e quais são os principais atores envolvidos. Dessa forma, conseguiremos antecipar certo comportamento dessa rede, ou seja, padrões e atores que sempre estarão narrando histórias de grande interesse público, contra ou a favor, trazendo para a hashtag #Wikileaks um verdadeiro legado de dilemas e debates, que são erguidos e sustentados por meios de comunicação tradicionais, veículos online, ativistas, políticos, blogueiros, entre muitos outros participantes.

3.2 Panorama da rede

Todos os dados para a formação da rede emergente em torno do Wikileaks foram extraídos do *Twitter* a partir de um processo de mineração de dados. O primeiro passo foi a filtragem do material através do *YourTwrapperKeeper*, um software utilizado em servidores do computador para a captura e armazenamento de dados da plataforma. Esse programa rastreia os *tweets* associados a uma determinada pesquisa, conforme os dados disponibilizados pelo usuário, para em seguida serem compilados em um arquivo geral, que pode ser de diversas extensões, como csv., .html, .json, entre outros.

Nessa pesquisa, em particular, selecionei a hashtag #Wikileaks, que ficou sendo rastreada do dia 6 de agosto de 2012 ao dia 20 de novembro do mesmo ano. Com os dados coletados, em formato .csv, o próximo passo foi a separação desses *tweets* em dois diferentes arquivos: retuites (RTs) e menções (ATs). A separação dos RTs e ATs dos *tweets* é feita através de um script processado na linguagem de programação ‘R’. Tal script, o “[tweetgraph.R](#)”, foi encontrado em um blog¹⁶ e serve para extrair de um arquivo ‘Pipe-delimited’ (wikileaks.csv), um arquivo de texto onde as informações sobre o *tweet* (texto, hora, local, dispositivo ect) são separados pelo símbolo | (pipes).

Esse script foi modificado para que o conteúdo do *tweet* pudesse estar junto com o RTs e ATs, criando assim o script “*tweetgraph2.0.R*”¹⁷. Atendendo a uma necessidade de análise ainda mais profunda de conteúdo, foi criado o “*tweetgraph3.0.R*”, que guarda tanto quem

¹⁶ <http://blog.ynada.com/339>

¹⁷ Script criado por Jean Maicon Rickes Medeiros - membro do Laboratório de Imagem e Cibercultura (Labic)

escreveu quanto quem fez o RT, além do conteúdo e o timestamp (que contém o horário) do *tweet* com intuito de organizar temporalmente esses dados.

Dentre eles, me detive a analisar a rede brasileira em torno do tema, selecionando assim os retuites que estavam na língua portuguesa (o YourTwrapperKeeper oferece a função de filtrar conforme a língua oficial dos *tweets*). A escolha dos RTs se dá por ser esta uma métrica fundamental para medir a difusão de informações. Como destaca Bastos, Traviski e Raimundo (2012) a partir dos retuites conseguimos identificar os intermediários das informações e ainda, o ato de retuitar estabelece uma relação entre um usuário e outro fazendo surgir as propriedades do ecossistema do *Twitter*, uma vez que o conteúdo retuitado foi escrito por um usuário e republicado por outro.

“Com essa métrica, na medida que um perfil recebe mais ou menos RT's, alguns perfis tornam-se mais centrais que outros. Assim, traçamos caminhos para entender as questões referentes a autoria, atribuição e fidelidade comunicativa na rede, ao tempo que reconhecemos as conversas que ganham mais destaque.”
(BASTOS;TRAVISKI;RAIMUNDO, 2012, p.08, tradução nossa).

Ao total, foram analisados 5427 retuites e suas diferentes variáveis, como as estatísticas de grau, centralidades, hits e modularidade. Em seguida, o estudo foi direcionado para as redes emergentes entorno dos perfis que tiveram o maior número de retuites na rede, analisando assim as controvérsias envolvidas em seus debates no *Twitter*.

3.2.1 A formação de grafos no Gephi

O estudo das redes, sobretudo as sociais, é de grande interesse para a área científica, devido ao poder desses emaranhados de conexões representarem diversos problemas de natureza real. Recuero (2009) explica que com o advento da comunicação mediada pelo computador, as formas de organização, identidade, os debates e a mobilização social se alteraram profundamente. Ela destaca que essa nova forma de comunicação ampliou a capacidade de conexões entre os indivíduos, permitindo assim que redes fossem criadas e difundidas nesses espaços, as redes sociais mediadas pelo computador.

Mas o estudo das redes sociais não é algo novo, afirma Recuero (2009). A análise da sociedade a partir do conceito de rede foi uma mudança de foco significativa na ciência durante o século XX. Antes, o estudo se limitava a análise dos fenômenos das redes sociais,

examinando suas partes detalhadamente. E é só a partir do século passado que o trabalho começa a mudar o foco para o fenômeno social constituído pela interação entre as partes.

Em 1736, o matemático Leonard Euler publicou um artigo sobre o enigma das Pontes de Königsberg, utilizando pela primeira vez a metáfora das redes. Königsberg era uma cidade prussiana localizada em meio a ilhas no centro de um rio. Ao todo, a cidade tinha sete pontes e contava-se que era uma diversão para seus habitantes atravessarem a cidade através delas, cruzando-as apenas uma vez. Euler desmitifica a ideia dos habitantes, mostrando que cruzar essas pontes sem repetir o caminho não era possível e apresenta uma rota possível para os habitantes da região. O matemático conecta quatro partes terrestres (nós) com as sete pontes (arestas), confirmando a inexistência da rota desejada pelos moradores e criando o primeiro teorema da Teoria dos Grafos¹⁸ (Figura 4). Esse teorema parte do princípio que, para entrar em uma lado da cidade e sair sem passar pela mesma ponte, seria necessário que cada parte tivesse pelo menos duas pontes. (RECUERO, 2009)

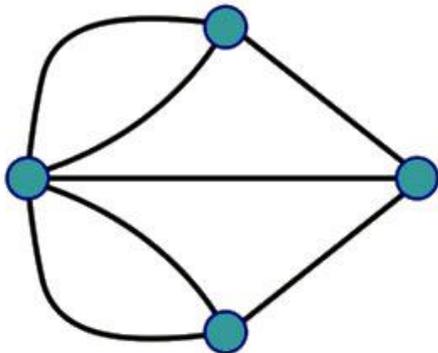


Figura 4 - Grafo de Leonard Euler

Na imagem cada círculo representa uma parte da cidade e as conexões entre elas são as arestas, que representam as pontes.

Uma rede pode ser então expressa matematicamente por um *grafo* que se constitui por um conjunto de pontos, os nós ou vértices, conectados por linhas que expressam uma relação entre eles, as arestas. Freitas (2010) explica que em grafos como modelo para as redes sociais, os vértices representam os atores, e as arestas a relação entre eles, logo, os atores se tornam importantes quando estão conectados a outros atores. Estes laços os tornam mais visíveis e centrais na rede.

¹⁸ Parte da matemática aplicada que estuda as propriedades dos diferentes tipos de grafos. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_dos_grafos>. Acesso em 23 de abril, 2013.

“Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões” (Recuero, 2009, p.24)

Os *grafos* aqui estudados são todos exportados de um software chamado *Gephi*, uma plataforma *open source* interativa de visualização e exploração de vários tipos de rede e sistemas complexos. Através desse programa é possível aplicar algoritmos de layout configuráveis para ser executado em tempo real. Por exemplo, a velocidade, a gravidade, repulsa, estabilidade, inércia ou ajustes de tamanho são as configurações em tempo real do algoritmo Force Atlas. Vários algoritmos podem ser executados no mesmo tempo, em espaços de trabalho separados, sem bloquear o computador. O módulo de texto pode mostrar etiquetas na janela de visualização de todos os dados atribuídos aos nós, da mesma forma que um conjunto de nós ou arestas pode ser obtido manualmente ou por meio do sistema de filtragem. Os filtros podem selecionar nós ou arestas com limites, alcance e outras propriedades. Temos várias opções estão disponíveis para os usuários definir o projeto de nós, arestas e etiquetas. O software é constantemente atualizado e suas técnicas são desenvolvidas para aumentar a nitidez e legibilidade das redes (BASTIAN; HEYMANN; JACOMY, 2009).

Assim, o Gephi foi essencial para os apontamentos dessa pesquisa e sobre o comportamento da rede, ou seja, com ele conseguimos entender como a trama do #wikileaks funciona, quem são os principais atores, quem recebeu mais retuite, quem é mais central, quem consegue disseminar uma informação mais rapidamente, entre outros dados. De acordo com os objetivos apresentados nesse trabalho, limitaremos o estudo as estatísticas de *grau*, *grau de entrada*, *hits*, *modularidade*, *centralidade de intermediação*, *centralidade de aproximação* e *centralidade de autovetor*.

3.2.2 Grau

A primeira estatística aplicada no grafo do #Wikileaks foi a de grau. O grau de um vértice é dado pelo número de arestas que lhes são incidentes. Ou seja, essa estatística nos proporcionara uma visão de todas as conexões da rede, exibindo tanto os RTs que uma pessoa fez quanto aqueles que ela recebeu.

Aqui utilizamos o layout denominado *Force Atlas 2*, um layout de força direcionada que simula um sistema físico. Nós se repulsam enquanto arestas atraem os nós que elas conectam (como molas). Essas forças criam um movimento que converge para um estado de equilíbrio. O desenho de força direcionada tem a especificidade de colocar a função de um nó para todos os outros, não limitando a característica única de cada um deles. Isso faz com que o grafo nem sempre apresente a mesma configuração final, pois o resultado depende das forças aplicadas mas também ao estado inicial dos nós e até mesmo a aproximação com o algoritmo. Nesse layout, você não deve ler a posição de um nó, mas compará-la com os outros nós na rede (JACOMY et al, 2011).

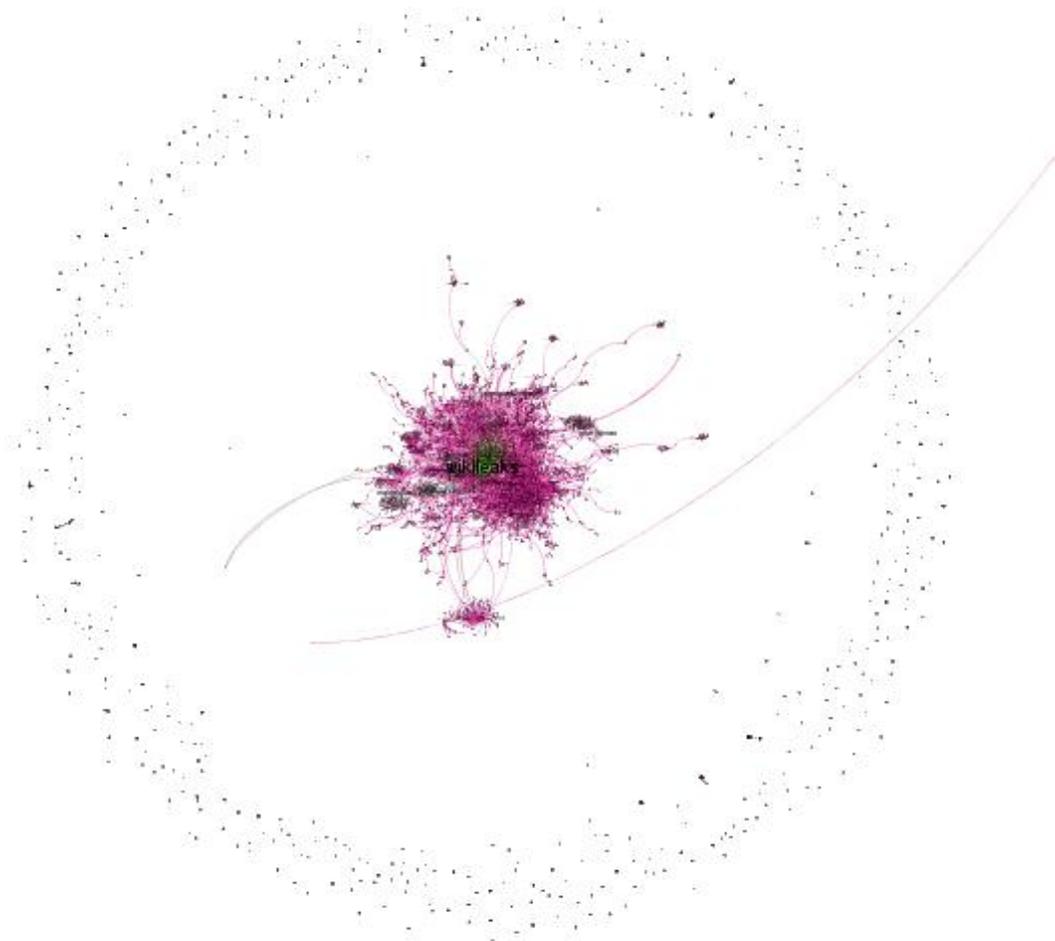


Figura 5 - Grafo geral com a estatística Grau da rede

A imagem anterior (figura 5) nos apresenta uma visão geral do grafo. Em que percebe-se claramente que os atores que tiveram o maior número de conexões estão no centro da rede, em um emaranhado de arestas que se ligam, garantindo a eles o papel central nessa narrativa.

Enquanto ao redor desse núcleo, existe um conjunto de nós, que não tem conexões com o centro do grafo mas desempenham um papel importante de “divulgador” de uma informação, pois eles em algum momento deram ou receberam o retuite de alguém que está próximo a ele, alimentando assim o debate em assuntos referentes ao Wikileaks.

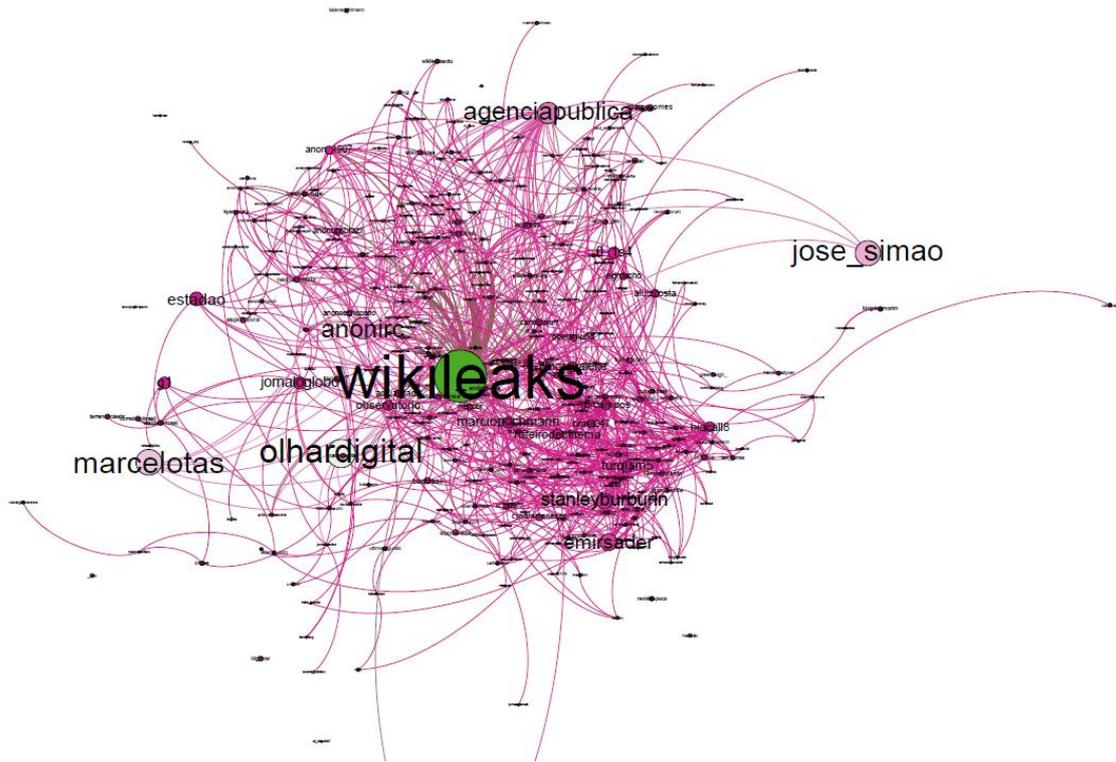


Figura 6 - Núcleo da rede formada a partir da estatística de Grau

Nessa imagem específica do núcleo da rede, observa-se que cinco figuras se destacam: @Wikileaks, @Jose_Simao, @Olhardigital, @Marcelotas, @AgenciaPublica e @Anornirc. Além de outros menores, mais evidentes, como @Estadao, @StanleyBurburin e @EmirSader. Esses foram os perfis que tiveram o maior número de links e por isso encontram-se nessa posição. Podemos visualizar os momentos em que as relações desses perfis tornam-se mais intensas a partir da análise de três estágios, o início, o meio e final da formação da rede. Para esse processo, foi utilizado o *plugin GraphStreaming* do Gephi, que permite avaliar a configuração da rede a partir do tempo cronológico, do primeiro ao último *tweet*. Na imagem a seguir, veremos que poucas são as arestas entre os atores no início da trama, o ator que tem o valor mais alto de grau, o @Wikileaks, aparece com apenas uma única conexão. Porém, assim que o tempo corre, as arestas vão surgindo, tornando o centro do grafo em um emaranhado de conexões. Podemos visualizar também, que os nós ao redor do núcleo da imagem só exibem suas ligações do meio da narrativa em diante, destacando a características

desses usuários em serem apenas “transeuntes” da rede, não tendo papel de uma autoridade ou hub, por exemplo.

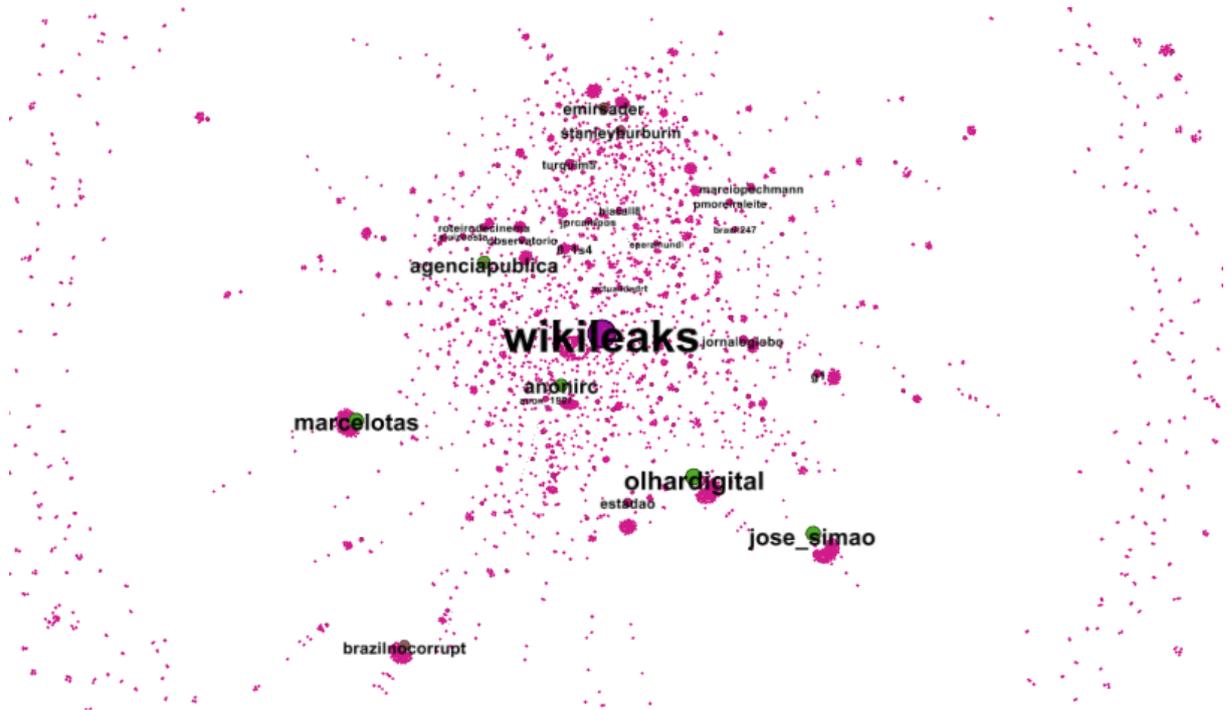


Figura 7 - Momento inicial da formação da rede

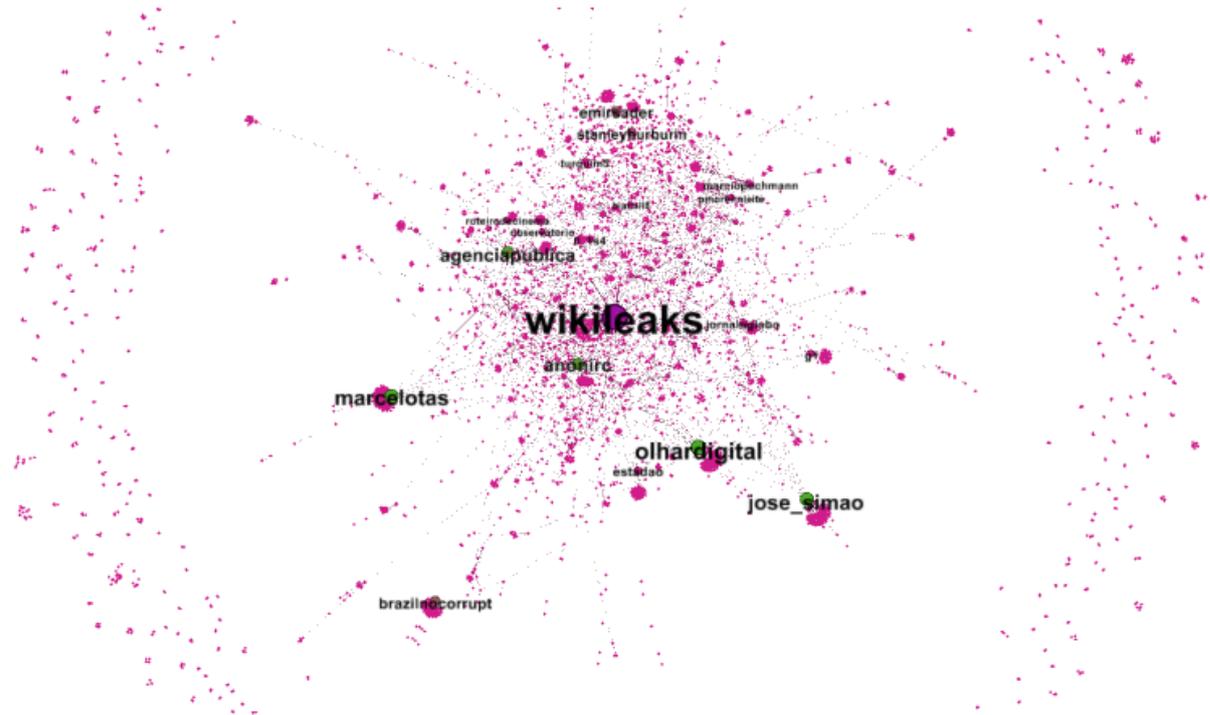


Figura 8 – Momento em que as conexões começam a aparecer

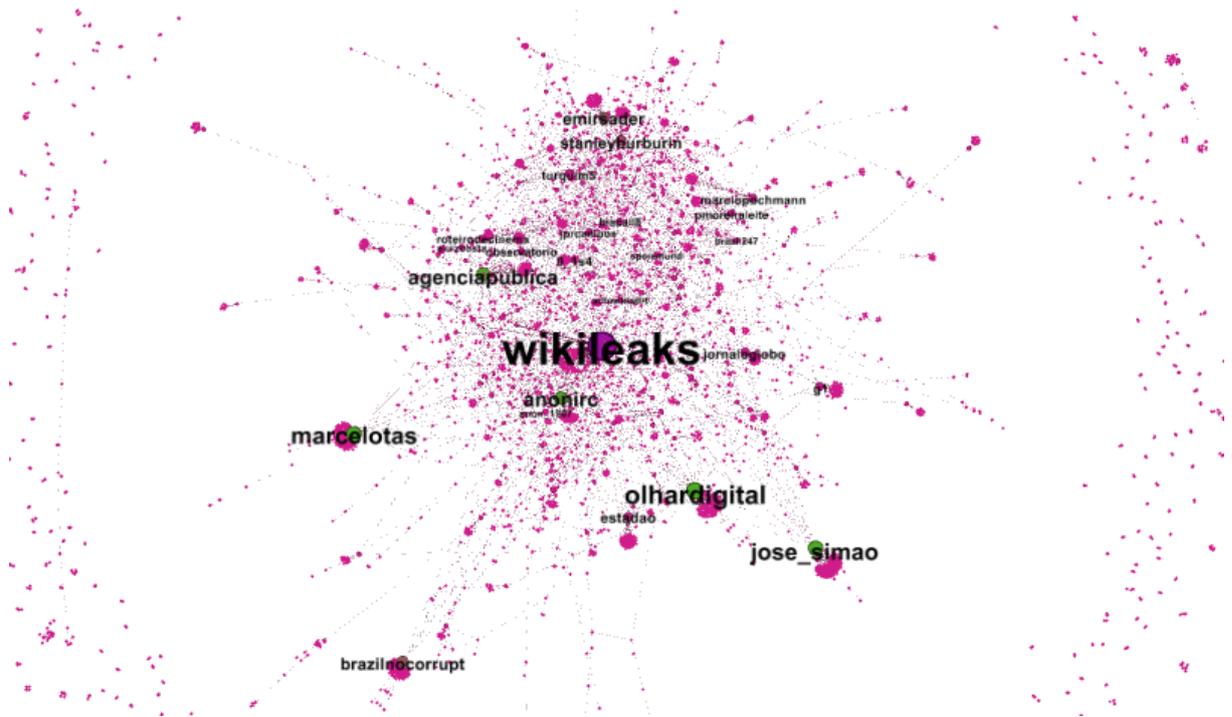


Figura 9 - Estágio final de formação da rede, com os links já estabelecidos

Importante notar que dentro dessa estatística de grau temos dois fatores envolvidos: o grau de entrada (a quantidade de retuites que uma pessoa recebeu) e o grau de saída (o número de retuites que uma pessoas fez). Portanto, o grau da rede é medido pela soma dos valores de grau de entrada e grau de saída. Na figura 10 (a seguir), nota-se que os cinco primeiro perfis que tiveram maior número de conexões na rede devem esse valor ao número de retuites recebidos, equivalente ao grau de entrada.

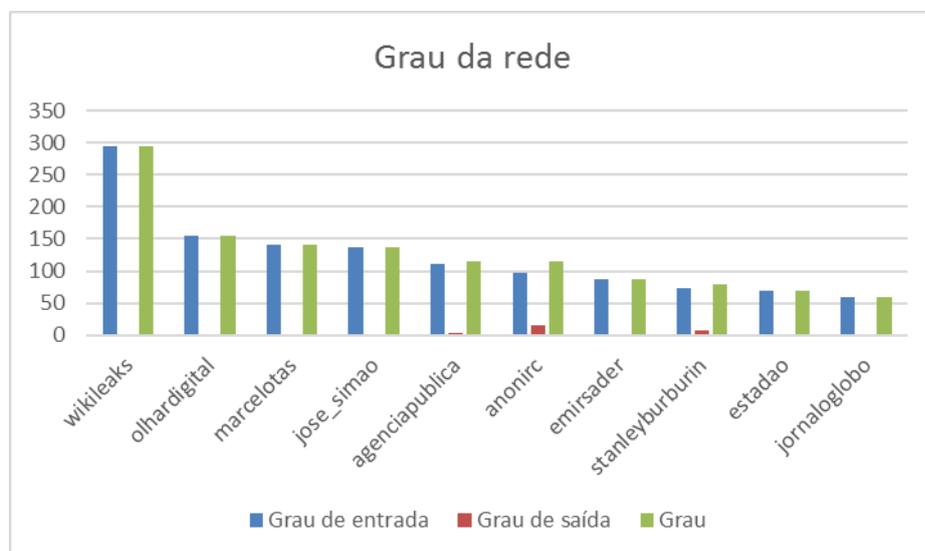


Figura 10 - Os dez perfis que tiveram o maior número de conexões (grau)

Isso se deve, primeiro, pelo fato desses perfis serem amplamente conhecidos na rede pelos atores dessa narrativa, ou seja, aqueles que falam sobre o tema Wikileaks e seus desdobramentos certamente estarão familiarizados com o perfil da organização no *Twitter*, e, segundo, esses dez perfis de maiores números de grau são de pessoas/instituições com alto reconhecimento nas redes sociais e que contam com grande número de seguidores, conseqüentemente seus conteúdos atingem a uma parcela significativa da rede, apresentando um alto número de replies.

3.2.3 Grau de Entrada

Outra importante estatística é o *grau de entrada*, responsável por fornecer os valores de um determinado nó em relação a rede. Mais precisamente, o grau de entrada fornece a quantidade de “menções” ou “replies” que um nó recebeu. Quanto maior for o número de indicações para um mesmo vértice, maior será o seu valor de entrada. Percebe-se que essa estatística refere-se ao destino do nó (tudo que recaiu sobre ele) e não a origem (o conteúdo originado pelo nó).

Nessa estatística, utilizamos o layout Fruchterman-Reingold, desenvolvido por Thomas Fruchterman e Edward Reingold em 1991. O funcionamento desse algoritmo tem como principais objetivos a distribuição dos vértices de forma igualitária no espaço disponível, a minimização do cruzamento de arestas e a uniformização de seu tamanho, além de proporcionar a simetria ao grafo. (FRUTCHTERMAN; REINGOLD, 1991). Dessa forma, o algoritmo simula um sistema de partículas em que os vértices são tidos como pontos de massa que se repelem mutuamente, por outro lado, as arestas (nós) assumem o comportamento de molas com força de atração. (EVERTON, 2004). O objetivo aqui é portanto, produzir um *grafo* com uma maior visualidade e de mais fácil compreensão.

No grafo aqui produzido (ver figura 11), além da aplicação do layout de Fruchterman-Reingold e a estatística de *grau de entrada*, aperfeiçoamos a apresentação dos dados com outras duas funções do *Gephi*: o tamanho dos nós e as cores dos mesmos e arestas. Assim, aqueles que possuem os maiores nós são os que tiveram maior destaque nessa estatística, com os valores mais altos. As cores variam também em ordem crescente dos valores de grau de entrada, entre rosa, verde e roxo. Ou seja, os menores valores representam a cor rosa, os intermediários verde e os maiores a cor roxa.

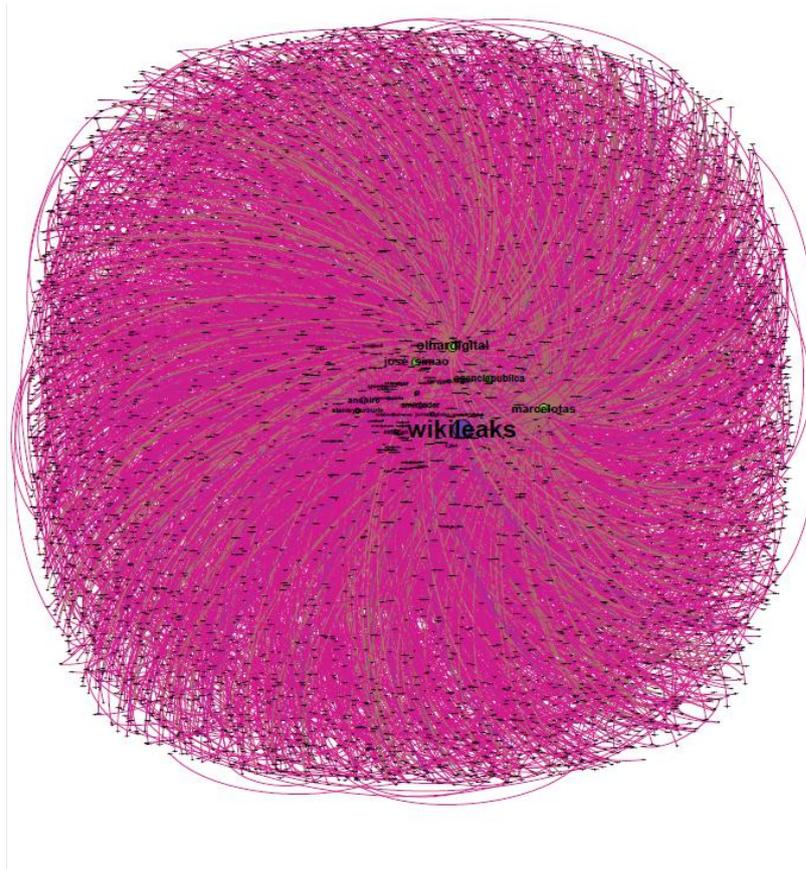


Figura 11 - Visão geral do grafo com a aplicação da estatística de grau de entrada a partir do layout de Fruchterman-Reingold

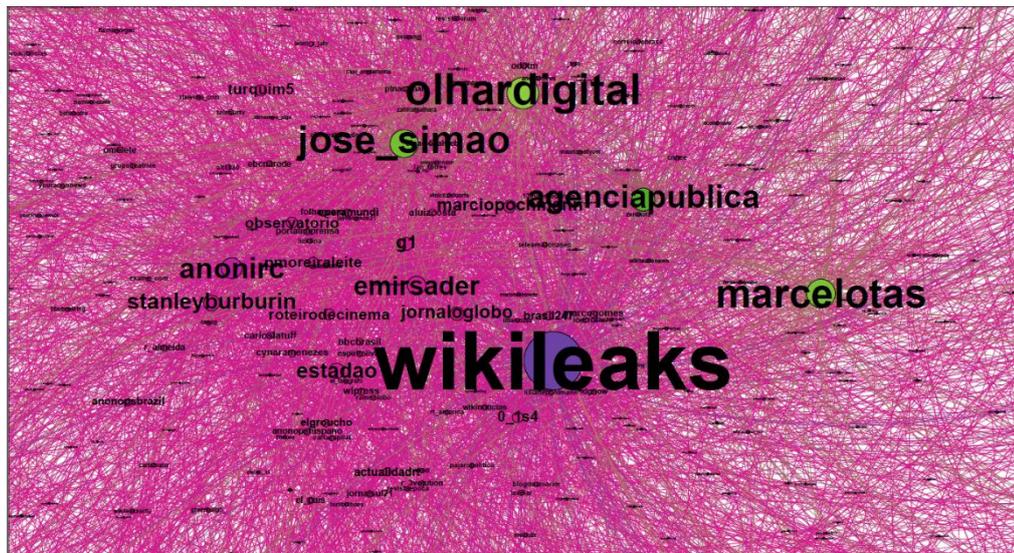


Figura 12 - Núcleo da rede configurado a partir da estatística de grau de entrada e layout Fruchterman- Reingold

Curioso notar que os mesmos perfis que apareceram no quadro geral da estatística de grau também estão presente nos dados de grau de entrada (ver figura 12). Isso mostra que esses nós ganharam papel central na rede através de seus seguidores e o alto número de retuites que ele

possibilitaram a um mesmo perfil. Sua relevância na rede foi dada pelo destino (número de direcionamentos recebidos).

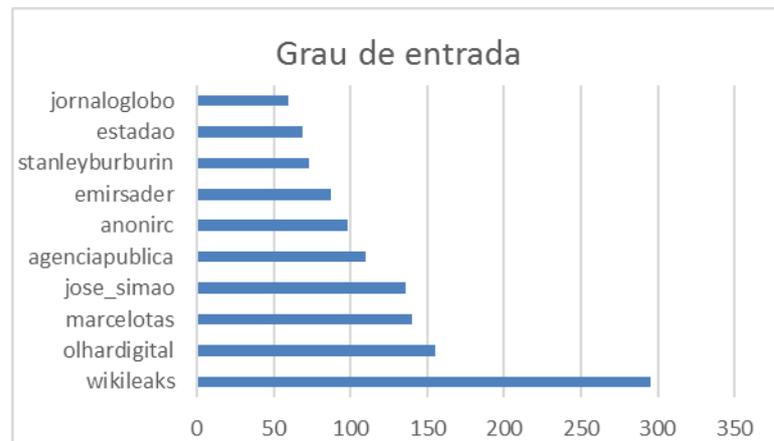


Figura 12 - Perfis que tiveram o maior número de retweets e consequentemente um alto valor de grau de entrada

3.2.4 HITS

Essa métrica determina dois valores para uma página: a sua autoridade e o valor de hub. Criado por Jon Kleinberg, esse modelo é baseado em uma estrutura de *hyperlinks* que permitem a interferência de autoridade e algoritmos que identificam páginas relevantes para tópicos de busca de caráter geral. Ou seja, essa métrica está relacionada entre as páginas (ou nós) que são autoridades sobre um tópico e as páginas que interligam essas autoridades, os hubs (FILHO, 2005). Os hubs são portanto aqueles que indica para boas autoridades enquanto a autoridades são as páginas pontuadas por muitos bons hubs (KLEINBERG, 1998).

Filho (2005) explica que Kleinberg observou o equilíbrio natural entre autoridades e hubs em um grafo definido pela estrutura de *hyperlinks* e desenvolveu o algoritmo HITS (Hyperlink Induced Topic Search) com objetivo de identificar, ao mesmo tempo, os dois tipos de página, hubs e autoridades. Na rede formada pela hashtag #Wikileaks após a mineração dos dados com o algoritmo HITS, selecionamos inicialmente para a análise a estatística de *autoridade*.

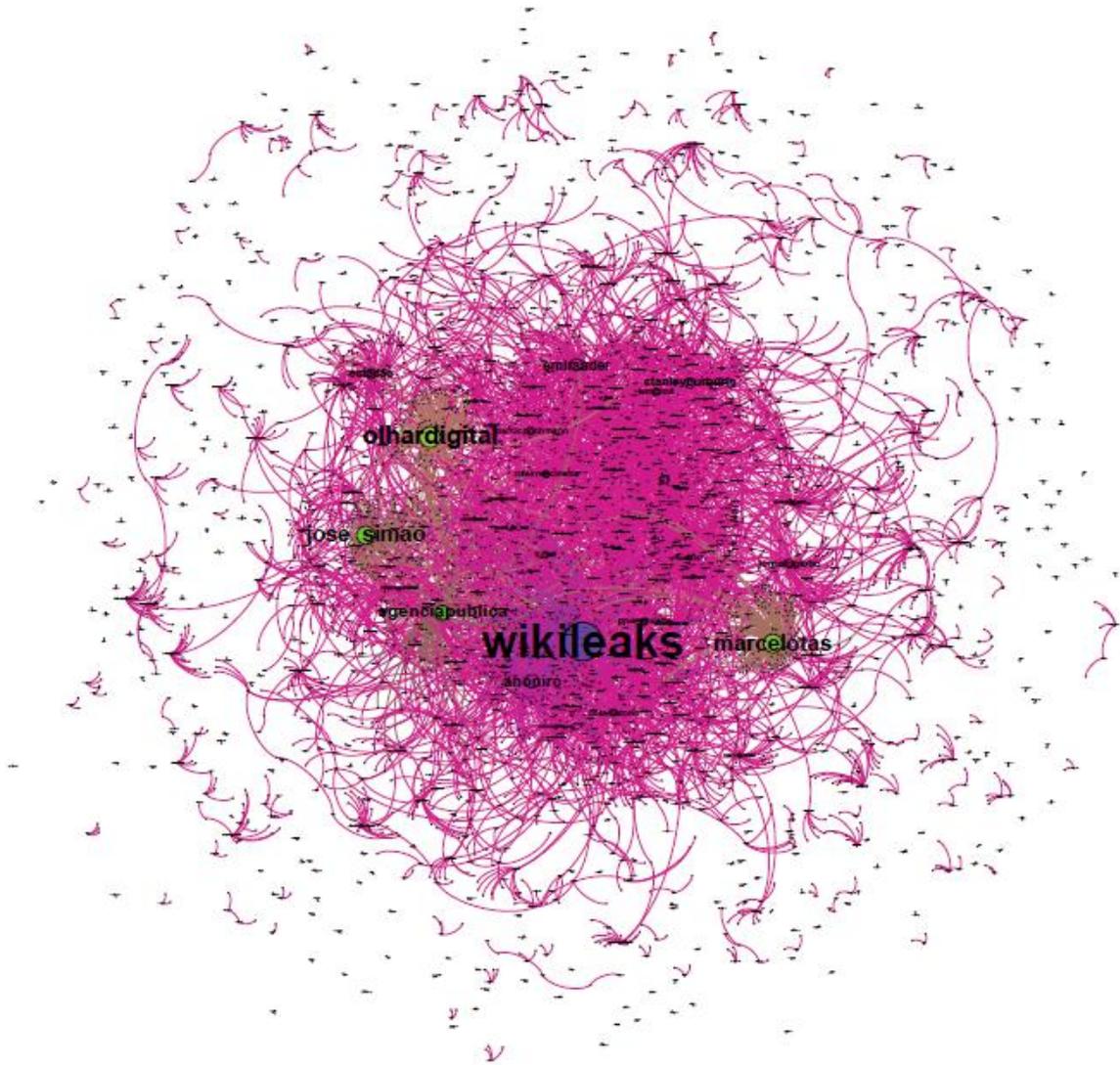


Figura 13 - Visão geral do grafo formado por autoridades

Observa-se que as autoridades em torno do tema Wikileaks coincidem com os valores mais altos de *grau* e *grau de entrada*. Aqui, novamente temos entre as dez mais autoridades, os perfis do @Wikileaks, @OlharDigital, @MarceloTas, @Jose_simao, @agenciapublica, @anonirc, @emirsader, @stanleyburburin, @estadao e @jornaloglobo (ver figura 15). Esses são os perfis nos quais suas mensagens apresentaram uma maior relevância e popularidade na rede, logo, possuem um alto valor de autoridade.

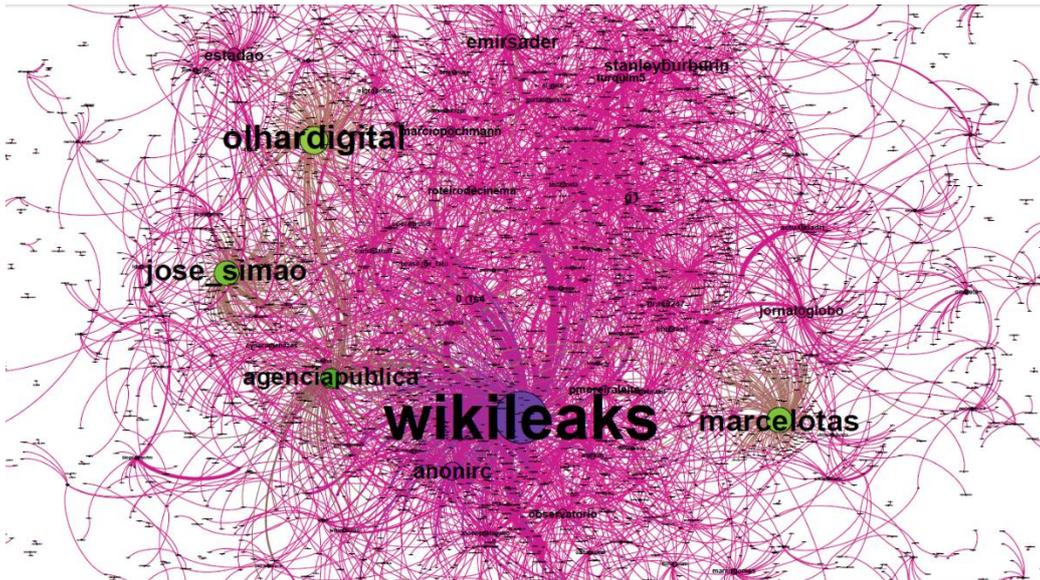


Figura 14 - Zoom no núcleo da rede a partir da métrica de Autoridade

Em seguida, analisamos os hubs dessa narrativa, gerando um outro *grafo* (ver figura 16). Mas dessa vez, encontramos um núcleo formado por outros tipos de perfis e que desempenham um papel diferente daqueles apresentados na métrica de autoridade.

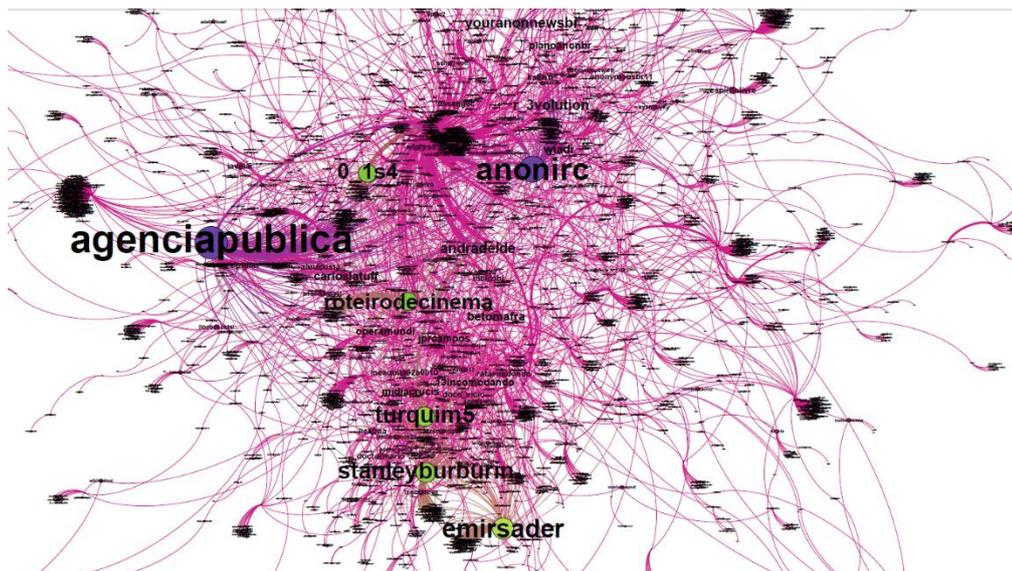


Figura 15 - Zoom no centro do grafo formado pela métrica de Hub

Aos analisar os atores envolvidos nessa rede, em particular os dez primeiros em ordem crescente, nota-se que os hubs constituintes dessa narrativa são basicamente ativistas, a começar pela @AgenciaPublica, um importante veículo de comunicação responsável pela divulgação de reportagens especiais de cunho investigativo. Ela é também um importante canal de informação estabelecido em uma parceria com Wikileaks para a divulgação de

material secreto no Brasil, além da tradução de documentos da organização para propagação em território brasileiro. Outro importante ator é o blogueiro da Carta Maior, Emir Sader, sociólogo marxista, e que também se comportou como um forte propagador de informações referentes a organização. Além dele, outros perfis ligados a mídia também tiveram o mesmo tipo de atitude, como @roteirodecinema e @andradelde. Os outros quatro perfis, @anonirc, @stanleyburburin, @turquim5, @0_1s4 e @r_3volution são formados por ativistas, responsáveis pela mobilização da rede e os debates ao redor do tema.

3.2.5 Centralidade de Proximidade

A estatística chamada de centralidade de proximidade mostra que um ator está mais centralizado quanto menor é o caminho que ele precisa percorrer para alcançar os outros elos da rede. Ele vai medir, portanto, a independência de um nó em relação ao controle dos outros. Em termos de comunicação, essa métrica está relacionada a rapidez de chegada de uma informação. Quanto mais central é um ator, mais rápida uma informação será disseminada por ele para toda a rede. Segundo Freitas (2010) essa métrica é baseada na soma das distâncias de um vértice em relação aos demais vértices do grafo.

Krebs (2006) explica que o padrão das conexões dos nós com maior número de centralidade de proximidade permite que ele se conecte a todos os nós na rede mais rapidamente que nenhum outro. Ou seja, o elemento mais central nessa cadeia será aquele que apresentar o menor número de centralidade de proximidade, que significa dizer que ele está a poucos passos de qualquer ponto da rede.

Silva (2010) ressalta que são muitas as aplicações dessa métrica para a solução de problemas cotidianos. Em uma rede de transportes, por exemplo, o vértice que apresentar o menor valor de centralidade de proximidade é aquele que consegue acessar mais rapidamente todos os demais vértices da rede. O autor pontua também outra aplicação típica, em relação ao ponto mais provável de se receber primeiro a informação em um processo de difusão de notícias. Ele explica que este processo de propagação de conteúdo, de grande interesse para a área de comunicação, não percorre necessariamente os menores caminhos, ou seja, a ordem dos valores de proximidade não será necessariamente a mesma de recebimento da informação.

Observando a imagem da rede formada pela métrica da centralidade de proximidade a partir do layout Fruchterman- Reingold (ver figura 16 a seguir), percebe-se que grande parte dos atores dessa narrativa apresentam centralidade de valor (0), na cor rosa mais forte, o que significa dizer que esses perfis estão na rede, mas não alcançam nenhum outros nós, ou seja, os nós são ligados a eles, mas eles não estão são ligados a outro nó. Essas pessoas com valor (0) apenas foram retuitadas por alguma pessoa da rede.

Nota-se que um perfil com um alto grau e grau de entrada, como o @Wikileaks, apresenta valor de centralidade de proximidade igual a (0). Esse usuário recebeu portanto um grande número de indicações, no caso retuites, mas não deu retuite em ninguém. Ou seja, ele não alcança ninguém, por que não está conectado a nenhum nó.

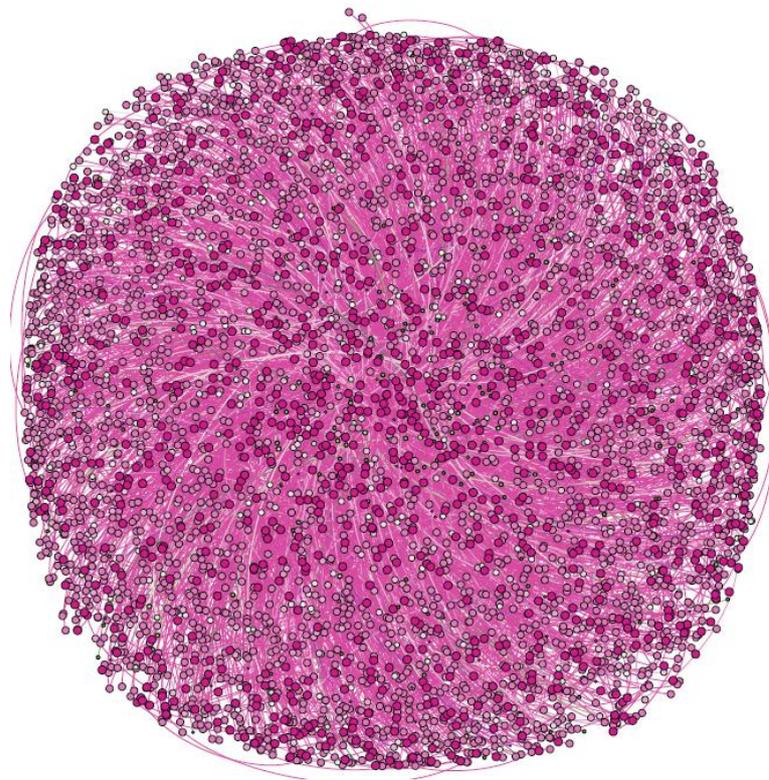


Figura 16 - Rede formada pela métrica de centralidade de proximidade

A escala varia de rosa, verde e roxo. Quando mais forte o rosa, mais próximo ele está de (0) e quanto mais próximo do roxo, maior é a medida de centralidade de proximidade.

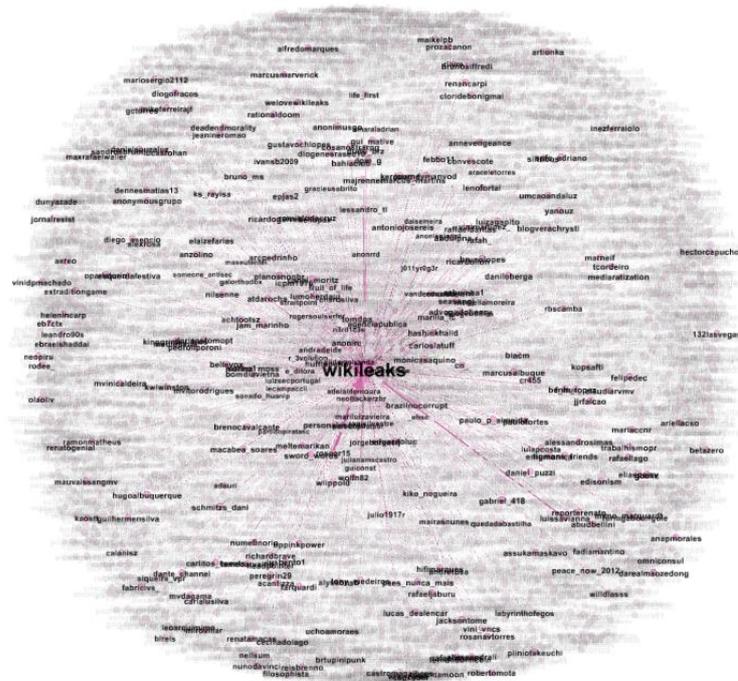


Figura 17 - Seleção das conexões do nó @Wikileaks a partir da estatística de centralidade de proximidade e os vértices que mostram suas conexões

3.2.7 Centralidade de intermediação

O valor encontrado no *Gephi* para a centralidade de intermediação diz respeito à medida do potencial de um nó de servir como intermediário, ou seja, essa estatística nos demonstra o quanto um ator facilita a circulação de informação numa rede. Quanto mais um nó foi encontrando no menor caminho entre dois nós aleatório, maior será a sua centralidade de intermediação. Na definição do algoritmo próprio *Gephi*, diz-se que esse valor mede a frequência com que um nó aparece nos caminhos mais curtos entre nós da rede.

Krebs (2006) explica que uma pessoa com a maior centralidade de intermediação tem uma das melhores localizações na rede, mesmo que tenha poucas conexões diretas, ela exerce uma função importante, pois funciona como um porteiro em uma fronteira, permitindo ou não a entrada de um conteúdo. O lado negativo do nó com alta centralidade de intermediação é que

ele está localizado em um ponto de quebra. Sem ele, duas importantes clusterizações¹⁹, por exemplo, não teriam conhecimento uma da outra.

De acordo com Silva (2010) a centralidade de intermediação atribui importância a um vértice em função da passagem de fluxo por ele para interligar outros dois vértices da rede, e isso ocorre pelo menor caminho possível. Nesse caso, o nó com maior centralidade de intermediação será aquele que participa de maneira mais ativa em um processo de interação. O autor explica que em termos práticos, essa medida teria uma aplicação em casos de entrega de mercadorias, por exemplo, nos quais o destino e a melhor rota são conhecidos. Aqui, o nó com maior centralidade de intermediação poderia controlar o fluxo da rede, ou também podem ser um importante ponto de articulação entre vértices isolados na rede, sendo o único elo de ligação entre eles.

Freitas (2010) destaca que essa estatística deve ser capaz de expressar a influência que um indivíduo poderia exercer sobre os seus pares em uma rede de comunicação no mundo real. Ou seja, ele mede a participação ativa de um sujeito em um processo de interação. Por essa medida, quanto maior o valor da centralidade da intermediação, mais vezes um vértice participa dos menores caminhos para interligar todos os possíveis pares de vértices de um grafo.

Observa-se também que um nó com centralidade de intermediação igual a (0) não é caminho para nenhum outro nó na rede, ele encontra-se na extremidade na rede, logo seu valor é nulo. O vértice encontra-se no *grafo* por ter dado RT em alguém, mas não tem conexão com nenhum outro nó da rede. Na rede geral do #Wikileaks a partir dessa métrica, nota-se a maioria absoluta dos nós, cerca de 4482 de um total de 4697 valores, apresentaram valores para centralidade de intermediação igual a (0), indicado pela cor rosa (ver figura 18). Isso demonstra que a narrativa formada pelo Wikileaks apresenta atores múltiplos e dispersos, que não estão no caminho entre nenhum outro nó. Pode-se dizer que eles são atores independentes nessa narrativa, não exercendo influência sobre os pares da rede de comunicação.

¹⁹ É uma característica de comunidades em redes, a estrutura da comunidade em rede produz as clusterizações, ou seja, ela permite que nós agreguem-se ainda mais uns aos outros, ficando cada vez mais próximos e densos (RECUERO, 2009).

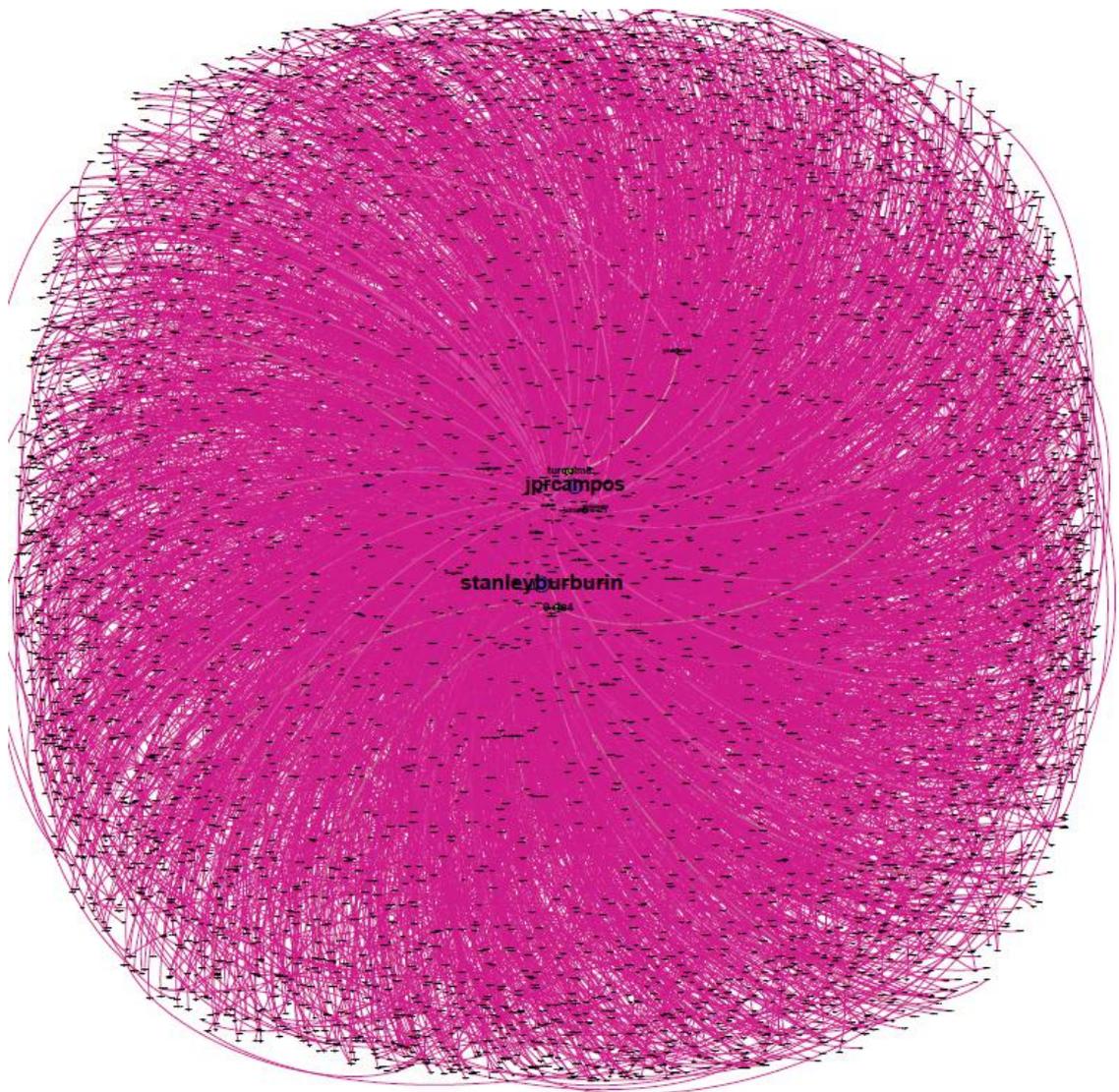


Figura 18- Grafo formado pela estatística de centralidade de intermediação

Importante analisar também os perfis que tiveram o maior valor para a estatística de intermediação. Aqui, o ator mais central foi @StanleyBurburin, um importante ativista na luta pela liberdade de expressão e que exerce um papel de “porteiro” das informações que circulam na rede. Na imagem a seguir (ver figura 19) vemos todas as conexões em torno do perfil de @StanleyBurburin, em cor rosa, que deixa evidente a importância do ativista em ser um ponto de passagem para diversos outros nós, ou seja, ele está no caminho que liga diferentes vértices.

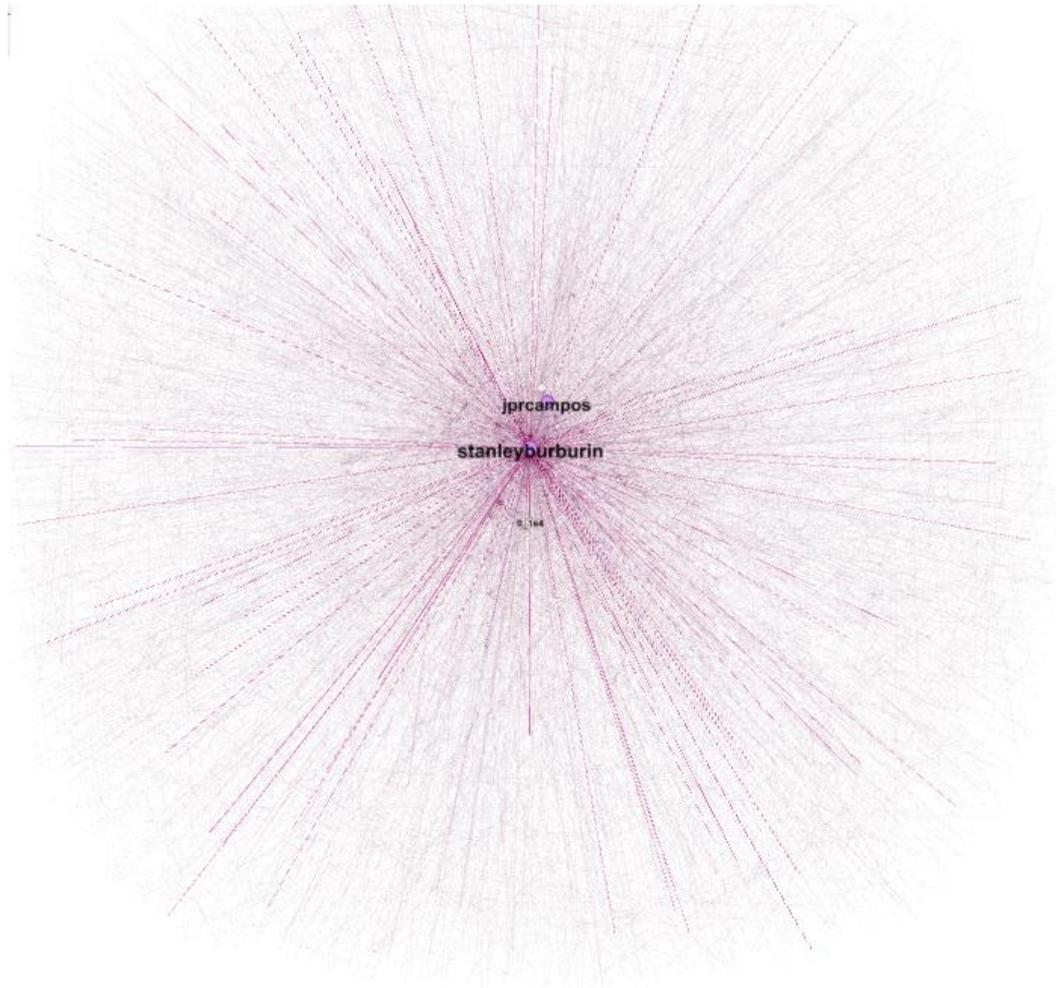


Figura 19 - Conexões do nó @StanleyBurburin em destaque na cor rosa.

3.2.8 Centralidade de autovetor

Nessa métrica, é possível encontrar os atores mais centrais, ou seja, aqueles que estão mais próximos dos demais, considerando-se toda a estrutura da rede. Aqui, a importância do nó é baseada em suas conexões. Segundo Silva (2010) se um vértice está ligado a outros que se encontram em uma posição central na rede, esse ponto terá centralidade de autovetor elevada. Em uma rede no qual um nó tem centralidade de valor 12, por exemplo, quer dizer que ele é mais central que alguém com valor igual a 1. O processo de centralidade aqui se dá a partir do outro, o que quer dizer que eu posso ter o valor de centralidade de autovetor alta, mesmo se a influência seja apenas sobre um nó, porque esse nó está ligado a outros importantes, e assim sucessivamente.

Silva (2010) destaca essa métrica como um importante forma de medida para analisar casos de difusão de informação, infecção ou comportamento pessoal. O autor explica que nestes casos no qual um elemento está conectado a vértices que se conectam a um grande número de outros vértices, são um potencial transmissor indireto de informações, pensamentos ou doenças. Percebe-se que essa transmissão ocorre como uma espécie de “fofoca”, de forma indireta, em que, caso seja propagada pelas figuras mais centrais, ela terá grandes chances de ser rapidamente conhecida por muitos outros nós dessa rede.

A rede constituída pelo Wikileaks apresenta em sua grande maioria, perfis com centralidade de autovetor igual a (0) o que mostra que esses nós apenas indicaram outro nó e não receberam nenhuma indicação. Ou seja, eles deram RT em algum outro vértice que exerce um papel relevante na rede, tendo um grande número de conexões. Esses nós reinam absoluto na imagem, na cor rosa, ocupando a maior parte do *grafo* (ver figura 20 a seguir).

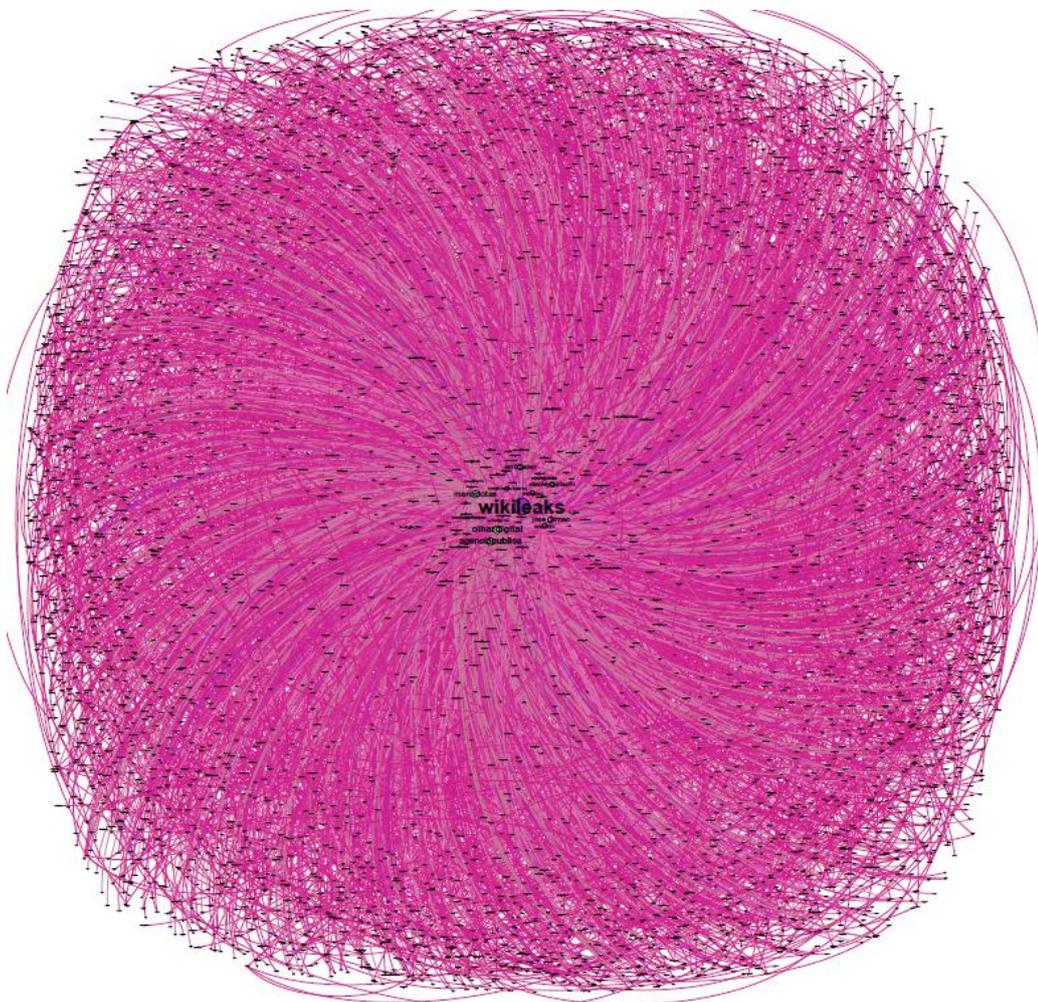


Figura 20- Visão geral da rede constituída pela estatística de Centralidade de Autovetor.

No núcleo desse *grafo*, entretanto, perfis de alto valor de *grau*, *grau de entrada*, e *autoridades*, voltam a aparecer. Aqui, o nó mais central é o @Wikileaks, em seguida, temos os perfis do @OlharDigital (canal de mídia online que fala sobre novidades relacionadas a tecnologia e internet), @AgenciaPublica (perfil de jornalismo investigativo, lança em sua timeline matérias sobre suas investigações e também republica conteúdos de outros sites), @MarceloTas (apresentador e humorista, faz comentários com ironia e piadas na rede), @Jose_simao (jornalista que participa na rede com observações de cunho humorístico, também apresentando piadas e ironias), @StanleyBurburin (grande ativista na rede nas causas de liberdade de expressão e informação), @Anonirc (usuário anônimo que luta por diversas causas, sobretudo pela liberdade na internet), @Estadao (velha mídia responsável por trazer breaking news sobre temas múltiplos), @Roteirodecinema (comentaristas sobre liberdade de expressão e crítica da mídia), entre outros.

A aparição desses perfis com um alto grau na estatística de centralidade de autovetor, deve-se a característica de *PageRank*²⁰ desse algoritmo, ou seja, sua centralidade é mais alta do que a do resto do nó, pois eles são citados por usuários mais citados. Isso se torna evidente na imagem a seguir (ver figura 21), onde nota-se que o perfil que apresenta o maior valor de centralidade de autovetor (@Wikileaks) é retuitado por outro que também se encontra em lugar central nessa narrativa (@AgenciaPublica), conferindo-lhe o status de ator central. Observa-se aqui, que o perfil da @AgenciaPublica funciona como um porta-voz das informações do Wikileaks no Brasil.



Figura 21 - Filtro aplicado que seleciona os nós que tiveram o maior valor de Centralidade de Autovetor

²⁰ Sistema algorítmico que dá peso numérico a elementos hiperligados, como as páginas da Internet, com intuito de medir a importância de cada "nó" no grupo através de um motor de busca. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/PageRank>>. Acesso em 19 de maio de 2013.

3.2.8 Modularidade

Uma estatística importante é a de modularidade, chamado também de estrutura de comunidade. Essa métrica descreve a forma como a rede é constituída por sub-unidades ou comunidades. Nicosia (2008) afirma que o estudo de redes complexas revela algumas características interessantes que podem ser exploradas nas formas de comunicação, dentre elas estão o efeito de mundo pequeno, auto-organização, auto-adaptação e crescimento de estrutura de comunidade. Para o autor, uma comunidade pode ser definida como um grupo de pessoas que se conhecem e compartilham interesses e conhecimentos, ou colaboram entre si para alcançar dado alvo. A comunidade é então um grupo de nós de um grafo que estão mais fortemente conectados entre eles do que a outro nó na mesma rede.

A modularidade é uma estatística de análise de formação dessas comunidades. A ideia de modularidade mostra que um conjunto de nós forma uma comunidade se a fração de links dentro da comunidade é maior do que o esperado na rede considerada como "referência" ou também chamada de "modelo nulo". Valores altos de modularidade significam uma forte estrutura de comunidade. (NICOSIA, 2008).

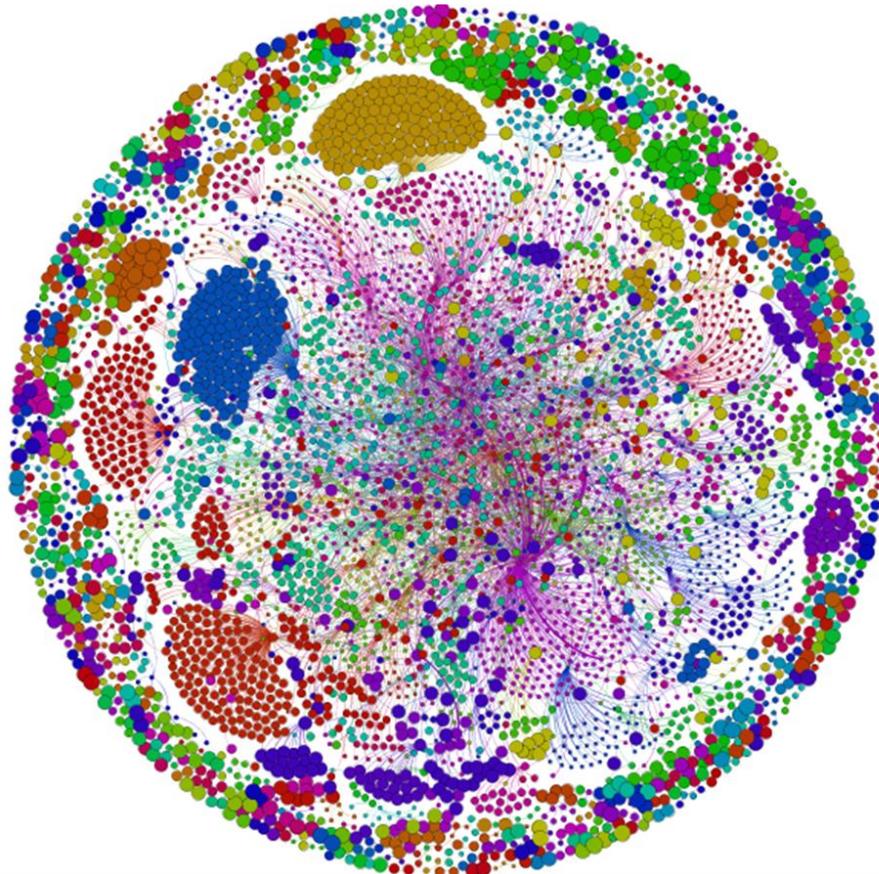


Figura 22 - Layout Fruchterman-Reingold aplicado a estatística de modularidade

Na imagem anterior (ver figura 22) observa-se a formação de múltiplas comunidades que se formam ao redor de figuras importantes na narrativa construída em torno do Wikileaks. O valor dessa estatística varia de 0 a 519 e cada cor sinalizada a formação de uma comunidade e suas conexões.

Nota-se aqui que o valor de 519 equivale portanto ao número de comunidades formadas entre os nós a partir de suas arestas, ou seja, os retuites que esses receberam ou executaram. A ligação entre eles se estabeleceu através dos retuites, constituindo, dessa forma, grupos com forte ligação entre si, e que se mostram um importante canal de informação entre eles e toda a rede.

3.3 Metodologia de análise da rede emergente

Após a análise de algumas estatísticas para entender um pouco mais sobre as controvérsias em torno da hashtag #Wikileaks, cabe aqui destacar uma importante métrica para identificar as características da rede emergente em torno desse tema, a de *grau de entrada*. Essa estatística, como já foi observado, nos mostra a quantidade de retuites que um determinado nó recebeu na rede, ou seja, quantas indicações esse vértice recebeu.

Após a aplicação da estatística no *Gephi* conseguimos extrair os nós e as arestas da tabela de dados, selecionando quem deu o retuite, o conteúdo desse *tweet* e o horário que ele foi gerado (através do script *tweetgraph3.0.R*). Em seguida, exportamos esses dados para um arquivo em excel, que nos permite ver organizadamente, as ligações entre os nós pelo *tweet* feito. Ao todo, foram contabilizados 5428 *tweets*. Para entendermos como se constitui essa narrativa, filtramos para a análise os dez perfis mais retuitados, que nos forneceu um total de 1206 *tweets*. A partir de então, cada um deles foi categorizado em quatro diferentes grupos: tuiteiro, atitude, controvérsia e posição política.

A categoria tuiteiro nos fala sobre o perfil do usuário na rede, para isso, foi necessário explorar a timeline de cada uma das contas, entendendo quem era aquela pessoa na plataforma do *Twitter*. Criou-se algumas sub-categorias fixas para os tuiteiros, que podiam ser inseridos dentro do grupo de ativistas, velha mídia, mídia online, blogueiro, especialistas, políticos, artistas/showbizz, burocratas (gestores públicos), empresários e comentarista.

- *Ativistas*: Constituídos por militantes da causa na rede (em prol ou contra).
- *Velha Mídia*: veículos tradicionais de meios de comunicação com presença online.
- *Mídia Online*: canais de comunicação presentes apenas nas plataformas digitais.
- *Especialistas*: pesquisadores do tema em questão.
- *Políticos*: integrantes da política brasileira ou ex-político.
- *Burocrata*: profissional atrelado às questões do Estado.
- *Empresários*: empresas ou empresários presentes na rede.
- *Comentaristas*: Tecem anotações e comentários sobre o assunto.

Após a análise dos perfis, classificou-se a atitude presente nos *tweets*. Ou seja, a tentativa de identificação dos atos e seus objetivos com a produção e/ou reprodução de determinado conteúdo. Essa proposta baseia-se na abordagem feita por Latour (2012) do conceito de ação assumida, no qual toda ação aparece como sendo responsável por um feito, afetando o estado das coisas e alterando As em Bs pela prova dos Cs. Para o autor, uma ação não ocorre sob o controle da consciência, uma ação deve ser encarada como um nó, uma união de diversos conjuntos de funções que só podem ser desemaranhados aos poucos. Identificamos assim, novas sub-categorias dentro da análise de atitude, que podem ser de observação/vigilância, indignação, complacência, explicação, mobilização, felicitação/apoio, alerta, antagonismo, informação e ironia:

- *Observação e vigilância*: aqui são sinônimos e funcionam como uma espécie de atenção e prevenção sobre determinado tema e informação, tecendo uma consideração atenta de um fato para que se possa o entender melhor.
- *Indignação*: significa um estado de exaltação, provocada por uma afronta, injustiça, ação vergonhosa, ira, desprezo ou repulsão.
- *Complacência*: mostra uma posição favorável de um indivíduo para a situação em questão.
- *Explicação*: é uma forma de esclarecimento apresentada sob forma de *tweet*, na tentativa de tornar algo inteligível.
- *Mobilização*: se dá quando ocorre uma convocação de pessoas para que estas se engajem numa causa, uma ação que pode ser de caráter cívico ou político.
- *Felicitação e Apoio*: são uma carga positiva da mensagem direcionada ao tema, uma forma de congratulação.

- *Alerta*: é uma forma de exclamação usada para impor sentido ou chamar atenção para o assunto em questão.
- *Antagonismo*: se forma por uma oposição e incompatibilidade com o tema debatido.
- *Informação*: é uma forma de aviso, de passar informações de forma objetiva na timeline pública.

Em seguida, destacou-se as controvérsias presentes nos *tweets* dessa narrativa, que mostram a opinião dos envolvidos no debate em torno do #Wikileaks, onde encontram-se a presença ativa de argumentos, debates e opiniões. Após um exame rápido sob os *tweets*, pré-definimos algumas controvérsias, dentre elas a liberdade de expressão e informação, a privacidade, questões políticas envolvendo o Wikileaks, vazamentos, hacktivismo, investigações policiais e cibercrimes, polêmicas dos atuantes, manutenção da organização e a trollagem:

- *Liberdade de expressão e informação*: *tweets* que falam sobre o direito fundamental de qualquer indivíduo de poder manifestar livremente suas opiniões, ideias e pensamentos na rede, sem sofrer nenhum tipo de censura. Além das garantias dadas ao cidadão de acessar informações que lhes sejam pertinentes e o direito de receber informações dos órgãos públicos.
- *Privacidade*: configura-se sob o debate em torno do poder de um indivíduo em controlar a exposição das informações, tanto as deles quanto a de qualquer desconhecido, através da arquitetura atual da internet, que cada vez mais tem permitido com que novas tecnologias desenvolvidas na rede possam acessar informações consideradas confidenciais.
- *Questões políticas envolvendo o Wikileaks*: são identificadas como os conteúdos que mostram a participação de Nações em torno da organização, seja com sanções, leis e etc, nessa controvérsia se torna claro a posição política de alguns países em relação ao Wikileaks.
- *Vazamentos*: constituem o produto final do Wikileaks, logo, essa controvérsia mostra a repercussão da disseminação desses dados na rede ou a sua própria existência.
- *Hacktivismo*: são as ações na rede de grupos a favor ou contra determinada causa/pessoa/instituições, que através do pleno domínio da informática podem, por exemplo, tirar um site do ar, roubar informações confidenciais como senhas e número de cartões, interceptação de contas e emails, entre outros.
- *Investigações policiais e cibercrimes*: se referem a questões do âmbito jurídico nas quais algumas figuras importantes da organização, além de anônimos e hackers, se encontram

por terem auxiliado no processo de divulgação de informações confidenciais no site do Wikileaks.

- *Polêmica sobre os atores do Wikileaks*: são os escândalos, comentários e opiniões sobre membros presentes da organização ou que já participaram da dinâmica de funcionamento do grupo.
- *Manutenção da organização*: mostra *tweets* que zelam pelo funcionamento do grupo, com pedidos de doações e notícias sobre os rumos dos vazamentos e personagens envolvidos.
- *Trollagem*: vêm do nome “troll” em inglês, que na gíria da internet designa determinado comportamento de desestabilizar um debate em torno de tema, que pode ser feito através do tom de ironia e humor, por exemplo.

Por último, foi considerada a posição política do *tweet* publicado, que podia ser neutro, conservador ou progressista. Posições *progressistas* aqui eram entendidas como aquelas favoráveis ao tema #Wikileaks e todas as controvérsias que lhe dizem respeito, se mostrando complacente ao modelo da organização cujo objetivo principal é a luta pela informação livre. Ao contrário, o lado *conservador* se apresenta como aquele que se contrapunha a mudanças bruscas no funcionamento da política de informações dos governos, se mostrando contra os objetivos finais do Wikileaks. Já os *tweets* considerados *neutros*, eram aqueles que apenas narravam uma situação de cunho objetivo, não deixando evidente o tom de suas opiniões.

3.4 Análise das controvérsias

Tabela 1 - Porcentagem de controvérsias presentes nos *tweets* dos 10 perfis mais retuitados com valores arredondados



O passo seguinte da pesquisa se deu através da análise dos dez perfis que tiveram o maior valor de grau de entrada, ou seja, que receberam mais retuites. Dessa forma, foram classificados 1206 *tweets* referentes a esse grupo. Dentre eles, destacou-se as controvérsias como uma forma de analisar o discurso entre os principais atores envolvidos e que dão sustentação a rede de discussão formada pela narrativa constituída pelo tema Wikileaks. Para isso, foi considerada cada controvérsia separadamente, observando os assuntos que eram mais encontrados dentro de cada discussão específica, quais temas estavam em evidência, quais perfis estiveram mais presentes em determinados contextos e ausentes em outros e, por exemplo, que tipo de conteúdo era característico de certos tipos de usuários. Isso nos possibilitou ter uma visão geral dos assuntos mais debatidos na rede, como podemos ver na tabela 1, que mostra que o tema mais discutido foi *questões políticas* referentes ao Wikileaks, com uma incidência de 26%, sendo o assunto de maior repercussão na rede.

Cada controvérsia apresenta características singulares, que serão pontuadas a seguir mais detalhadamente. Importante lembrar, entretanto, que para esse processo de análise foram selecionados os *tweets* apenas uma vez, ou seja, mesmo que tenha sido retuitados por 100 pessoas, aqui ele será apontado como um único *tweet*, pois no estágio a seguir da pesquisa o foco será no conteúdo e não quantidade de vezes que foi replicado.

3.4.1 Liberdade de expressão e informação

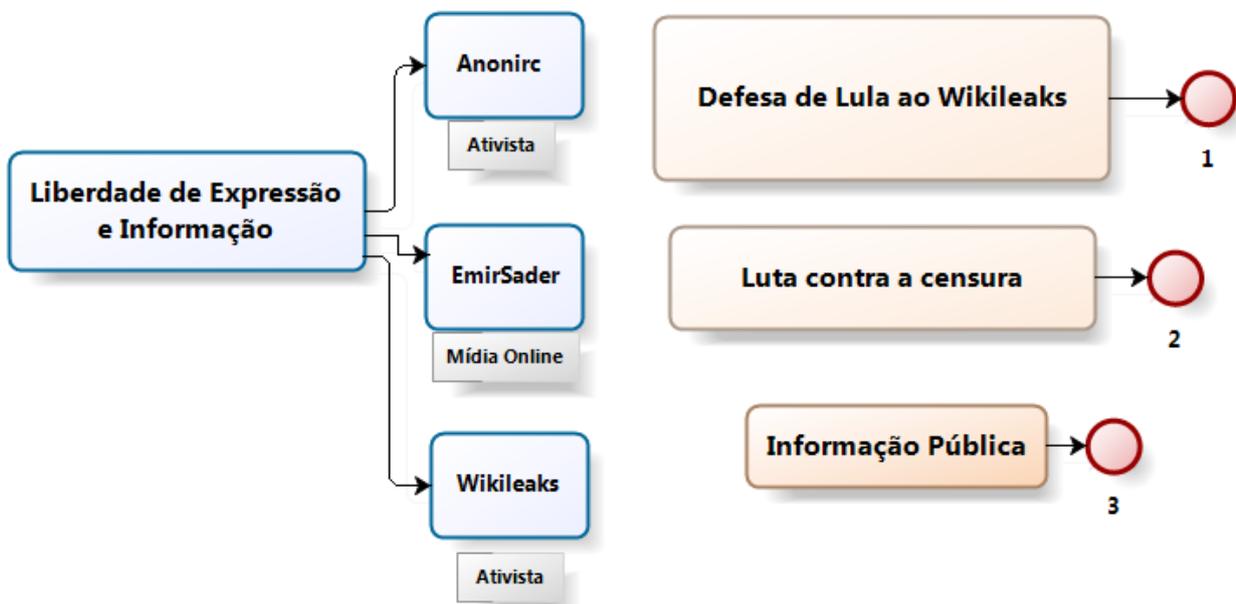


Figura 23 - Mapa mental formado pela controvérsia de liberdade de expressão e informação

A primeira controvérsia analisada foi a *liberdade de expressão e informação* que basicamente diz respeito ao direito dos indivíduos de manifestarem suas opiniões e ideias sem nenhum tipo de repressão e de poderem ter acesso a todo tipo de informação que seja de interesse público. Esse debate esteve presente em exatos 1,41% dos *tweets* dos dez perfis mais retuitados.

Nota-se que três atores estiveram envolvidos nesse debate, a própria organização @Wikileaks, o perfil mais retuitado na rede, o sociólogo @EmirSader e o ativista @Anonirc. Os *tweets* do Wikileaks aqui retratados demonstram claramente uma forte luta pela liberdade de expressão e informação. O primeiro deles: “No one is frightened of WikiLeaks. Attacks on WikiLeaks reveal the fear of an informed public. Never forget this”²¹, exemplifica a busca pela informação livre tão sonhada pela organização, assim como o *tweet* que diz: “WikiLeaks condemns the attempt to censor RT. RT is an important alternative voice in the West”²², mostrando a importância do retuite, ou seja, dos canais de informação para manter a comunicação aberta no mundo. O anônimo @Anonirc também destaca a importância da informação livre, a partir do *tweet*: “Dos protestos contra a Cientologia aos protestos pela liberdade da Internet no Irã. Da vingança pelo WikiLeaks até a Primavera Árabe”, destacando a força vinda da internet até chegar às praças do mundo em prol da liberdade de expressão e informação.

Já o blogueiro @EmirSader deu o seguinte *tweet*: “WikiLeaks: Lula desafia mídia a defender liberdade de expressão”, seguido por um link que direcionava a informação para um outro blog, o qual destacava a posição do ex-presidente Lula em favor da liberdade de expressão, lançando farpas a mídia brasileira e ao governo norte-americano por estes não terem se posicionado a favor de Julian Assange na luta pela liberdade de imprensa e expressão.

Tabela 2 - Tweets minerados referentes a liberdade de expressão e informação

RT @AnonIRC: Dos protestos contra a Cientologia aos protestos pela liberdade da Internet no Irã. Da vingança pelo WikiLeaks até a Primavera Árabe

RT @emirsader: WikiLeaks: Lula desafia mídia a defender liberdade de expressão <http://t.co/A23eSXVy> via @MiguelBBargas

²¹ Tradução livre: “Ninguém tem medo do Wikileaks. Ataques contra o Wikileaks revelam o medo de um público informado. Nunca se esqueçam disso”.

²² Tradução livre: “Wikileaks condena a tentativa de censurar o RT. O RT é uma voz alternativa importante no Ocidente.

RT @wikileaks: No one is frightened of WikiLeaks. Attacks on WikiLeaks reveal the fear of an informed public. Never forget this. [https:// ...](https://...)

RT @wikileaks: WikiLeaks condemns the attempt to censor RT. RT is an important alternative voice in the West.

RT @wikileaks: WikiLeaks Defenders Tumblr started - discover and fight media smears <http://t.co/0Ipi66I#fowl> <https://t.co/xWcNxCbG>

Nota-se que o conteúdo dos *tweets* dos perfis tiveram uma atitude relacionada a *observação/vigilância* que apresentam como objetivo tecer comentários e observações pertinentes sobre o tema em questão. Porém, enquanto o perfil do @Wikileaks manteve uma posição política progressista em seus *tweets*, o blogueiro @EmirSader se manteve neutro, se aproveitando do tema #Wikileaks para promover a posição política de outrem, no caso, a do ex-presidente Lula.

3.4.2 Privacidade

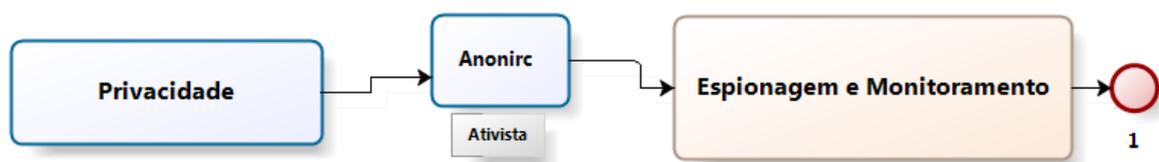


Figura 24 - Mapa mental a partir do tema privacidade

Todos os *tweets* relacionados a controvérsia da *privacidade* foram feitos pelo mesmo usuário, o perfil ativista anônimo denominado @Anonirc. Aqui, os conteúdos são basicamente referentes a espionagem e ao monitoramento de serviços online que afetam a privacidade do usuário. Ao todo, a incidência desse debate corresponde a 0,66% dos *tweets*.

Tabela 3 - *Tweets* sobre a controvérsia de privacidade

RT @AnonIRC: #WikiLeaks: @SuntechSociety envolvida em espionagem doméstica - monitoramento de rede, chamadas e de serviços de sms. #TrapWire

RT @AnonIRC: #Wikileaks: TrapWire, o enorme sistema eletrônico secreto que espiona "potenciais terroristas" em toda a parte - [http://t.c ...](http://t.c...)

RT @AnonIRC: A SunTech volta a ser citada no #SpyFiles. Segundo o WikiLeaks, a empresa possui produtos ou serviços para fazer "grampos" ...

RT @AnonIRC: Interceptação de chamadas e mensagens em #massa não é apenas uma realidade, é uma nova indústria secreta - <http://t.co/AkdjYuB> #SpyFiles

No *tweet* a seguir: “#WikiLeaks: @SuntechSociety envolvida em espionagem doméstica - monitoramento de rede, chamadas e de serviços de sms. #Trapwire”, o perfil do anônimo

começa a fazer uma série de observações acerca do envolvimento da empresa SunTech no processo de espionagem em massa. Em seguida, @Anonirc lança o nome desse serviço de espionagem secreto, ao tuitar: “Wikileaks: TrapWire, o enorme sistema eletrônico secreto que espiona superpotenciais terroristas em toda a parte - <http://t.co/rKB6nhh3>”, exibindo informações retiradas dos vazamentos feito pelo Wikileaks. O ativista lança ainda outra observação dizendo, “A SunTech volta a ser citada no #SpyFiles. Segundo o WikiLeaks, a empresa possui produtos ou serviços para fazer "grampos".

Após uma série de *tweets* considerados de posição política “neutra”, por apenas repassarem a informação sem nenhuma opinião evidente, @Anonirc deixa claro a sua opinião progressista sobre o tema, ao dizer: “Interceptação de chamadas e mensagens em #massa não é apenas uma realidade, são uma nova indústria secreta - <http://t.co/AkdgjYuB> #SpyFiles”, ressaltando sua posição contrária a perda de privacidade na rede.

3.4.3. Questões políticas envolvendo o Wikileaks

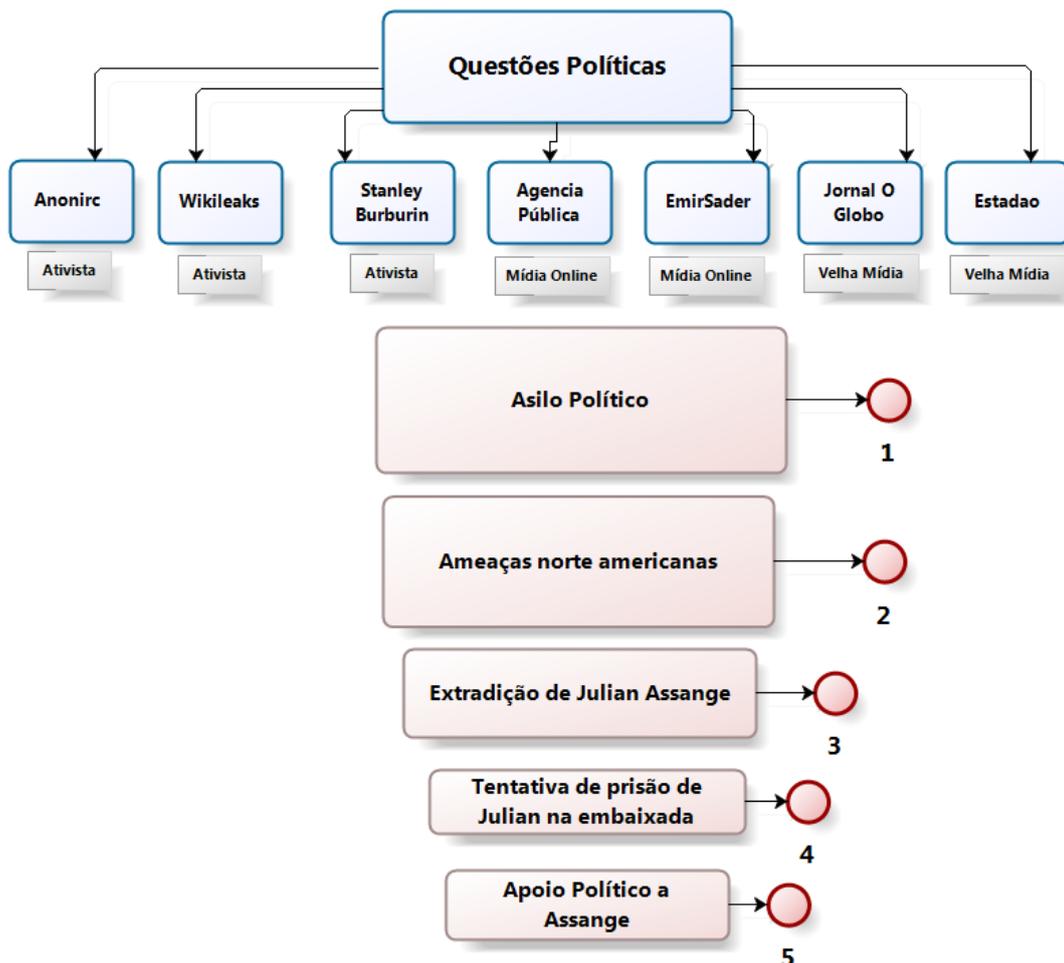


Figura 25 – Mapa mental do tema questões políticas sobre o Wikileaks

Ao analisar os debates em torno da controvérsia denominada *questões políticas envolvendo o Wikileaks* pode-se constatar que a maioria dos perfis mais retuitados, 8 de 10, estiveram presentes nas redes de discussão em torno desse tema. Ao todo, os *tweets* referentes a essa controvérsia representaram 26,37% dos debates totais da rede, configurando-se assim, como o assunto mais discutido em torno da hashtag #Wikileaks dentro dos dez perfis mais retuitados.

Os temas mais presentes na narrativa eram referentes as questões polêmicas da época, como o asilo político concedido pelo governo do Equador ao editor-chefe do Wikileaks, o ativista Julian Assange, que encontrava-se refugiado na embaixada do país desde o dia 19 de junho e só no dia 16 de agosto conseguiu a decisão oficial do país sobre a proteção política ao hacker.

Tabela 4 – Tweets sobre questões políticas

<p>RT @agenciapublica: #Equador diz que vai solicitar assembleias na UNASUL e OEA diante de "ameaça a um Estado americano" http://t.co/QQsam4Hu</p> <p>RT @agenciapublica: “É uma ação de bullying contra uma nação soberana”, diz WikiLeaks sobre carta do Reino Unido. http://t.co/PzuhESw4</p> <p>RT @agenciapublica: Acompanhe a movimentação em frente à Embaixada: http://t.co/IHpHRXFE #Assange #WikiLeaks #Equador</p> <p>RT @agenciapublica: Em meio a tensão diplomática, #Equador concede asilo a #Assange http://t.co/Gdwr3dAh</p> <p>RT @agenciapublica: Equador vai dar asilo a Assange, diz ministro a Telesur http://t.co/mVS1tjie</p> <p>RT @agenciapublica: Grã-Bretanha ameaça prender Julian #Assange dentro da embaixada do #Equador</p> <p>RT @agenciapublica: Investigação militar nos EUA qualificou WikiLeaks e Assange como "inimigos do Estado", denuncia Assange na ONU. "É a ...</p> <p>RT @agenciapublica: Reportagem de jornal australiano revela que investigação militar nos EUA qualificou WikiLeaks como "inimigo do Estad ...</p> <p>RT @agenciapublica: WikiLeaks: ameaça ao Equador acontece quando Secretário de Estado britânico assume como Primeiro Ministro interino h ...</p> <p>RT @AnonIRC: Equador garantiu asilo político ao fundador do @WikiLeaks, o jornalista e ex-hacker Julian Assange.</p> <p>RT @AnonIRC: EUA declara que Julian Assange/@Wikileaks são 'inimigos do Estado' - a mesma categoria da Al-Qaeda http://t.co/xKQHd3mD</p> <p>RT @emirsader: Assange pede a Obama que renuncie a la “caza de brujas” contra Wikileaks http://t.co/EGl6VZrb via @el_pais</p> <p>RT @Estadao: Austrália se prepara para possível extradição de Julian Assange, fundador do WikiLeaks, aos EUA http://t.co/F7pcrabe</p> <p>RT @Estadao: EUA negam pressão para Grã-Bretanha prender Assange, mas não comentam asilo político: http://t.co/txzzLX47</p> <p>RT @JornalOGlobo EUA classificam Assange e WikiLeaks de 'inimigos da nação', diz jornal. http://t.co/IZf8DCug</p> <p>RT @JornalOGlobo: Assange pede que Obama encerre 'caça às bruxas' contra o Wikileaks. http://t.co/BDyfRmx0</p> <p>RT @JornalOGlobo: Equador concede asilo político a Julian Assange, fundador do Wikileaks. http://t.co/N2H5TopC</p>
--

RT @JornalOGlobo: EUA classificam Assange e WikiLeaks de 'inimigos da nação', diz jornal. <http://t.co/yAymACgn>

RT @JornalOGlobo: Wikileaks: jornal britânico diz que Equador dará asilo a Assange, mas presidente nega. <http://t.co/evmqThuu>

RT @JornalOGlobo: Wikileaks: OEA convoca reunião de chanceleres sobre caso Assange. <http://t.co/hehStaf3>

RT @olhardigital: Equador concederá asilo político a Julian Assange, do Wikileaks: <http://t.co/iQDNKSJ>

RT @stanleyburburin: 3 - As autoridades também confirmaram que se preparam para o caso de o fundador do site WikiLeaks ser extraditado p ...

RT @wikileaks: #WikiLeaks spokesman @khrafnsson: Threat to storm Embassy is "extremely serious"

RT @wikileaks: 300-400 people outside Embassy chanting "Hands off Ecuador!". Police presense still high.

RT @wikileaks: At least one UK lawyer expressed concern over sending Ecuador a threat to storm the Embassy and arrest Julian #Assange. h ...

RT @wikileaks: Big paper on WikiLekas: "the movement within the US to have WikiLeaks designated a 'foreign terrorist orga-nization'.." h ...

RT @wikileaks: Declaración del Gobierno de la República del Ecuador sobre la solicitud de asilo de Julian Assange <http://t.co/WescSkOc>

RT @wikileaks: Full WikiLeaks+Assange Ofcom complaint part 1) <http://t.co/ez9j6L28> Part 2) <http://t.co/4TLwyOvV> (PDF) <http://t.co/h3B82ugs>

RT @wikileaks: German state Interior Minister Boris Rhein demanded economic censorship of WikiLeaks Spiegel <http://t.co/eIo8Q06o> <http://t.co/...>

RT @wikileaks: Governments know that knowledge is power. They know together we can force them to act differently. Vote WikiLeaks <http://t.co/...>

RT @wikileaks: Hague still refuses to rule out storming Ecuadorian embassy to arrest Julian Register Assange <http://t.co/4lhiB9iK> <http://t.co/...>

RT @wikileaks: Hiliary Clinton on WikiLeaks "when an organization steals Informaçãotion, which is what happened," <http://t.co/j8MHEUS0> <http://t.co/...>

RT @wikileaks: Julian Assange asylum: Ecuador is right to stand up to the US Guardian <http://t.co/pF2Pw9Xc> <https://t.co/xWcNxCbG> <http://t.co/...>

RT @wikileaks: Julian Assange to UN: "It is time for Obama to do the right thing and join the forces of change" <https://t.co/ujbB5Spo>

RT @wikileaks: LIVE NOW: Julian #Assange addressing UN on human rights - <http://t.co/vw4eTvs1>

RT @wikileaks: Pentagon again accuses WikiLeaks of breaking the law, demands we stop publshing, dealing with whistleblowers ABC <http://t.co/...>

RT @wikileaks: Pentagon sees threat from WikiLeaks NYTimes (note date) <https://t.co/rFCGUSoY>

RT @wikileaks: Pochmann defende Julian Assange – assista ao vivo a cobertura ao cerco da embaixada <http://t.co/vLNDgOvx> <https://t.co/xWcNxCbG> ...

RT @wikileaks: Rafael Correa sobre el caso Assange: «Lo que no haremos nunca es negociar sobre Derechos Humanos» <http://t.co/z2zFBiMp> ht ...

RT @wikileaks: Swedish state radio: Swedish Amnesty: Extradite political refugee Julian Assange! No guarentees! <https://t.co/LscCgIUR> ht ...

RT @wikileaks: Sydney Sat 15 Sept: WikiLeaks Freedom Not Fear! 12pm, Hyde Park North #Assange #WikiLeaks #NatSecInquiry <http://t.co/Yd5r...>

RT @wikileaks: Sydney tomorrow: Rally for Assange and Wikileaks tomorrow from 2pm Sydney Town Hall <http://t.co/fqIQYUSy> <http://t.co/xlCTIq8Y>

RT @wikileaks: This Day in #WikiLeaks (7 Nov): WikiLeaks, #Assange comment on Obama reelection

RT @wikileaks: UK Foreign Office spokesman confirms threat to revoke diplomatic protection of Ecuadorian Embassy <http://t.co/QBqgKhVn> ht ...

RT @wikileaks: UN Dec. 1967: granting asylum is a peaceful and humanitarian act that cannot be regarded as unfriendly by any other State ...

RT @wikileaks: Union of South American Nations will have a emergcey meeting this Sun about UK threats to Ecuador <http://t.co/K44AejF3> ht ...

RT @wikileaks: WikiLeaks statement on UK threat to storm Ecuadorian embassy and arrest Julian Assange <http://t.co/aHTflmvw> <https://t.co/...>

Nota-se que grande parte dos *tweets*, quando não estão relacionadas a permanência de Assange na embaixada do Equador em Londres, referem-se as consequências e repercussões

do asilo político em outros países diretamente envolvidos no caso, sobretudo Estados Unidos, quando por exemplo o *tweet* do @JornalOGlobo: “EUA classificam Assange e Wikileaks de ‘inimigos da nação’”, diz jornal. <http://t.co/IZf8DCug>”, linkando para o site do jornal que continha a matéria completa sobre o assunto em questão.

Observando cada perfil separadamente, podemos visualizar as diferentes versões ou destaques que foram dadas ao debate em torno das questões políticas. A @AgenciaPublica, por exemplo, apresentou a maioria de *tweets* relacionados a ameaça feita pelo governo britânico em entrar na embaixada do Equador para prender Assange, como no *tweet*: “‘É uma ação de bullying contra uma nação soberana’, diz WikiLeaks sobre carta do Reino Unido. <http://t.co/PzuhESw4>”, demonstrando sua indignação com atitude de Londres. Além disso, a Agência Pública também foi fundamental para manter aberto o canal de informação sobre o assunto, tuitando apenas novidades sobre a movimentação no Equador, a exemplo dos *tweets*: “Equador diz que vai solicitar assembleias na UNASUL e OEA diante de ‘ameaça a um Estado americano’ <http://t.co/PzuhESw4> #Assange #WikiLeaks”; “Grã-Bretanha ameaça prender Julian #Assange dentro da embaixada do #Equador” e “Acompanhe a movimentação em frente à Embaixada: <http://t.co/lHpHRXFE> #Assange #WikiLeaks #Equador”.

O perfil ativista @Anonirc também esteve envolvido no debate, ao dizer, por exemplo: “Equador garantiu asilo político ao fundador do @WikiLeaks, o jornalista e ex-hacker Julian Assange.”. Aqui, nota-se que apesar do perfil ser de um ativista de grande repercussão e importância na rede, o conteúdo do seu *tweet* visou apenas a transmissão de uma informação, a partir de uma posição política neutra, com intuito de alertar a rede sobre o fato do hacker ter conseguido asilo no Equador.

Alguns usuários publicaram apenas um *tweet*, como o blogueiro @EmirSader, que teve como conteúdo do *tweet* o discurso proferido por Assange na varanda da embaixada do Equador em Londres, que dizia “Assange pede a Obama que renuncie a la “caza de brujas” contra Wikileaks <http://t.co/EGI6VZrb> via @el_pais”. Nota-se que o blogueiro buscou a informação de outro canal de notícias, o jornal *El País*, e em seguida, utilizou os dados para passar a notícia para a sua rede, tomando uma posição de neutralidade para disseminar esse conteúdo em sua timeline pública. Outro perfil que publicou apenas um *tweet* foi o usuário @Stanleyburburin, referente a questão política envolvendo a extradição de Julian Assange, ao

dizer: “As autoridades também confirmaram que se preparam para o caso de o fundador do site WikiLeaks ser extraditado para os Estados Unidos”.

Os canais de notícias @JornalOGlobo, @Estadao e @OlharDigital apresentaram comportamento semelhante na propagação de conteúdo na rede, cumprindo sua função de “portal de notícias”, eles passaram para *sua timeline pública* o conteúdo de forma neutra, ora apenas tendo a atitude de passar uma informação, ora fazendo observações sobre os fatos narrados. Percebe-se, entretanto, que o foco das notícias do perfil @Estadao limitaram-se à questões envolvendo os Estados Unidos, como o *tweet* que dizia: “EUA negam pressão para Grã-Bretanha prender Assange, mas não comentam asilo político: <http://t.co/txzzLX47>”, e também o *tweet*: “Austrália se prepara para possível extradição de Julian Assange, fundador do WikiLeaks, aos EUA <http://t.co/F7pqrabe>”. O @JornalOGlobo, por outro lado, além de apresentar informações referentes a posição política dos Estados Unidos em relação a situação do refugiado Julian Assange, ao dizer, por exemplo: “EUA classificam Assange e WikiLeaks de 'inimigos da nação', diz jornal. <http://t.co/g4vInHcr>”, também nutriu a rede em torno das controvérsias envolvendo o Equador, publicando: “Equador concede asilo político a Julian Assange, fundador do Wikileaks. <http://t.co/N2H5TopC>”. Assim como o Jornal O Globo, o portal online @OlharDigital, apenas gerou na rede conteúdo relacionado ao governo equatoriano, ao lançar na sua timeline o *tweet*: “Equador concederá asilo político a Julian Assange, do Wikileaks: <http://t.co/iQDNKSsJ>”.

Por último, destacou-se os conteúdos do perfil @Wikileaks, que em sua maioria dizia respeito as controvérsias envolvendo questões políticas referentes ao Equador e a tentativa de invasão da embaixada equatoriana pelo Reino Unido, como a publicação: “At least one UK lawyer expressed concern over sending Ecuador a threat to storm the Embassy and arrest Julian #Assange”²³. Além disso, observações acerca da movimentação dos Estados Unidos em relação ao Wikileaks também foram expressados, como neste *tweet* publicado pela organização: “Pentagon again accuses WikiLeaks of breaking the law, demands we stop publishing, dealing with whistleblowers”²⁴.

²³ Tradução livre: “Pelo menos um advogado do Reino Unido expressou preocupação com o envio ao Equador da ameaça britânica de invadir a embaixada e prender Julian #Assange”

²⁴ Tradução livre: Pentágono novamente acusa Wikileaks de infringir a lei, exigindo a interrupção da publicação, lidando com os informantes

3.4.4 Vazamentos

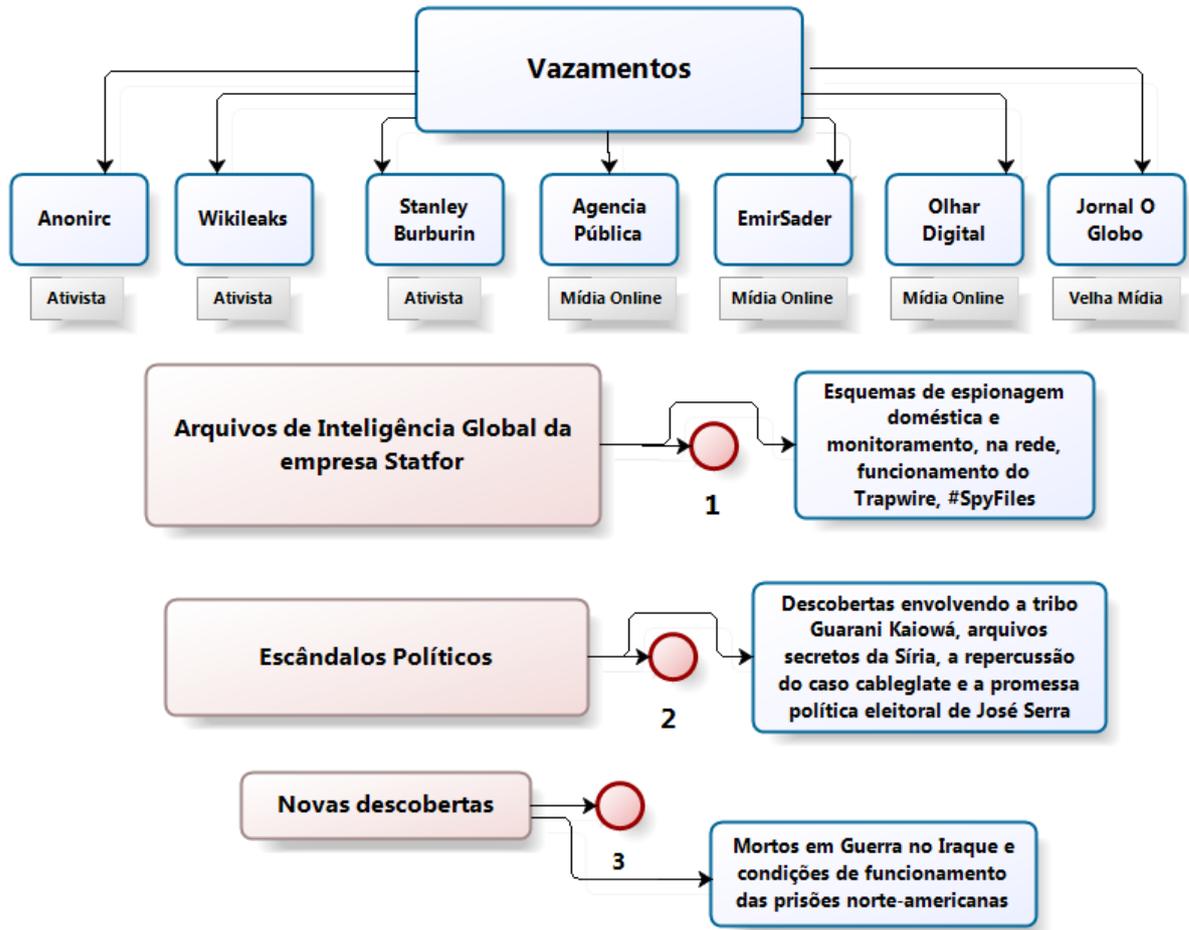


Figura 26 - Mapa mental dos vazamentos

O vazamento constituiu-se como objetivo final do projeto visionário do Wikileaks, dessa forma, quanto maior é a propagação de um conteúdo, mais pessoas estarão informadas e atentas sobre as informações que antes estavam sob sistema de sigilo. Aqui, encontramos *tweets* de conteúdos diversos, conforme as descobertas encontradas nos vazamentos e de acordo com o interesse de quem divulga aquela informação para atingir a um determinado público. Essa controvérsia esteve presente em 19,49% dos *tweets* feitos pelos dez perfis mais retuitados, ocupando o 2º lugar como tema mais debatido na rede.

Tabela 5 - *Tweets* referentes aos vazamentos

<p>RT @agenciapublica: #Wikileaks: Governador de MS “zombou” de pedido de terra para os #GuaraniKaiowá http://t.co/P8qmcqlu</p> <p>RT @agenciapublica: @andretrig #Wikileaks: Governador de MS “zombou” de pedido de terra para os</p>

#GuaraniKaioiwá <http://t.co/P8qmcqlu>

RT @agenciapublica: **RT @agenciapublica:** a força da Informação: revelações do @wikileaks impediram um acordo de permanência de tropas no Iraque <http://t.co/b...>

RT @AnonIRC: #WikiLeaks have released more #GIFiles. Up to 2,694 files now <http://t.co/mSgPsc3T>

RT @AnonIRC: O que é o #Trapwire, o programa de espionagem divulgado pelo @Wikileaks - <http://t.co/ujNnYYBL> #SpyFiles #GIFiles

RT @AnonIRC: 'Person of Interest'? @WikiLeaks revela esquema sinistro de vigilância doméstica envolvendo ex-altos funcionários da CIA, Pentágono e NSA.

RT @AnonIRC: WikiLeaks revela o "#TrapWire", uma rede de espionagem que usa câmeras espalhadas pelos EUA, Inglaterra e Canadá <http://t...>

RT @emirsader: WikiLeaks: Serra ia entregar pré-sal à exploração norte-americana [Jornal Correio do Brasil http://t.co/nfSJVOFS](http://t.co/nfSJVOFS)

RT @JornalOGlobo: Wikileaks revela imensa rede de espionagem doméstica nos EUA. <http://t.co/KUnpUnex>

RT @JornalOGlobo: WikiLeaks: Dirceu admitiu caixa 2 e disse que mensalão foi esquema 'louco e perverso'. <http://ow.ly/3rOt1>

RT @olhardigital: O que é o Trapwire, o programa de espionagem divulgado pelo Wikileaks <http://t.co/nExmZaDn>

RT @stanleyburburin: 1 - Cabos diplomáticos de WikiLeaks revelaram ocasiões em que Mainardi serviu como Informação para o governo americano. [7].

RT @stanleyburburin: 13.1 - WikiLeaks: Serra prometeu alterar regras caso vencesse em 2010, e entregaria o pré-sal para os EUA- <http://t.co/ZcI8jtAg> #Corinthians

RT @stanleyburburin: Segundo o WikiLeaks, Serra prometeu alterar regras caso vencesse em 2010, e entregaria o pré-sal para os EUA- <http://t.co/ZcI8jtAg> #Haddad13

RT @stanleyburburin: WikiLeaks: Serra prometeu alterar regras caso vencesse em 2010, e entregaria o pré-sal para os EUA- <http://t.co/Zc...>

RT @wikileaks: #GIFiles: Mexican diplomat says America pretty much invited the Sinaloa Drug Cartel across the border [BI http://t.co/PT...](http://t.co/PT...)

RT @wikileaks: #Gitmo file of Adnan Farhan Abd Allatif who died last week in Guantanamo Bay, two years after his release was ordered [htt...](http://t...)

RT @wikileaks: #Olimpiadas2016: #Cablegate mostram que os EUA monitoravam até ativistas durante as Olimpíadas de inverno de 2010...

RT @wikileaks: #WikiLeaks #publishes #terror detainee #manuals <https://t.co/KBPemOqb> <http://t.co/XCinEfXI> <http://t.co/7YoNp48O>

RT @wikileaks: Get ready. Big upcoming month for WikiLeaks. There will be lots of announcements.

RT @wikileaks: Mass interception of entire populations is not only a reality, it is a secret new industry spanning 25 countries. <http://...>

RT @wikileaks: Mossad suspected in 2010 Ethiopian plane crash [Naharnet http://t.co/AF77NYig](http://t.co/AF77NYig) <http://t.co/mYvBxyrs>

RT @wikileaks: New GI Files: Parública na mira do Goldman Sachs e "CIA privada" - <http://t.co/zhhlnZdo> (Portuguese) <http://t.co/Hrl2sxsF>

RT @wikileaks: RELEASE: All emails to and from the Planning Commission of Syria (<http://t.co/5jBOIkBG>)

RT @wikileaks: RELEASE: Detainee Policies - Serious Incident report (SIR) of guard firing to disperse detainees at Camp Bucca, Iraq [ht...](http://t...)

RT @wikileaks: RELEASE: US military investigation into WikiLeaks supporter regarding "Communicating with the Enemy" [Read full doc - ht...](http://t...)

RT @wikileaks: Released: All emails to and from the Central Bank of Syria - 17,336 emails <http://t.co/rvwrq6EM> #SyriaFiles

RT @wikileaks: Syria Files: Italian company writes to the Syrian Minister of Irrigation: "we hope for the elimination of terrorists" [h...](http://t...)

RT @wikileaks: Syria Files: The Greek angle of TETRA in Syria (Google Translate from Greek - The Press Project) <http://t.co/bdwUVmrL>

RT @wikileaks: The US legacy in Iraq: 147 civilians killed in the last 10 days <http://t.co/FW3MKB5s> <http://t.co/6ktq3jG4>

RT @wikileaks: This Day in #WikiLeaks (17 August): Cables show US is in pursuit of #Assange

RT @wikileaks: This Day in #WikiLeaks (18 Sept): #GIFiles reveal MX Special Forces employed as death squads

RT @wikileaks: Three large batches—over 66,000 emails—of the #SyriaFiles released over the past few days. <http://t.co/daatntgJ> #WikiLeaks

RT @wikileaks: TrapWire deleted CIA affiliation after WikiLeaks exposure The Age <http://t.co/wq1sz3vX>
<https://t.co/xWcNxCbG>
RT @wikileaks: WikiLeaks Global Intelligence Files (Stratfor) impact maximisation <http://t.co/D0ZqSOx8>
<http://t.co/ZlWy4VTt>
RT @wikileaks: WikiLeaks SpyFiles are back: hundreds of companies involved in mass surveillance
<http://t.co/28gmmqmq> #spyfiles
RT @wikileaks: WikiLeaks virial banking blockade parody hits 999,031 views <http://t.co/wA0Hpn5V>
<http://t.co/F2tfKACp>
RT @wikileaks: WikiLeaks, los archivos de América Latina Nation <http://t.co/r7Zcv9kk>
<https://t.co/xWcNxCbG>
RT @wikileaks: WikiLeaks: DHS Emails Talk About The Young Turks. @cenkuygur @TheYoungTurks
<http://t.co/On1DwkhR> <https://t.co/xWcNxCbG>
RT @wikileaks: WikiLeaks: Israel aimed to keep Gaza economy "on brink of collapse" Haaretz
<http://t.co/gERExUX4> (archive)
RT @wikileaks: WikiLeaks: U.S. Government secretly spying on everyone using civilian security cameras
Daily Mail <http://t.co/prH5Ac1p> ...

A @AgenciaPublica, em particular, retrata as descobertas possibilitadas pelos vazamentos sobre as terras da tribo Guarani Kaiowá, ao dizer, por exemplo: “#Wikileaks: Governador de MS ‘zombou’ de pedido de terra para os #GuaraniKaiowá <http://t.co/P8qmcqlu>”. Esses dados constam em um telegrama vazado pelo Wikileaks em 21 de maio de 2009 e é trazido à tona pela agência de jornalismo investigativo que aponta o fato das autoridades do Mato Grosso do Sul terem desdenhado da ideia de uma maior quantidade de terras serem demarcadas para a tribo Guarani-Kaiowá. Além disso, a @AgenciaPublica ressalta em um de seus *tweets* o fato dos vazamentos do telegrama terem alterado a presença de tropas no Iraque: “A força da informação: revelações do @wikileaks impediram um acordo de permanência de tropas no Iraque [http://t.co/b ...](http://t.co/b...)”.

O perfil ativista @Anonirc também se mostrou como um forte propagador dos vazamentos, a partir dos documentos denominados *The Global Intelligence Files*²⁵ (Arquivos de Inteligência Global), que consistem em mais de cinco milhões de e-mails da sede da empresa Stratfor, o datados entre julho de 2004 e dezembro de 2001, revelando o funcionamento interno dessa empresa que se apresentava com a fachada de uma instituição que prestava serviços de informações e análise estratégica, mas fornecia serviços de inteligência confidenciais para grandes corporações e agências governamentais.²⁶

Dessa forma, o conteúdo dos *tweets* do ativista revelavam o esquema de funcionamento dessa organização e as descobertas feitas através dos seus vazamentos, a exemplo do sistema de espionagem denominado TrapWire, que podem ser vistos a partir dos *tweets* a seguir:

²⁵ Ver mais em: <<http://wikileaks.org/gifiles/>>. Acesso em 03 de maio, 2013

²⁶ Ver mais em: <http://resistir.info/varios/wikileaks_27fev12_p.html>. Acesso 03 de maio, 2013.

“WikiLeaks revela o "#TrapWire", uma rede de espionagem que usa câmeras espalhadas pelos EUA, Inglaterra e Canadá”; “Person of Interest? @WikiLeaks revela esquema sinistro de vigilância doméstica envolvendo ex-altos funcionários da CIA, Pentágono e NSA”. Nota-se que em todos os casos os *tweets* são uma espécie de observação atenta e minuciosa sobre o vazamento, com a presença de comentários e pontuações detalhadas sobre o tema em questão. Aqui, percebe-se que o conteúdo ora se apresenta de forma neutra, ora demonstra a posição progressista do perfil da organização.

Com um único *tweet* referente aos vazamentos, mas bastante retuitado, apareceu a figura do sociólogo @EmirSader, que diz: “WikiLeaks: Serra ia entregar pré-sal à exploração norte-americana Jornal Correio do Brasil <http://t.co/nfSJVOFS>”. A revelação consta em um telegrama diplomático dos EUA, datado de dezembro de 2009, e vazado pelo Wikileaks. Percebe-se aqui, que de forma neutra, o blogueiro lança a informação e a direciona para o portal online do Jornal Correio do Brasil, onde é suscitado detalhes sobre o vazamento e que reflete diretamente na política brasileira.

Observa-se que o perfil do ativista @StanleyBurburin também apresentou na maioria dos seus *tweets* o debate em torno do escândalo envolvendo José Serra, como este a seguir que dizia: “Segundo o WikiLeaks, Serra prometeu alterar regras caso vencesse em 2010, e entregaria o pré-sal para os EUA- <http://t.co/ZcI8jtAg>”. Apesar de ser claramente um ativista, o usuário adotou em sua publicação um tom de neutralidade, apenas repassando a informação a timeline pública.

Os vazamentos do #GIF (Global Intelligence Files) repercutiram ainda em duas outras agências de notícias, o @OlharDigital e o @JornalOGlobo, que diziam em seus *tweets*, respectivamente: “O que é o Trapwire, o programa de espionagem divulgado pelo Wikileaks <http://t.co/nExmZaDn>”; “Wikileaks revela imensa rede de espionagem doméstica nos EUA. <http://t.co/KUnpUnex>”. Observa-se que o canal de notícias @JornalOGlobo não citou o escândalo de Serra com a negociação do pré-sal, por outro lado, o portal publicou uma informação que trazia revelações petistas, como o *tweet* que dizia “WikiLeaks: Dirceu admitiu caixa 2 e disse que mensalão foi esquema 'louco e perverso'. <http://ow.ly/3rOt1>”.

A organização Wikileaks também esteve envolvida nessa controvérsia, gerando conteúdos diversos, e isso se deve ao fato, como já foi suscitado antes, dos vazamentos serem o produto

final do site. Logo, todos os vazamentos serão amplamente divulgados nas mídias da organização, como site, grupos no Facebook e sobretudo no *Twitter*. Destaca-se aqui alguns vazamentos reiterados pela organização através de seus *tweets*, como aqueles relacionados ao #GIF, o Cablegate, a repercussão dos documentos que detalhavam o procedimento do Departamento de Defesa para a execução de Guantánamo, Camp Bucca e outras prisões onde suspeitos de terrorismo são detidos, além disso, também foram divulgados pela organização os vazamentos referentes a Síria, que consiste em mais de dois milhões de e-mails entre figuras políticas, ministérios e empresas associadas do país.

3.4.5 Hacktivismo

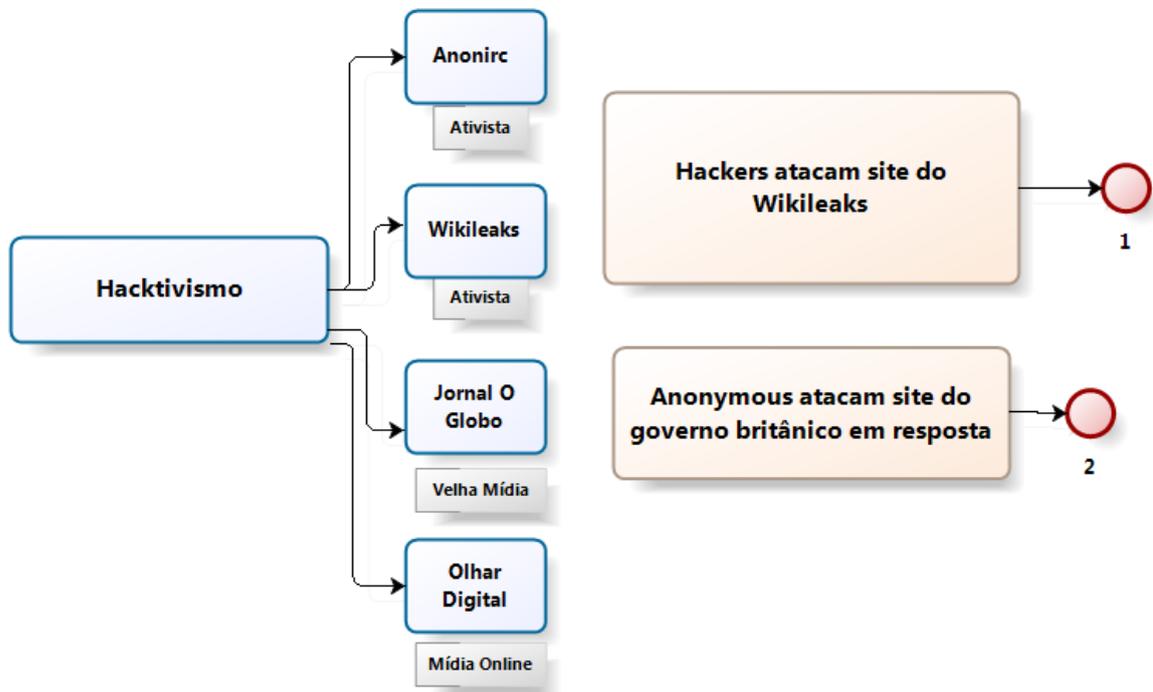


Figura 27 - Mapa mental dos ataques hackers

Denominada aqui como *hacktivismo* essa controvérsia é sinônimo de ataque hacker e ações feitas por um indivíduo ou grupo visando algum tipo de alteração na rede, como a interceptação de e-mails e sites. Nos *tweets* referentes a esse debate, dois diferentes ataques hackers se apresentaram, a favor e contra a organização. Ao todo, o conteúdo publicado referente ao tema em questão representou 6,14% dos *tweets* totais.

Tabela 6 - *Tweets sobre hacktivismo*

<p>RT @AnonIRC @WikiLeaks @WikiLeaks está sofrendo um ataque DDoS após revelar um sistema de espionagem de alta tecnologia chamado d #TrapWire</p> <p>RT @AnonIRC: A @WikiLeaks está sofrendo um ataque DDoS após revelar um sistema de espionagem de alta tecnologia chamado de #TrapWire.</p> <p>RT @AnonIRC: O @Wikileaks está sob um ataque DDoS. O site está fora do ar e os arquivos só estão acessíveis na rede Tor - http://isax7s5 ...</p> <p>RT @AnonIRC: WikiLeaks está novamente sob um ataque DDoS. Acesso disponível apenas pela rede Tor: http://isax7s5yooqgelbr.onion/ #Wiki ...</p> <p>RT @AnonIRC: WikiLeaks sufriu ataques DDoS tras divulgarse las revelaciones de Anonymous sobre vigilancia http://t.co/5MsNmKW9</p> <p>RT @JornalOGlobo Hackers ataquem sites do governo britânico para defender Assange, do WikiLeaks. // É um pedido ou uma ordem???? rrsr</p> <p>RT @JornalOGlobo: Correção: Hackers atacam sites do governo britânico para defender Assange, do WikiLeaks. http://t.co/m17HxTif</p> <p>RT @JornalOGlobo: Hackers ataquem sites do governo britânico para defender Assange, do WikiLeaks. http://t.co/m17HxTif</p> <p>RT @JornalOGlobo: WikiLeaks diz que é alvo de ataques que dificultam acesso ao site. http://t.co/ywG9BeZj</p> <p>RT @olhardigital: Anonymous ataca sites do governo britânico em apoio ao criador do Wikileaks http://t.co/WTGpncLC</p> <p>RT @olhardigital: Defensores do Wikileaks atacam sites do governo da Suécia http://t.co/unQN8qiu</p> <p>RT @olhardigital: Wikileaks sofre ataques há cinco dias e está fora do ar http://t.co/l4gms6Oh</p> <p>RT @wikileaks: (1/5) The attack is well over 10Gbits/second sustained on the main WikiLeaks domains.</p> <p>RT @wikileaks: (5/5) We have even tried moving behind http://t.co/QEE6jwyE but Cloudflare has re-emptively banned WikiLeaks. Living in t ...</p> <p>RT @wikileaks: Journalists research the attack against WikiLeaks can contact http://t.co/EYgNTWgv http://t.co/mi9g2XK2 http://t.co/QIIYu ...</p> <p>RT @wikileaks: This Day in #WikiLeaks (8 August 12): WikiLeaks battles major DDoS attack</p> <p>RT @wikileaks: While RT is being censored by DDoS, you can still watch the Julian Assange show on https://t.co/JFIYknvz and http://t.co/ ...</p> <p>RT @wikileaks: WikiLeaks: Half a million text message intercepts from the 24 hours period of 911 http://t.co/4IUvpkfd http://t.co/p9sNjWBK</p>

A favor do @Wikileaks, se levantou o coletivo Anonymous, através do ataque a uma série de sites do governo britânico, como uma forma de retaliação ao Reino Unido por ter tentado, insistentemente, extraditar o fundador da organização, Julian Assange. Observa-se que os canais de notícias @JornalOGlobo e @OlharDigital relataram sobre o protesto feito pelos hackers, como os *tweets*: “Anonymous ataca sites do governo britânico em apoio ao criador do Wikileaks <http://t.co/WTGpncLC>” e “Correção: Hackers atacam sites do governo britânico para defender Assange, do WikiLeaks. <http://t.co/m17HxTif>”.

Por outro lado, os perfis ativistas, do próprio @Wikileaks e do anônimo @Anonirc focaram seus *tweets* nas retaliações que o site do Wikileaks estava sofrendo, alvo de um ataque DDOS, que deixou o site lento e inacessível por mais de uma semana. O perfil @Anonirc afirma em seus *tweets* que “o @WikiLeaks está sofrendo um ataque DDoS após revelar um sistema de espionagem de alta tecnologia chamado de #TrapWire”. Essa informação também é republicada em outros canais, como o @JornalOGlobo ao dizer “WikiLeaks diz que é alvo de

ataques que dificultam acesso ao site. <http://t.co/ywG9BeZj>” e @OlharDigital, quando afirma: “Wikileaks sofre ataques há cinco dias e está fora do ar <http://t.co/14gms6Oh>”.

O canal do site @Wikileaks no *Twitter* direcionou as suas publicações para informações referentes ao ataque hacker que a organização estava sofrendo e as consequências dessa ação, como nos *tweets*: “(1/5) The attack is well over 10Gbits/second sustained on the main WikiLeaks domains.²⁷”; “This Day in #WikiLeaks (8 August 12): WikiLeaks battles major DDoS attack”²⁸. A maior parte dos *tweets* da organização ou eram alguma forma de mobilização da rede ou um alerta e observação para os últimos acontecimentos envolvendo o site.

3.4.6 Investigação Policial e Cibercrimes

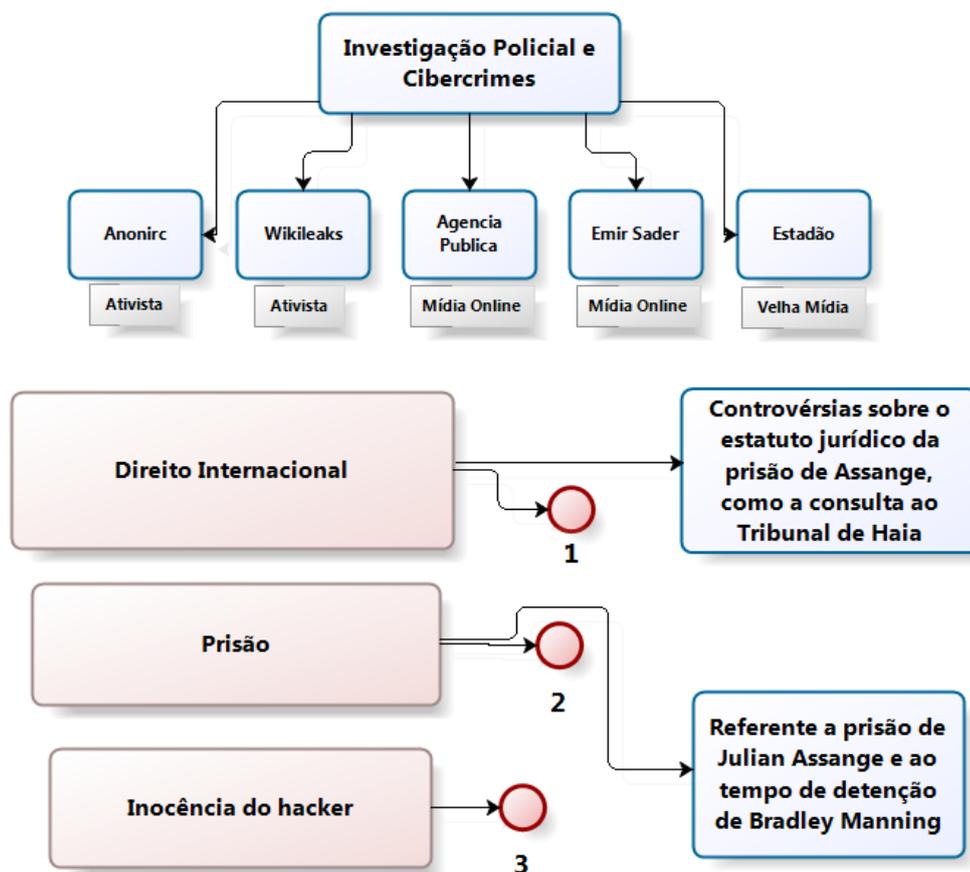


Figura 28 - Mapa mental formado pela controvérsia de investigação policial e cibercrimes

²⁷ Tradução livre: “O ataque está acima de 10Gbits por segundo, sustentado nos principais domínios do Wikileaks”

²⁸ Tradução livre: “O dia de hoje no #Wikileaks: Wikileaks luta contra grande ataque DDoS

A presença dessa controvérsia na rede se deu sobretudo em dois sentidos, primeiro, relacionado a Julian Assange e seu conturbado processo de refúgio na embaixada do Equador (visando o impedimento de ser extraditado para a Suécia), e, segundo, aos cibercrimes que incluem pessoas que já tiveram participação no processo de hackear informações confidenciais e que as enviaram para o Wikileaks, o que acabou culminando em sua prisão ou investigação policial, é o caso do ex-soldado norte-americano Bradley Manning. No total, essa controvérsia esteve presente em 7,71% dos *tweets* publicados pelos dez usuários mais retuitados.

Tabela 7 – *Tweets* sobre investigação policial e cibercrimes

<p>RT @agenciapublica: #Equador diz que pode procurar Tribunal de Haia para levar #Assange http://t.co/PzuhESw4 #WikiLeaks</p> <p>RT @AnonIRC: E o Direito Internacional? Onde fica? - Grã-Bretanha ameaça prender Julian #Assange dentro da embaixada do #Equador http://t.co/4Pht0wfE</p> <p>RT @AnonIRC: Polícia Metropolitana de Londres cercou a embaixada do Equador, onde Julian Assange, fundador do @WikiLeaks, está procurand ...</p> <p>RT @emirsader: Reino Unido: podemos prender Assange dentro da embaixada http://t.co/VusLviiK via @sharethis - Prepotencia colonial britanica.</p> <p>RT @Estadao: Justiça sueca garante que não extraditará para os EUA o fundador do site WikiLeaks caso haja ameaça de pena de morte http://t.co/VQ1Mai73</p> <p>RT @wikileaks: Congrats Obama! Your reelection marks 899 days detention for Bradley Manning</p> <p>RT @wikileaks: Is police removal of barriers a prelude to mass arrest of WikiLeaks supporters on vigil outside of Ecuadorian embassy? ht ...</p> <p>RT @wikileaks: Journalists: Julian Assange has NOT BEEN CHARGED. It is a serious libel to say or (cont) http://t.co/X5JOsPDg .HwS:</p> <p>RT @wikileaks: Julian Assange HAS NOT BEEN CHARGED. Media reporting that he has do so falsely and risk libel suits. http://t.co/h3B82ugs</p> <p>RT @wikileaks: Pirate Bay co-founder #anakata will remain detained in Sweden, incommunicado, without charge http://t.co/CUaEXuVy http://t.co/...</p> <p>RT @wikileaks: Plans made for Julian Assange to be prosecuted in the United States http://t.co/AazxLTXM http://t.co/bz4O9bjF</p> <p>RT @wikileaks: PRESS RELEASE: Statement on UK threat to storm Ecuadorian embassy and arrest Julian Assange http://t.co/aHTflmvw</p> <p>RT @wikileaks: Sweden detains Pirate Bay founder in oppressive conditions without charges Greenwald/Guardian http://t.co/5OYMGt5r http://t.co/...</p> <p>RT @wikileaks: Sweden kidnapped my friend, Pirate Bay co-founder and WikiLeaks associate #Anakata http://t.co/NZQPlvXb https://t.co/xWcNxCbG</p> <p>RT @wikileaks: The Nation: For Julian Assange, Justice Foreclosed http://t.co/74fyc1iD http://t.co/bz4O9bjF</p> <p>RT @wikileaks: Today: #Assange: 383 days detained-no charge #WikiLeaks: 386 days unlawful banking blockade #Manning: 580 days in jail ht ...</p> <p>RT @wikileaks: URGENT: Jailed for 3 years today for <i>tweeting</i> after visiting Assange, @NabeelRajab http://t.co/ubTFazVB https://t.co/xWcNxCbG</p> <p>RT @wikileaks: Very powerful political cartoon of Bradley #Manning, by @CarlosLatuff: http://t.co/9RHQogZn #WikiLeaks #FreeBrad</p> <p>RT @wikileaks: Video: Alba y Unasur revisarán caso de Julian Assange http://t.co/a1GNDGVT</p> <p>RT @wikileaks: WikiLeaks siege fiasco: 40 cops and 50,000 pounds a day DailyMail http://t.co/aKaiqdcS ... http://t.co/h3B82ugs https://t.co/...</p>
--

Observa-se aqui que os perfis da @AgenciaPublica, @Anonirc e @EmirSader apenas publicaram informações referentes a movimentação de Assange na embaixada do Equador,

mais precisamente, a possível invasão do Reino Unido a sede diplomática do governo equatoriano em Londres para efetuar a prisão do hacker. A @AgenciaPublica diz “#Equador diz que pode procurar Tribunal de Haia para levar #Assange <http://t.co/PzuhESw4> #WikiLeaks”, e lança um link da matéria do seu site explicando o desenrolar da concessão do asilo político a Julian e a posição do Equador em buscar o Tribunal de Justiça de Haia²⁹ caso o Reino Unido se negue a dar salvo-conduto ao diretor do Wikileaks.

O ativista @Anonirc demonstra grande indignação sobre o acontecimento e questiona: “E o Direito Internacional? Onde fica? - Grã-Bretanha ameaça prender Julian #Assange dentro da embaixada do #Equador <http://t.co/4Pht0wfE>”, o link aqui é o mesmo publicado pela @AgenciaPublica, que direciona para o canal de notícias da agência de jornalismo investigativo. Além disso, o anônimo também lança outro *tweet* dando informação sobre o cerco que se deu ao redor da embaixada do país equatoriano: “Polícia Metropolitana de Londres cercou a embaixada do Equador, onde Julian Assange, fundador do @WikiLeaks, está procurando asilo”.

O perfil do blogueiro @EmirSader também mantém aberto o canal de informação sobre os acontecimentos no Equador, ao dizer: “Reino Unido: podemos prender Assange dentro da embaixada <http://t.co/VusLviiK> via @sharethis - Prepotência colonial britânica.”. Nota-se aqui, um tom de crítica feito a potência britânica por tentar invadir a zona política equatoriana e novamente temos o mesmo link direcionado ao canal da @AgenciaPublica, que acompanha de perto as novidades sobre o caso.

O único veículo tradicional de comunicação envolvido nessa controvérsia foi o jornal @Estadao, que tuitou informações sobre o processo jurídico envolvendo Julian Assange e sua extradição: “Justiça sueca garante que não extraditará para os EUA o fundador do site WikiLeaks caso haja ameaça de pena de morte <http://t.co/VQ1Mai73>”, o link leva o leitor para a notícia completa no site do Estadão, onde o debate sobre a possível extradição de Assange para os Estados Unidos se mostra infundada a partir do depoimento da vice-diretora de assuntos penais e cooperação internacional do Ministério da Justiça da sueca, que garante que o hacker não será entregue aos norte-americanos se ele estiver ameaçado de morte.

²⁹ Ver mais: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Tribunal_Internacional_de_Justi%C3%A7a >. Acesso em: 04 de maio, 2013

Os *tweets* da organização @Wikileaks nessa controvérsia estiveram relacionados a sobretudo quatro fatores, a prisão de Bradley Manning, questões policiais envolvendo Julian Assange, a movimentação policial em frente à embaixada equatoriana e a detenção do fundador do Pirate Bay na Suécia. Na publicação: “Congrats Obama! Your reelection marks 899 days detention for Bradley Manning”³⁰, o site lança uma crítica ao governo de Obama, que estava à frente da política norte-americana quando Manning foi preso, em maio de 2010. Em relação a Assange, a maioria dos *tweets* se referem ao apoio dado pela organização ao processo policial que o hacker vem passando, como o *tweet*: “Julian Assange HAS NOT BEEN CHARGED. Media reporting that he has do so falsely and risk libel suits. <http://t.co/h3B82ugs>”³¹, o link leva a um site cujo objetivo é fazer “Justiça por Assange” e explica o desenrolar dos fatos envolvendo o fundador do Wikileaks. Quanto a situação em frente à embaixada, o @Wikileaks diz: “Is police removal of barriers a prelude to mass arrest of WikiLeaks supporters on vigil outside of Ecuadorian embassy?”³². A organização também tuita em apoio a Gottfrid Svartholm, co-fundador do PirateBay, “Pirate Bay co-founder #anakata will remain detained in Sweden, incommunicado, without charge <http://t.co/CUaEXuVy>.”

3.4.7 Polêmicas sobre os atores do Wikileaks

Essa controvérsia diz respeito as polêmicas envolvendo os membros do Wikileaks e aqueles que fizeram parte em algum momento do funcionamento da organização. Após a análise dos dados em geral, nota-se que a maior parte dos *tweets* faz referência ao fundador do site, Julian Assange. Os temas em torno dele são diversos, desde notícias envolvendo sua permanência na embaixada do Equador até notícias sobre o seu programa *The World Tomorrow*³³. Observa-se também que 8 dos 10 perfis tuitaram sobre esse assunto, com uma incidência de 16,83% em relação aos *tweets* dos dez usuários de maiores indegree.

³⁰ Tradução livre: “Parabéns Obama! Sua reeleição marca 899 dias da detenção de Bradley Manning”

³¹ Tradução livre: “Julian Assange não foi condenado. Os relatos falsos da mídia correm risco de ser processados!”

³² Tradução livre: Será que a remoção de barreiras pelos policiais é um prelúdio para a prisão em massa de apoiadores do Wikileaks em vigília do lado de fora da embaixada equatoriana?

³³ Programa de entrevistas políticas apresentados por Julian Assange. Disponível em: <<http://worldtomorrow.wikileaks.org/>>. Acesso em 23 de abril, 2013.

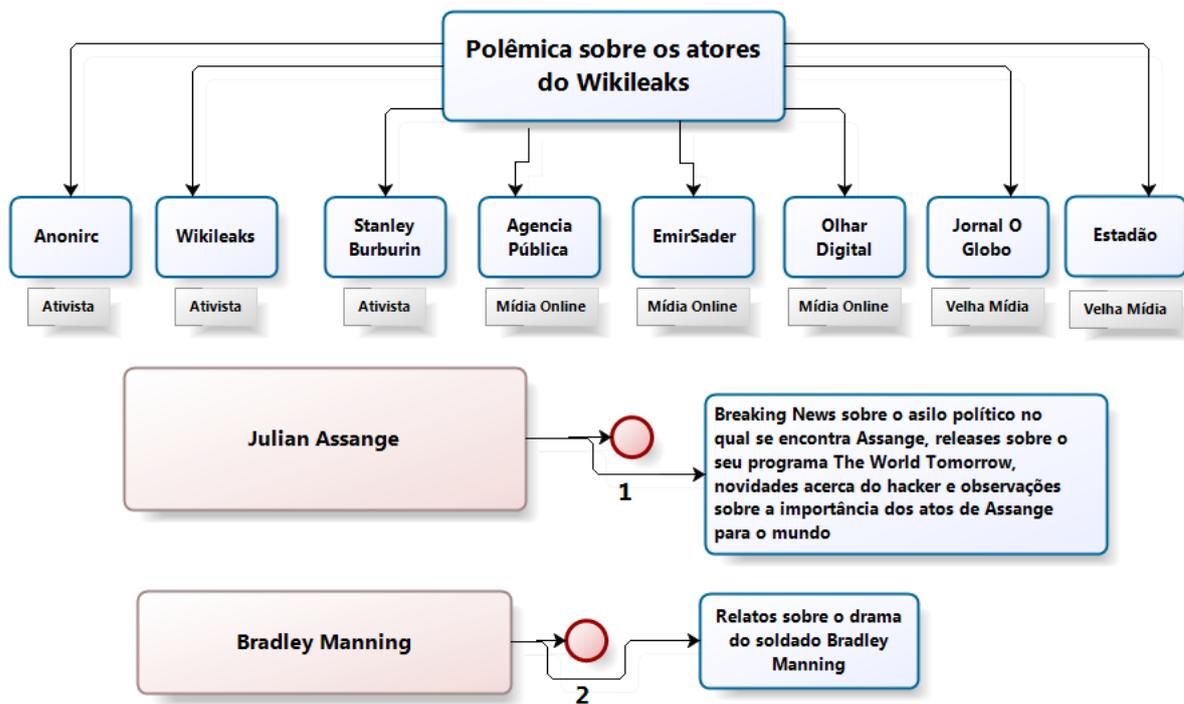


Figura 29- Mapa mental relacionado a polêmicas sobre os atores do Wikileaks

A maioria absoluta das publicações realizadas pela @AgenciaPublica divulgaram informações sobre o programa apresentado por Julian Assange, *The World Tomorrow*. O canal de jornalismo investigativo lança em seus *tweets* novidades acerca das participações no programa, como nas publicações: “O Mundo Amanhã: as vozes de Guantánamo. #Assange entrevista Moazzam Begg, ex-detento de Guantánamo, e Asim Qureshi <http://t.co/1YtwSiSw>”; “O Mundo Amanhã: a primavera continua. Assista o quarto episódio da série com #Assange <http://t.co/eLpnP1hu> #WikiLeaks #PrimaveraÁrabe”. Percebe-se que o canal de notícias desempenha uma importante função intermediadora entre Wikileaks e o Brasil, cumprindo a função de propagar informações sobre o Wikileaks, e, conseqüente de Assange, na rede brasileira.

O perfil @Anonirc comenta sobre novidades de Assange na embaixada equatoriana, a exemplo do *tweet*: “Assange delivering a speech while the Ecuadorian embassy seems to be under siege by UK police #Wikileaks <http://t.co/TrZunjvj>”³⁴. O anônimo também faz uma dura crítica ao julgamento realizado pelos governos a Assange ao dizer: “Sabe qual a diferença entre o fundador do Wikileaks, Julian Assange, e o criador do Facebook, Mark

³⁴ Tradução livre: “Assange faz um discurso enquanto a embaixada equatoriana é vigiada pela polícia britânica

Zuckerberg? [http://t.co/ ...](http://t.co/...)”, no link³⁵ dado pelo usuário, a diferença é ressaltada ao explicar que enquanto Julian Assange divulga informações empresariais privadas de graça e é considerado o vilão, o criador do facebook, Mark Zuckerberg, fornece dados privados das pessoas a empresas por dinheiro e é considerado o homem do ano.

Os jornais @Estadao e @JornalOGlobo publicam apenas informações sobre os últimos acontecimentos envolvendo Julian Assange, de forma neutra, apenas passando o conhecimento ao público em geral, como nos *tweets*: “Acompanhe cobertura ao vivo do caso Julian Assange: <http://t.co/PLnk0r0U> (via @EstadaoInter)”; “Assange fará discurso diante da Embaixada no domingo, diz porta-voz <http://t.co/XT46BB8A>” e “Ministro da Grã-Bretanha nega salvo-conduto a Assange: <http://t.co/XseYxH8d>”, feitos pelos perfil do @Estadao, e: “Os processos e denúncias que marcam a trajetória de Julian Assange, fundador do WikiLeaks. <http://t.co/1AZRpIB4>”; “#ONU diz que Julian #Assange, do #Wikileaks, não é refugiado. <http://t.co/4V4ddvXR>”, tuitados pelo @JornalOGlobo

@EmirSader e @OlharDigital também apresentam as novidades referentes ao fundador do Wikileaks, todos os *tweets* estavam relacionados ao depoimento dado por Julian Assange na embaixada equatoriana, como por exemplo: “Assange quebra silêncio na Embaixada do Equador e pede que EUA parem de perseguir WikiLeaks”, feito por @EmirSader, e, “Em breve, o Olhar Digital trará relatos exclusivos de Londres, onde Julian Assange, do Wikileaks, está preso na embaixada”, de @OlharDigital.

O perfil ativista @StanleyBurburin apresentou um novo questionamento acerca da história de Assange, afirmando que: “O caso contra Julian Assange fundador de WikiLeaks parece ter chegado a ponto de colapso”. Aqui, observa-se que o ativista parece fazer uma espécie de *tweet* “visionário”, projetando seu comentário sobre as mudanças evidente no rumo da história relacionada ao editor-chefe da organização.

Maioria absoluta no número de *tweets* relacionados ao tema *polêmica dos atuantes*, o canal do @Wikileaks no *Twitter* publicou diversos conteúdos em apoio ao seu fundador. Grande parte das publicações feitas pelo @Wikileaks foram realizadas com intuito de repassar a informação, assim como foi observado nos canais de notícias @Estadao e @JornalOGlobo. A

³⁵ Ver mais: < <http://twicsy.com/i/Ua48bc>>. Acesso em: 04 de maio, 2013.

atitude encontrada nesse tipo de publicação era informativa e de posição neutra, como nos *tweets*: “This Day in #WikiLeaks (18 August): #Assange to speak outside Embassy tomorrow”³⁶; “O Mundo Amanhã: Assange entrevista lideranças da Primavera Árabe no Egito e no Bahrein <http://t.co/qirD0uOC> (pt_br) <http://t.co/p9sNjWBK>” e “Julian #Assange can remain in the Ecuadiran Embassy indefinitely until granted safe passage”³⁷.

Os *tweets* da organização também apresentaram tom de alerta, como por exemplo: “ANNOUNCEMENT: Julian Assange will give a live statement in front of the Ecuadorian embassy, Sunday 2pm.”³⁸, que chamava a atenção para a declaração do hacker na embaixada do Equador. Outros temas também estiveram presentes nessa controvérsia, como o apoio de figuras importantes a Julian Assange, a exemplo da fala feita por Chomsky em entrevista concedida ao fundador do Wikileaks, que dizia: “Assange is a true democrat New Matilda <http://t.co/pRRcbZbs> <http://t.co/bz4O9bjF> <http://t.co/lz18FRqx>”³⁹.

O perfil do @Wikileaks teceu ainda várias observações pertinentes acerca das polêmicas envolvendo Assange, como os *tweets*: “Video: Julian Assange smokes cigar, drinks whisky, plots against totalitarian takeover <http://t.co/kJqEWPCs> <http://t.co/MN...>”⁴⁰ e “This long letter from Assange outlines many of the media smears against WikiLeaks and how they came to be (pdf)”⁴¹. Além disso, a organização mobilizou a rede para a reunião em Sidney para elaboração de um plano de defesa à Assange, expresso no *tweet*: “Sydney, August 17: Emergency rally for Julian #Assange outside UK Consulate at 5PM. <http://t.co/eLiAx9A7> #WikiLeaks”⁴².

Tabela 8 - *Tweets* sobre polêmicas dos atores da organização

<p>RT @agenciapublica: Chomsky: O @wikileaks é um serviço à população, Assange deveria ganhar uma medalha de honra http://t.co/QWb7Tggn</p> <p>RT @agenciapublica: Em outubro, Julian Assange entrevista. Participe! Saiba como: http://t.co/reu7HLv5 #WikiLeaks #FreeAssange</p>

³⁶ Tradução livre: O dia de hoje no #Wikileaks: Assange vai fazer um discurso fora da embaixada amanhã”

³⁷ Tradução livre: “Julian #assange pode ficar indefinidamente na embaixada até que lhe seja garantida uma passagem liberada segura”

³⁸ Tradução livre: “Anúncio: Julian Assange vai dar uma declaração ao vivo em frente a embaixada do Equador, domingo 14:00”

³⁹ Tradução livre: “Assange é um verdadeiro democrata. New Matilda <http://t.co/pRRcbZbs> <http://t.co/bz4O9bjF> <http://t.co/lz18FRqx>”

⁴⁰ Tradução livre: “Video: Assange fuma charuto, bebe whisky e conspira contra totalitários, assista..

⁴¹ Tradução livre: “Longa carta de Assange resume muitas mentiras que a mídia vem contando e como foram construídas...”

⁴² Tradução livre: “Sydney, 17 de agosto: Reunião de emergência para Julian Assange # fora do Reino Unido, Consulado em 05:00. <http://t.co/eLiAx9A7> # WikiLeaks”.

RT @agenciapublica: Entrevista de Natalia Viana, da @agenciapublica, na BBC sobre caso Assange/Equador <http://t.co/ffGOuLZI>

RT @agenciapublica: FOTO: Julian Assange na embaixada do Equador em Londres, com a camisa da seleção brasileira, em 2/9/2012 #Wikileaks ...

RT @agenciapublica: Julian Assange, da varanda da embaixada, pede o fim da investigação do FBI ao WikiLeaks

RT @agenciapublica: O Mundo Amanhã: a primavera continua. Assista o quarto episódio da série com #Assange <http://t.co/eLpnP1hu> #WikiLeaks #PrimaveraÁrabe

RT @agenciapublica: O Mundo Amanhã: as vozes de Guantánamo. #Assange entrevista Moazzam Begg, ex-detento de Guantánamo, e Asim Qureshi <http://t.co/1YtwSiSw>

RT @agenciapublica: O Mundo Amanhã: assista à 2a entrevista da série do @wikileaks onde #Assange conversa c/ Žižek e David Horowitz (Port) <http://t.co/DWht95PN>

RT @agenciapublica: O Mundo Amanhã: Marzouki, um rebelde na presidência. Assista a entrevista de #Assange com o presidente da Tunísia. <http://t.co/TLv1SC7>

RT @agenciapublica: **RT @agenciapublica:** O Mundo Amanhã: assista à 1a entrevista da série do #WikiLeaks onde #Assange conversa com o líder do Hezbollah <http://t.co/TrZunjv>

RT @AnonIRC: Assange delivering a speech while the Ecuadorian embassy seems to be under siege by UK police #Wikileaks <http://t.co/TrZunjv>

RT @AnonIRC: Sabe qual a diferença entre o fundador do Wikileaks, Julian Assange, e o criador do Facebook, Mark Zuckerberg? <http://t.co/...>

RT @emirsader: Assange quebra silêncio na Embaixada do Equador e pede que EUA parem de perseguir WikiLeaks <http://t.co/Bax3FhxF> via @UOL ...

RT @Estadao: Acompanhe cobertura ao vivo do caso Julian Assange: <http://t.co/PLnk0r0U> (via @EstadaoInter)

RT @Estadao: Assange fará discurso diante da Embaixada no domingo, diz porta-voz <http://t.co/XT46BB8A>

RT @Estadao: Ministro da Grã-Bretanha nega salvo-conduto a Assange: <http://t.co/XseYxH8d>

RT @JornalOGlobo: ONU diz que Julian Assange, do Wikileaks, não é refugiado. <http://t.co/groZqvHY>

RT @JornalOGlobo: Os processos e denúncias que marcam a trajetória de Julian Assange, fundador do WikiLeaks. <http://t.co/1AZRpIB4>

RT @olhardigital: Em breve, o Olhar Digital trará relatos exclusivos de Londres, onde Julian Assange, do Wikileaks, está preso na embaix ...

RT @stanleyburburin: 1 - O caso contra Julian Assange fundador de WikiLeaks parece ter chegado a ponto de colapso,

RT @wikileaks: #Waziristan #drone march:# Assange interview with Imran #Khan <http://t.co/dB6h83Qt> #PTI <http://t.co/hsFZXYMC>

RT @wikileaks: A supporter of WikiLeaks founder Julian Assange holds up the Wiphala flag outside the Ecuadorian embassy in Panama City h ...

RT @wikileaks: ANNOUNCEMENT: Julian Assange will give a live statement in front of the Ecuadorian embassy, Sunday 2pm.

RT @wikileaks: Assange describes the scope of US investigation into WikiLeaks at UN address, LIVE NOW <https://t.co/ujbB5Spo>

RT @wikileaks: Assange targeting Gillard in possible defamation case SMH <http://t.co/QLz30i5D> <http://t.co/3I8r6QhR> <http://t.co/p9sNjWBK>

RT @wikileaks: Audio: "The Air Gap", a new BBC radio drama about Bradley #Manning (available for one week). <http://t.co/QA27zlee> ... #Wiki ...

RT @wikileaks: Austria: Assassinate Assange comes to Vienna <http://t.co/YDiumM54> <http://t.co/BnvM0UM3> #News

RT @wikileaks: Big Assange interview on life as a political refugee inside the Ecuadorian embassy Mail on Sunday <http://t.co/cdx6yDoo>

RT @wikileaks: Bradley #Manning suffered unprecedented pretrial abuse Courthouse News <http://t.co/EIosryCe> #WikiLeaks #FreeBrad <https://t.co/...>

RT @wikileaks: Chomsky: Assange is a true democrat New Matilda <http://t.co/pRRcbZbs> <http://t.co/bz4O9bjf> <http://t.co/lz18FRqx> <https://t.co/...>

RT @wikileaks: Ecuador grants political asylum to Julian Assange—Tariq Ali speaks to Russia Today <http://t.co/9VDNpNwq> <http://t.co/h3B82ugs>

RT @wikileaks: Greens MPs: Notice of Motion on the PM withdrawing prejudicial statements on Julian #Assange <http://t.co/xDialZJK> ... #Wiki ...

RT @wikileaks: Interview with WikiLeaks founding member, Daniel Matthews on Assange &

RT @wikileaks: Julian #Assange can remain in the Ecuadorean Embassy indefinitely until granted safe passage <http://t.co/krGRS6Hg> <https://> ...

RT @wikileaks: Julian Assange a big winner for Channel Ten Herald Sun <http://t.co/8QVokL3a> <http://t.co/bz4O9bjF>

RT @wikileaks: Julian Assange addresses UN on human rights - Full Speech (video) - <https://t.co/NGhEkgQD> #WikiLeaks #UNGA

RT @wikileaks: Julian Assange makes statement on balcony of Ecuadorean embassy Telegraph <http://t.co/9MMefFfQ> <http://t.co/bz4O9bjF>

RT @wikileaks: Julian Assange uncut: 55 page interview with Assange of which all but 1 page was censored <https://t.co/I9nNcWUB> more: [htt ...](http://t.co/...)

RT @wikileaks: Let's Not Kill People for Using #WikiLeaks: Why naming Julian #Assange an enemy of the state is a mistake Philly Post [h ...](http://t.co/...)

RT @wikileaks: Media backgrounds for Assange UN talk tonight <http://t.co/FKvmQ6Gf> <http://t.co/aHTflmvw> <http://t.co/sf5sz0C0> [http://t.co/ ...](http://t.co/...)

RT @wikileaks: New live feed from Ecuador embassy - <http://t.co/AC02uYCE> <https://t.co/Vu0iG8xg>

RT @wikileaks: O Mundo Amanhã: Assange entrevista lideranças da Primavera Árabe no Egito e no Bahrein <http://t.co/qirD0uOC> (pt_br) <http://t.co/p9sNjWBK>

RT @wikileaks: Paranoid British police detain son of High Court judge for looking like Julian Assange Guardian <http://t.co/0m1Ccz0R> [h ...](http://t.co/...)

RT @wikileaks: Right NOW is a good time to show your support for WikiLeaks &

RT @wikileaks: RT @orbooks Julian Assange to publish new book, CYPHERPUNKS, with @orbooks <http://t.co/TSC0SWhh> <http://t.co/p9sNjWBK>

RT @wikileaks: RT @wikileaks: O Mundo Amanhã: assista à 1a entrevista da série do #WikiLeaks onde #Assange conversa com o líder do Hezbollah (Port) [htt ...](http://t.co/...)

RT @wikileaks: Swedish marxist perspective on Assange &

RT @wikileaks: Sydney, August 17: Emergency rally for Julian #Assange outside UK Consulate at 5PM. <http://t.co/eLiAx9A7> #WikiLeaks

RT @wikileaks: This Day in #WikiLeaks (18 August): #Assange to speak outside Embassy tomorrow

RT @wikileaks: This Day in #WikiLeaks (19 August 2012): Julian #Assange gives live statement from Embassy

RT @wikileaks: This long letter from Assange outlines many of the media smears against WikiLeaks and how they came to be (pdf) [http://t. ...](http://t.co/...)

RT @wikileaks: Translation of Ecuador Assange asylum press conference WikiLeaks Press <http://t.co/FpeHPiln> <https://t.co/xWcNxCbG>

RT @wikileaks: UK likely to refuse safe passage for Assange to goto hospital for operation <http://t.co/Dr4GhBK4> <http://t.co/bz4O9bjF>

RT @wikileaks: UK Police have been equipped with heat-detection equipment to detect if Julian #Assange tries to leave the Embassy. [http: ...](http://t.co/...)

RT @wikileaks: UK police suppress Assange embassy siege costs total

RT @wikileaks: Video: All speeches from Ecuadorean Embassy on Sunday - Julian #Assange, Tariq Ali, Craig Murray, and more [http://t.co/CX ...](http://t.co/CX...)

RT @wikileaks: Video: Full @GetUp interviews with Julian #Assange and Jennifer Robinson (@suigenerisjen) <http://t.co/8UruzO04> [http://t.c ...](http://t.co/...)

RT @wikileaks: Video: Julian Assange smokes cigar, drinks whisky, plots against totalitarian takeover <http://t.co/kJqEWPCs> [http://t.co/MN ...](http://t.co/MN...)

RT @wikileaks: Videos: The Julian Assange show, all 12 episodes in 5 languages <http://t.co/G6izhSfg> <http://t.co/AAq2jVG9> [http://t.co/bz4 ...](http://t.co/bz4...)

3.4.8 Manutenção da organização

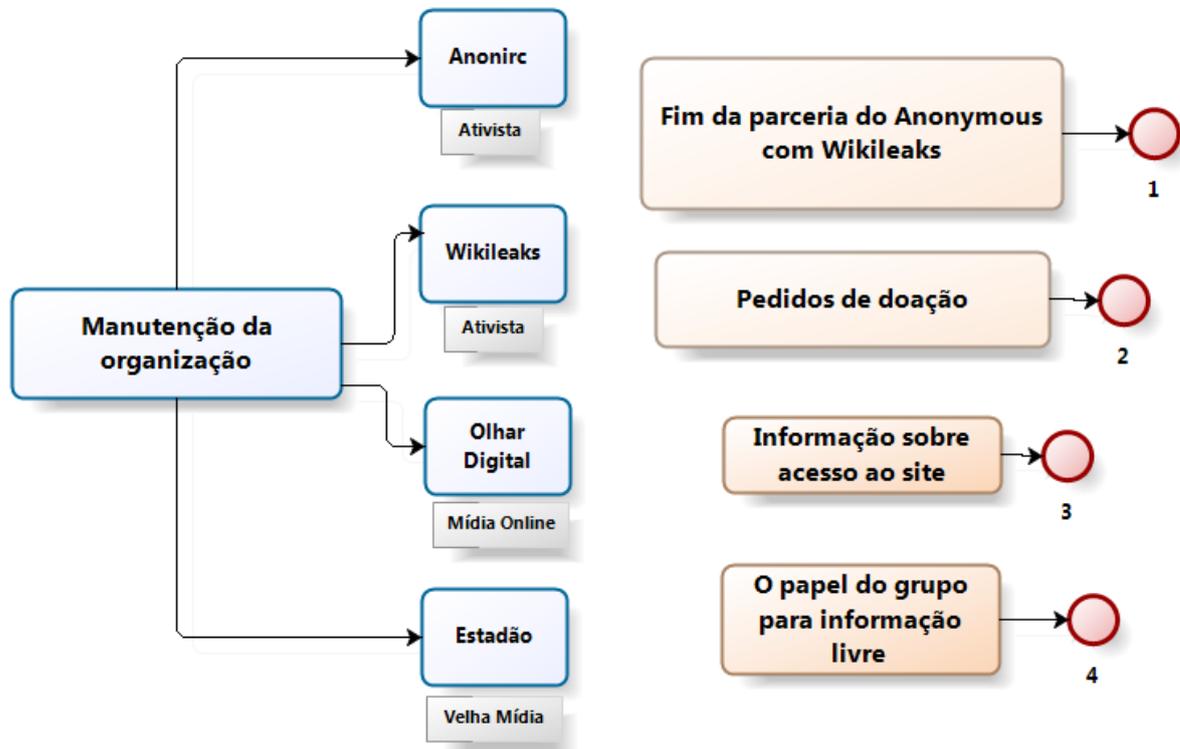


Figura 30 - Mapa mental sobre os *tweets* referentes a manutenção da organização

As controvérsias relacionadas a esse tema dizem respeito ao funcionamento da organização, incluindo seu site e *Twitter*, além da manutenção em geral, com as doações e os importantes colaboradores envolvidos no processo de divulgação das informações secretas. Ou seja, refere-se aos esforços necessários para manter a organização ativa e funcionando sem nenhum tipo de impedimento legal ou ataque hacker. Esse debate representou cerca de 10,12% do total de *tweets* analisados.

Tabela 9 – *Tweets* sobre manutenção da organização

<p>RT @agenciapublica: Amanhã: exibição do filme Sex, Lies and Julian Assange no @cineclubesocio, em SP + papo com Natalia Viana #WikiLeaks</p> <p>RT @AnonIRC: 8 coisas que não saberíamos sem o @WikiLeaks: http://t.co/aDfNRZF7</p> <p>RT @AnonIRC: Atari Teenage Riot - "Black Flags" (@WikiLeaks edit III feat. Boots Riley / Anonymous) http://t.co/g19tdiO6</p> <p>RT @Estadão: Anonymous rompe com Wikileaks, acusando site de esconder documentos para obter dinheiro: http://t.co/tsvtNRNi</p> <p>RT @olhardigital: Anonymous declara que não apoia mais o Wikileaks http://t.co/IP8L5ZBK</p> <p>RT @olhardigital: Viram que o grupo hacker Anonymous desistiu de apoiar o Wikileaks? Entenda os motivos: http://t.co/HSD2ZN5n</p> <p>RT @olhardigital: Wikileaks volta a funcionar depois de dez dias fora do ar http://t.co/YCfKHXXZK</p>

RT @wikileaks: #bitcoin: @wikileaks has received 1,128 bitcoin donations totaling ~3200 #BTC to our public address <http://t.co/2AJ6NSnR> ...

RT @wikileaks: #WikiLeaks .onion mirror available: <http://isax7s5yooqgelbr.onion/> Accessible only through Tor.

RT @wikileaks: Attacks on WikiLeaks increase donations, so the more we need to fight, the more cash reserves we have to fight. But now t ...

RT @wikileaks: Did you know? That the FBI and UK police were conducting raids against WikiLeaks as early as August 1, 2010? <http://t.co/> ...

RT @wikileaks: Have you donated to the Julian Assange legal defense fund? Help us fight the UK <https://t.co/Zc2Guq1j> <https://t.co/ETiQjW5V>

RT @wikileaks: This Day in #WikiLeaks (16 August 2012): Julian #Assange granted political asylum, UK refuses to allow safe passage <http://t.co/> ...

RT @wikileaks: This Day in #WikiLeaks (4 Oct): WikiLeaks turns 6 years old

RT @wikileaks: WikiLeaks and Julian Assange need you. Keep us strong for the big battle <http://t.co/lz18FRqx> <http://t.co/bz4O9bjF> <https://t.co/> ...

RT @wikileaks: WikiLeaks is back open after installing substantial extra capacity and additional help from @cloudflare caching <http://t.co/> ...

RT @wikileaks: WikiLeaks is back open for donations after fighting off week long 10Gb+ DDoS attack <http://t.co/Fyp9yU6T> . Donate before ...

A maior parte das publicações relacionadas a essa controvérsia estiveram envolvidas nos comentários a respeito do rompimento da aliança entre o coletivo *Anonymous* e o Wikileaks, o que de certa forma altera profundamente o funcionamento da organização, uma vez que o grupo sempre foi um importante apoiador do Wikileaks, que já ajudou tanto na divulgação de documentos secretos, como em uma série de ataques hackers a opositores da organização. Os perfis @Estadao e @OlharDigital falaram sobre o assunto em sua timeline, tuitando, respectivamente: “Anonymous rompe com Wikileaks, acusando site de esconder documentos para obter dinheiro: <http://t.co/tsvtNRNi>” e “Anonymous declara que não apoia mais o Wikileaks <http://t.co/lP8L5ZBK>”, ambos linkaram a informação para a notícia completa que pode ser conferida no portal de notícias do veículo online.

Os *tweets* dos perfis @Wikileaks e @Anonirc eram, sobretudo, referentes ao apoio direcionado a organização. O perfil anônimo tuitou “8 coisas que não saberíamos sem o @WikiLeaks: <http://t.co/aDfNRZF7>”, revelando sua admiração pela organização e seu modo de funcionar que proporciona o conhecimento a informações nunca antes imaginadas. Já o usuário @Wikileaks apresentou na maioria de suas publicações, pedidos de doações para ajudar a causa do seu fundador e para manter a organização forte, como os *tweets*: “WikiLeaks and Julian Assange need you. Keep us strong for the big battle <http://t.co/lz18FRqx> <http://t.co/bz4O9bjF> <https://t.co/> ...”⁴³ e “Have you donated to the Julian

⁴³ Tradução livre: “Wikileaks e Julian Assange precisam de vocês. Mantenha-nos forte para a grande batalha <http://t.co/lz18FRqx> <http://t.co/bz4O9bjF> <https://t.co/> ...”

Assange legal defense fund? Help us fight the UK <https://t.co/Zc2Guq1j> <https://t.co/ETiQjW5V>".⁴⁴

3.4.9 Trollagem

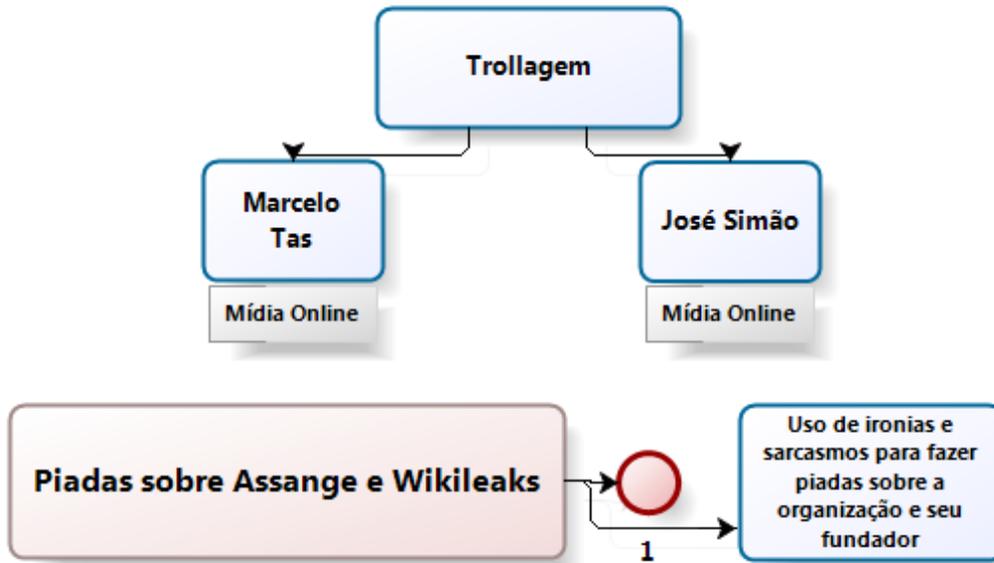


Figura 31 - Mapa mental sobre trollagem

A *trollagem* refere-se a um tipo de controvérsia na qual existe a tentativa de desqualificar determinado debate, seja pela adição do humor, sarcasmo ou comentários inapropriados. Nessa narrativa construída pela hashtag #Wikileaks a partir dos dez perfis mais retuitados, a *trollagem* representou 11,28% dos *tweets* produzidos, sendo o 4º tema mais disseminado.

Tabela 10 – *Tweets* sobre Trollagem

<p>RT @jose_simao: O Bonner virou mineiro: chamou o Wikileaks de Uaikileaks!</p> <p>RT @jose_simao: Wikileaks! Assange acusado por sueca por assédio sexual sem camisinha enquanto ela dormia! Ou ela tem sono pesado ou ele ...</p> <p>RT @jose_simao: Wikileaks! Assange só pode ser preso se ele vazou a idade da Glória Maria!</p> <p>RT @jose_simao: Wikileaks! O Assange tá ameaçado pq vazou q a Angela Merkel é feia pra caraca e q a Hillary é abelhuda!</p> <p>RT @MarceloTas Inglaterra ameaça invadir embaixada do Equador em Londres para prender Assange do Wikileaks. Cade o espírito olimpico?</p>

⁴⁴ Tradução livre: "Você já doou para o fundo de defesa legal Julian Assange? Ajude-nos a lutar contra o Reino Unido <https://t.co/Zc2Guq1j> <https://t.co/ETiQjW5V>".

Dessa forma, a rede de discussão em torno de determinado tema torna-se tumultuada e perde-se a seriedade em torno do tema em questão. Os *tweets* relacionados a *trollagem* foram observados em dois perfis na rede, o jornalista humorístico José Simão, com nome no *Twitter* de @Jose_Simao e o jornalista, apresentador e humorista, @MarceloTas.

Nota-se que todos os *tweets* referentes a @Jose_Simao tentaram fazer humor a partir de informações que circulam na rede sobre Assange, como o *tweet* “Wikileaks! Assange acusado por sueca por assédio sexual sem camisinha enquanto ela dormia! Ou ela tem sono pesado ou ele ...”, que zomba da acusação que o fundador do Wikileaks recebeu de assédio sexual e estupro. Além disso, o jornalista também “trolla” o motivo da prisão de Assange, ao dizer que “: Wikileaks! O Assange tá ameaçado pq vazou q a Angela Merckel é feia pra caraca e q a Hillary é abelhuda!” e “Wikileaks! Assange só pode ser preso se ele vazar a idade da Glória Maria!”, fazendo piada sobre figuras públicas conhecidas. Além disso, @Jose_Simao também faz brincadeira com o apresentador do Jornal Nacional, Willian Bonner, ao tuitar: “O Bonner virou mineiro: chamou o Wikileaks de Uaikileaks!”.

Indo na contramão dos discursos proferidos na rede, o jornalista @MarceloTas também faz um discurso humorístico para a situação de Assange no Equador, dizendo: “Inglaterra ameaça invadir embaixada do Equador em Londres para prender Assange do Wikileaks. Cade o espírito olímpico?”. Aqui, nota-se que o humor do usuário é usado como uma forma de desqualificar o assunto ao redor do fundador do Wikileaks, que já estava sendo amplamente discutido pelos jornais convencionais online, fazendo piadas sobre o tema para tentar minimizar a sua importância.

Observa-se que ambos os perfis, mesmo com poucos *tweets* acerca do assunto, tiveram uma quantidade significativa de RTs e que o qualificaram a um alto valor de grau de entrada. O humor nesse caso é absorvido pela timeline pública ao redor desses personagens, que podem tanto ter se identificado com a piada feita pelos usuários ou apenas terem republicado determinada informação para “trollar” o debate sobre o tema.

CONCLUSÃO

Os conceitos aqui apresentados nos levam a diversas reflexões e indagações, afinal, a narrativa construída pelos atores ao redor da hashtag #Wikileaks é apenas um exemplo que destaca o poder das multidões potencializados pelas ferramentas das novas mídias. As crises, polêmicas, difamações e escândalos da nossa era se darão cada vez mais nesses novos meios, capazes de atingir uma grande massa de atuantes a um clique. E aqueles com o domínio para analisá-los e identificá-los entenderão como emerge importantes discussões nessa rede e terão em mãos ferramentas de gerenciamento de crise online.

O estudo pelo método das cartografias das controvérsias nos fornece técnicas e formas de explorar os escândalos a partir de um determinado ponto de vista. Aqui, a ideia é “observar” e “descrever” o que se vê, e nesse processo, não se pode deixar de considerar o ponto de vista do analista, embutido de suas convicções e certezas, ou seja, não é de forma alguma neutro. Através da análise das falas dos atores, pelos *tweets* anunciados, pode-se perceber como essa rede se organizava e quais perfis estavam envolvidos. Segundo Lemos (2013) são as controvérsias a melhor forma de ver o social se formar, é a partir delas que conseguimos enxergar o caos antes da estabilização. Nesse sentido, como explica o autor, observar as controvérsias é estar atento às redes que se entrelaçam e se desfazem a cada instante. Portanto, não basta analisar os atores por si só, pois essas figuras só existem em suas relações com o outro. É preciso adentrar nesses laços sociais e entender o que determinada anúncio representou naquele contexto específico, qual a atitude de um *tweet* e qual a intenção do perfil ao publicar aquela informação.

É válido ressaltar, entretanto, que os atores dessa guerra em rede narrada pelo Wikileaks são extremamente cuidadosos nas histórias que contam e a utilizam para manter a rede unida, além de garantir a atenção externa necessária. Todo discurso visa a um objetivo particular. Observa-se, por exemplo, que o perfil da própria organização no microblogger *Twitter*, apresentou *tweets* com diferentes debates e discussões. Presente em quase todas as controvérsias, o @Wikileaks é um importante ativista nessa rede, que funciona tanto para pedir doações para o site, como para denunciar os polêmicos documentos vazados pela informação. Aqui, nota-se que os *tweets* visam a públicos distintos, ora para atingir aos Estados e organizações, ora para unir forças na rede de ativistas complacentes ao Wikileaks.

No mapa fornecido pelas controvérsias dessa rede, percebeu-se a grande atividade de publicações e conexões de três diferentes atores, os ativistas, as mídias online (como sites e blogueiros) e os veículos tradicionais de comunicação. A grande presença desses veículos de comunicação pode ser justificada por ser a narrativa jornalística marcada pela comprovação da veracidade dos fatos, com a hierarquização das fontes, a tentativa de uma enunciação distante do caso narrado e a publicação de versões únicas (ANTOUN; MALINI, 2011). Dessa forma, muitos atores dessa rede buscarão nessas fontes “verídicas” de notícias, a confirmação para os fatos que se desenrolam ao redor do Wikileaks. Do outro lado, se apresentam os ativistas, que na luta pela informação livre, muitas vezes se contrapõem aos veículos de comunicação em seus *tweets*. Esse é um cenário que se abre, como já debatido neste trabalho, a partir do surgimento de uma inteligência coletiva, capaz de ser o seu próprio canal de notícias, pois podem divulgar o que querem, ajudando assim na criação de narrativas coletivas, diferente de outras mídias, onde esses atores apenas recebiam o que era passado, sem ter a possibilidade de produzir e divulgar a sua própria interpretação em grande escala.

A análise das controvérsias contribuiu para a constituição de um sentido global do acontecimento. Em que nota-se, por exemplo, que desde o nascimento da ideia revolucionária do Wikileaks, a de trazer os dados abertos ao público, houve uma tentativa de enfraquecimento da organização. Esse processo tornou-se evidente neste trabalho, em que pudemos observar que a figura de Julian Assange foi usada como uma espécie de arma neste cenário de ciberguerra, usada pelas corporações e governos para tentarem diminuir tanto o impacto dos vazamentos quanto os da revolução no jornalismo, evidentes desde o nascer do site. De certa forma, esses debates revelaram que, na medida em que a vida de Assange tornava-se um caos, se levantava ativistas e apoiadores para defendê-lo. E no ciber-ataque, as organizações apontavam os erros, deslizos e novidades sobre o “declínio permanente” do fundador da organização.

A lógica do “enxameamento” é usada pelo editor-chefe do Wikileaks como uma importante ferramenta de desvio do controle e censura. Observa-se que parcerias com veículos tradicionais de comunicação e a organização, representaram a configuração dos documentos nas mãos dos próprios “insetos”, prontos para disseminar essas informações em “sub-unidades”. Os *tweets* aqui analisados, em outro período da história do Wikileaks, também apresentaram a estrutura de “fragmentar” para atingir o todo, sobretudo os perfis ativistas, responsáveis por mobilizar a rede e gerar apoio à causas referentes ao site.

Algumas questões tentaram ser respondidas nesse estudo, mas ainda há um cenário muito extenso a ser preenchido antes que possam ser apresentadas algumas conclusões definitivas. O Wikileaks criou um novo modo de se fazer jornalismo? Houve realmente um deterioramento dessa tentativa de trazer “algo” novo ao mundo à medida que as polêmicas em torno do seu fundador, Julian Assange, iam aumentando? Os atores dessa narrativa serão sempre os mesmos? As últimas controvérsias apresentadas serão suficientes para manter a organização unida na luta pela liberdade de expressão e informação? Essas múltiplas narrativas, observadas com a hashtag #Wikileaks, não apresentam um ponto final, são repletas de dúvidas, perguntas sem respostas e incertezas.

Não podemos deixar de pontuar, todavia, que o cenário pós-Wikileaks abriu caminhos para a “Era Big Data”, possibilitados pelo barateamento das máquinas computacionais e dos dispositivos de captura e armazenamento de dados, como câmeras, celulares, sensores, que criaram uma enorme quantidade de dados disponíveis online (LIMA, 2011). O Wikileaks insere-se nessa cultura *big data* ao disponibilizar na rede milhares de documentos confidenciais. Entretanto, a gigantesca quantidade de arquivos de nada serve se não puder ser transformada em informação. Esse foi o peso do surgimento do Wikileaks para o jornalismo, fazendo nascer novas formas de se lidar com os dados e o tratamento da notícia.

Vemos surgir novos conceitos e sites que operam sobre o mesmo funcionamento colaborativo da organização. Nasce, por exemplo, o conceito de “hacking journalist”, ou seja, aquele profissional capaz de lidar com as novas habilidades necessárias no ecossistema midiático de hoje e aos grandes volumes de informações que precisam ser “descompactadas”. E já existem modelos de jornalismo operando desta nova forma, a exemplo do site *Hack/Hackers*⁴⁵, uma comunidade digital de pessoas que colaboram e se inspiram entre si, formadas por jornalistas (hacks) e tecnólogos (hackers), que juntos repensam o futuro das notícias e informações. Outros modelos também começam a emergir, como OpenLeaks e os próprios veículos tradicionais de comunicação que estabelecem seus canais de “leaks” em seus portais, a exemplo da Folha de São Paulo, com seu site “Folha Leaks”⁴⁶.

A narrativa dessa ciberguerra do #Wikileaks nos mostra a liberdade que as pessoas encontram na rede para agir de forma organizada e colaborativa, criando assim mais valor pessoal, por

⁴⁵ Disponível em: <<http://hackshackers.com>>. Acesso em 10 de maio de 2013.

⁴⁶ Disponível em: <<http://folhaleaks.folha.com.br/>>. Acesso em 10 de maio de 2013.

estarem ativas ao invés de passivas, por serem produtoras e não apenas consumidoras de informação. Os atores dessas controvérsias estarão constantemente alimentando os debates e as incertezas presentes nas discussões. Questões políticas sobre o Wikileaks e vazamentos, foram por exemplo, as duas principais discussões encontradas na rede, que nos confirmam o jogo de interesses dos perfis envolvidos na mobilização da hashtag #Wikileaks. Os usuários que se destacaram na narração desses debates eram os mesmos: ativistas, mídia online e velha mídia. Em relação aos ativistas, em particular, as questões políticas são importantes por muitas vezes serem um empecilho para o desenvolvimento da organização, por outro lado, a mídia online e velha mídia são os verdadeiros breaking news, prontos para levarem ao “entendimento público” novidades que envolvendo a política de toda a parte do mundo. Da mesma forma, os vazamentos são a matéria-prima que move a fábrica do Wikileaks, sem eles, a organização perde a sua função primeira de transparência da informação e disponibilização dos documentos confidenciais ao público em geral. Aqui, o jornalismo encontra a fonte de notícia sem limites, com milhares de informações sigilosas que caíram na rede, assim veremos grande participação desses grupos de comunicação divulgando e reinterpretando esses conteúdos confidenciais de acordo com seus interesses.

É válido ressaltar que no cenário formado por todas as controvérsias, o @Wikileaks se configura como o próprio canal de informação sobre os acontecimentos envolvendo a organização, estando presente na maioria absoluta das discussões. É esse perfil ativista que ocupa o lugar central na rede e é dele que se origina o maior número de retuites. O próprio @Wikileaks é o responsável por divulgar vazamentos, mobilizar seus seguidores, chamar a atenção para questões políticas envolvendo a organização e alimentar o debate entorno de ataques hackers na rede e polêmica envolvendo os atuantes do grupo, por exemplo. Esse cenário ressalta o poder da organização em agir como principal difusora de informações em detrimento dos veículos tradicionais de comunicação.

Isso se explica, por estarem esses perfis ativistas envolvidos em um valor cívico, conceito de Clay Shirky (2011), que explica o valor compartilhado por um grupo dedicado a melhorar a sociedade. Esses participantes, não querem apenas melhorar a vida do seu grupo, mas até a daqueles que nunca participaram. As motivações da maioria dos atores envolvidos no projeto #Wikileaks são reais, a de levar o mundo a um estágio avançado, em que a transparência pública passa a ser uma realidade. A capacidade técnica já temos, o que importa agora é como vamos utilizar essas novas ferramentas para gerar transformação. O motivo esses atores já

possuem e como destaca Castells (2010): “[...] enquanto houver pessoas dispostas a fazer *leaks* e uma internet povoada por *wikis* surgirão novas gerações de *wikileaks*”.

REFERÊNCIAS

ALBERGARIA, Danilo. **A utopia desmontada**. Com Ciência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, 2009. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=48&tipo=resenha>>. Acesso em 28 de abril de 2013.

AMADEU, Sérgio. O fenômeno Wikileaks e as redes de poder. In: IV Encontro da Compolítica, 2011, Rio de Janeiro. [**Trabalhos apresentados**]. Disponível em: <www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/.../Sergio-Amadeu.pdf> Acesso em: 23 abril de 2013.

ANTOUN, Henrique; MALINI, Fabio. Controle e biolutas na cibercultura: monitoramento, vazamento e anonimato na revolução democrática do compartilhamento. In: XX Encontro da Compós, 2011, Rio Grande do Sul. [**Trabalhos apresentados**]. Rio Grande do Sul: 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/MRKO9F>>. Acesso em 17 de março de 2013.

_____. **Ontologia da liberdade na rede: a guerra das narrativas na internet e a luta social na democracia**. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 286-294, setembro/dezembro 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/8196>>. Acesso em 23 de julho de 2012.

ARQUILLA, John; RONFELDT, David. **Cuál es el futuro de las redes y de las guerras em rede?** In:_____. Redes y guerras em rede: el futuro del terrorismo, el crime organizado y el activismo político. Madri: Alianza editorial, 2003.

_____. **La aparición de la <<guerra em rede>> revisado¹**. In:_____. Redes y guerras em rede: el futuro del terrorismo, el crime organizado y el activismo político. Madri: Alianza editorial, 2003.

ARTHUR, Charles. Analysing data is the future for journalists, says Tim Berners-Lee. **The Guardian**, 22 nov.2010. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/media/2010/nov/22/data-analysis-tim-berners-lee>>. Acesso em 25 de abril de 2013.

BARBROOK, Richard. **Futuros imaginários: das máquinas pensantes à aldeia global**. São Paulo: Petrópolis, 2009.

BASTIAN, Mathieu; HEYMANN, Sebastien; JACOMY, Mathieu. **Gephi: An Open Source Software for Exploring and Manipulating Networks**. In: Gephi Org. Disponível em: <<https://gephi.org/publications/gephi-bastian-feb09.pdf>>. Acesso em 10 de maio de 2013.

BASTOS, Marco T; TRAVITZKI, Rodrigo; RAIMUNDO, Rafael. **Tweeting Political Dissent: Retweets as Pamphlets in #FreeIran, #FreeVenezuela, #Jan25, #SpanishRevolution and #OccupyWallSt**. In: University of Oxford, Internet Institute. Disponível em: <<http://microsites.oii.ox.ac.uk/ipp2012/marco-bastos-rodrigo-travitzki-rafael-ramundo-tweeting-political-dissent-retweets-pamphlets-freeira>>. Acesso em 10 de maio de 2013.

BRUNO, Fernanda. **Cartografia das controvérsias: notas (2)**. Dispositivo de Visibilidade, 2010. Disponível em: <<http://dispositivodevisibilidade.blogspot.com.br/2010/12/cartografia-das-controversias-notas-2.html>>. Acesso em: 07 de maio de 2013.

CASTELLS, Manuel. A ciberguerra do Wikileaks. **Observatório da Imprensa**, 15 dez. 2010, ed 620. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a-ciberguerra-do-wikileaks>>. Acesso em: 26 de abril de 2013.

_____. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

_____. **Comunicación y Poder**. Madrid: Alianza, 2009.

CASTILHO, Carlos. Fim dos segredos na política e economia: o outro lado. **Observatório da imprensa**, 08 abril.2013. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/posts/view/o_outro_lado_do_fim_dos_segredos_na_politica_e_economia>. Acesso em 20 de abril de 2013.

CHAIA, Vera; TEIXEIRA, Marco Antonio. **Democracia e escândalos políticos**. São Paulo Perspec. [online]. 2001, vol.15, n.4, p. 62-75. ISSN 0102-8839. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000400008>> Acesso em: 30 de março de 2013.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; OLIVEIRA, de Cândida. Jornalismo pós-wikileaks: deontologia em tempos de vazamentos globais de informação. **Contemporanea - Revista de Comunicação e Cultura**, Bahia, vol. 9, nº2, p.231-245, 2011. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/5072/3884>. Acesso em 10 de janeiro de 2013.

CURTY, Renata Gonçalves. Plataforma para o Conhecimento Coletivo. In: TOMAÉL, Maria Inês.(Org). **Fontes de Informação na Internet**. Londrine: EDUEL, 2008. p.53-78.

DOMINGOS, José Antonio. **Wikileaks: segredos, informações e poder**. Bauru, SP: Idea Editora, 2011.

EQUADOR concede asilo político à Julian Assange. **Jornal O Globo**, 16 ago.2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/equador-concede-asilo-politico-julian-assange-5803722>>. Acesso em: 25 de abril de 2013.

EVERTON, Sean F. **A guide for the visually perplexed: visually representing social networks**. Stanford University, jan.2004. Disponível em: <www.stanford.edu/group/esrg/.../networkmemo.doc>. Acesso em 26 de abril de 2013.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FILHO, Francisco Bejamin. **XHITS: Estendendo o algoritmo hits para a extração de tópicos na WWW**. Tese – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=7081@1&msg=28#>. Acesso em: 24 de abril de 2013.

FRANCIS, Rosário. O caso Wikileaks e a primeira ciberguerra da história. **Muita Pimenta**. 9 dez. 2010. Disponível em: <http://muitapimenta.com/o-caso-wikileaks-e-a-primeira-ciberguerra-da-historia/>. Acesso em 11 de junho de 2012.

FREITAS, Leandro Q. **Medidas de centralidade em grafos**. 2010. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

FRUCHTERMAN, Thomas M.; REINGOLD, Edward M. **Graph Drawing by Force-directed Placement. Software- Practice and Experience**, vol.21, nov.1991. Disponível em <http://pdf.aminer.org/001/074/051/graph_drawing_by_force_directed_placement.pdf>. Acesso em: 25 de abril de 2013.

GILMOR, Dan. **Nós, os media**. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

GRANIERI, Giuseppe. **Geração blogue**. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão: guerra e democracia na era do império**. Trad. Clóvis Marques. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

JACOMY, Mathieu. et al. **A Graph Layout Algorithm for Handy Network Visualization**. 29 ago.2011. Disponível em: <http://webatlas.fr/tempshare/ForceAtlas2_Paper.pdf>. Acesso em: 04 de maio de 2013.

JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface – Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

JUNIOR, Célio Faria. **Análise de redes sociais para Inteligência Competitiva**. Slides. Disponível em: <<http://www.celiojunior.com.br/arquivos/AnaliseRedesSociaisInteligenciaCorporativa.pdf>>.

KERCKHOVE Derrick De. **Prefácio ao livro Geração Blogue**, de Giuseppe Granieri. Lisboa: Editoria Presença, 2006.

KLEINBERG, Jon M. **Authoritative Souces in a Hyperlinked Environment**. In Proceedings of the 9th ACM-SIAM, 1998. Disponível em: <www.cs.cornell.edu/home/kleinber/auth.pdf>. Acesso em 24 de abril de 2013.

KREBS, Valdis. La vida social de los routes. Aplicando el conocimiento de las redes humanas al diseño de las redes de ordenadores. **REDES- Revista hispana para el análisis de redes sociales**, ano 9, vol.11, 2006. Disponível em: < http://revista-redes.rediris.es/html-vol11/Vol11_9.htm>. Acesso em 24 de abril de 2013.

LEIGH, David; HARDING, Luke. **Wikileaks: a guerra de Julian Assange contra os segredos de Estado**. Campinas, SP: Verus, 2011.

LEMOS, André. **Cartografia das controvérsias**. Prezi, 2011. Disponível em: < <http://prezi.com/bxz1z7h3xnga/cartografia-de-controversias/>>. Acesso em: 08 de maio de 2013.

_____. **Cibercultura – tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LÉVY, Pierre **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed.34, 1999.

_____. **As tecnologias da Inteligência**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1993.

_____. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. **A Inteligência Coletiva**. São Paulo: Loyola, 1998.

LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. Jornalismo computacional em função da “Era Big Data”. **Cáspere Líbero**, São Paulo, v. 14, n. 28, p.45-52, 2011.

MALINI, Fábio. Cobertura colaborativa nas redes sociais: entre a emergência e a programação. In: 9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2011, Rio de Janeiro. [Trabalhos apresentados]. Disponível em: < <http://fabiomalini.com/wp-content/uploads/2011/09/artigo-final-Malini-sbjor.doc>>. Acesso em 20 de março de 2013.

_____. **Genealogia da Internet: parte II- movimentos sociais 69/79**, 2010a. Disponível em: < <http://www.slideshare.net/fabiomalini/genealogia-da-internet-parte-ii> >. Acesso em 05 de março de 2013.

_____. **Genealogia da Internet: primeiro período (1945-1969)**, 2010b. Disponível em: < <http://www.slideshare.net/fabiomalini/genealogia-da-internet>>. Acesso em 05 de março de 2013.

_____. Modelos de Colaboração nos meios sociais da internet: uma análise a partir dos portais de jornalismo participativo. In: ANTOUN, Henrique. (Org.). **Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2008. p.83-100.

_____. **O comunismo das redes: sistema midiático p2p, colaboração em rede e novas políticas de comunicação na Internet**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://fabiomalini.files.wordpress.com/2007/12/tese-final.pdf>>. Acesso em 10 de outubro de 2012.

MANOVICH, LEV. **El lenguaje em los nuevos medios de comunicación: la imagen em la era digital**. Trad. Óscar Fontrodona. 1ªed. Buenos Aires: Paidós, 2006.

MARCELINO, Marcelle D. **Expressões da multidão: as narrativas online dos indignados do protesto em Vitória**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Ufes, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo. Vitória, 2012.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan: 2002.

MURRAY, Janet Horowitz. **Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. São Paulo: Ed. da UNESP; Itaú Cultural, 2003.

NICOSIA, Vincenzo. **Modularity for community detection: history, perspectives and open issues**, Dipartimento di Matematica e Informatica, 2008, Catania, Itália. Disponível em: <<http://supernet.isenberg.umass.edu/fulbright-catania/workshop-talks/nicosia-nagurney-daniele-workshop.pdf>>. Acesso em: 20 de abril de 2013.

O'RELLY, Tim. **O que é a Web 2.0 - Padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software**. 2005. Disponível em: <http://www.montanaagriculture.com.br/imagens/downloads/837105.pdf>. Acesso em 20 de outubro de 2012.

PACHECO, Liliana. Wikileaks e Internet: O que poderá mudar no jornalismo a partir daqui. **Estudos em Comunicação**, Portugal, nº9, p.31-43, 2011. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/09/pdf/EC09-2011Mai-02.pdf>>. Acesso em: 22 de abril de 2013.

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. Contracampo (UFF), v. 14, p.37-56, 2006.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RHEINGOLD, Howard. **Multitudes inteligentes**. Barcelona: Gedisa editorial, 2004.

ROHR, Altieres. Comunidade do Anonymous acusa Wikileaks de 'traição e retira apoio. **G1 Globo**, 15 out.2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/seguranca-digital/2012/10/15/comunicado-do-anonymous-acusa-wikileaks-de-traicao-e-retira-apoio/>>. Acesso em: 24 de abril de 2013.

ROSA, Mário. **A era do escândalo: lições, relatos e bastidores de quem viver as grandes crises de imagem**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

RUBÍ-GUTIÉRREZ, Antoni. **La política vigilada: la comunicación política em la era de Wikileaks**. Barcelona: Editorial UOC, 2011.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Lá vem todo mundo: o poder de organizar sem organizações**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SILVA, Thiago S.A. **Um estudo de medidas de centralidade e confiabilidade em redes**. 2010. Dissertação – (Mestrado em Tecnologia) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2010.

THOMPSON, John B. **O escândalo político: poder e visibilidade na era da mídia**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

VEJA cronologia do caso Julian Assange. **Jornal do Commercio**, 17 ago.2012. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/internacional/noticia/2012/08/17/veja-cronologia-do-caso-julian-assange-e-galeria-de-fotos-53014.php>>. Acesso em: 25 de abril de 2013.

VIVEIROS, Eduardo Luiz. Resenha do livro de Manuel Castells, “Comunicación y Poder”. **Aurora**, Revista de Arte, Mídia e Política, São Paulo, nº10, p.135-140, 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/4410>>. Acesso em: 19 de abril de 2013.

WIKIPEDIA. **Teoria dos Grafos**. In: Wikipedia: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_dos_grafos>. Acesso em: 01 de maio de 2013.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Trad. Isael Crossetti. Porto Alegre: Sulina, 2003. 232p.